3 1761 07044954 1

PQ
9261
C34N6
1908
v.3

HANDBOUND
AT THE

UNIVERSITY OF
TORONTO PRESS

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/novastelaslitera03cast

21 8899
I

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 60.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol.)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII — Palestras religiosas e Consolações (2 vol.)
XXXIX a XLV—Casos do meu tempo (7 vol.)
XLVI—Estreias poeticas para o anno 1853 (1 vol.)
XLVII a L—Télas literarias (4 vol.)
LI—Os ciumes do bardo, As Flores, e A confissão de Amelia (1 vol.)
LII e LIII—Mil e um mysterios (2 vol.)
LIV—A noite do Castello.
LV—Tributo portuguez á memoria do Libertador.
LVI e LVII—Tratado de Metrificação (2 vol.)
LVIII a LX—Novas telas literarias (3 vol.)

NO PRÉLO:

LXI—Methodo portuguez de leitura

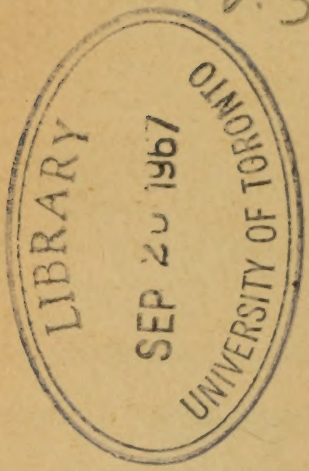
OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
LX

NOVAS TELAS LITERARIAS

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1908

PQ
9261
C34N6
1908
v.3



XXXVII

Carta a Manuel Roussado

ACERCA DO POEMA COMICO «ROBERTO»

paródia do «D. Jayme» de Thomaz Ribeiro

(1862)

Meu poeta.

Depois das pequenas amostras, que eu já conhecia, da sua paródia ao poema do nosso amigo Thomaz Ribeiro, excusado fôra encarecer-lhe o desejo que eu sentia de ver o total da sua obra; parecia-me difficil que um trabalho d'este genero, prolongado por nove cantos, se podesse aguentar sempre com egual interesse.

O chôro cança; mas o riso cança ainda mais depressa.

O obsequioso presente do seu livro chegou-me na mais triste conjuntura. Outro poeta, do seu mesmo genero, e que havia tambem começado a paródia do *D. Jayme,* Antonio de Cabedo, meu optimo e inalteravel amigo, achava-se moribundo; agora, já nos está perdido para sempre.

No meio de tamanha tristeza, folheou-se por acaso o novo livro; e tal é elle, que eu mesmo pedi logo a sua leitura completa; fez-se, e eu escutei-a; maior nem mais verda-

deiro elogio, não o sei. Se o meu Cabedo, tão propenso para a poesia folgazan, e tão dextro em a manejar, tivesse ouvido esta, applaudia-lh'a como eu, porque era uma bella alma, que se não ralava com invejas.

Outros que discutam a moralidade das paródias em geral, e as suas vantagens e desvantagens para as obras parodiadas, para os autores d'ellas, e para os progressos da Literatura em geral; não me quero intrometter n'essa pendencia. Digo só, que o meu modo de sentir acerca das parodias, tendo-lhes sido favoravel n'outro tempo (a ponto de que tambem n'isso me exercitei), d'então para cá, por effeito da reflexão e da experiencia, recebeu profundas modificações, e talvez se passou para os arraiaes oppostos. Todavia o seu *Roberto* agrada-me tanto, que espero não repetir menos vezes a sua leitura, do que repeti a do proprio *D. Jayme*, que sei quasi de cór, como toda a gente, começando pelo parodiador.

Dando-lhe os meus agradecimentos pela sua generosa offerta, não quiz deixar de lhe retribuir com todas estas verdades muito sinceras.

Parodiadores em prosa, sem arte, nem gôsto, nem graça, nem consciencia, trazem-me já de muito entre dentes, e glosam todos quantos elogios faço, fingindo tomal-os por outras tantas ironias. Fie-se mais em mim, do que n'elles; e, se o meu voto em coisas d'estas vale alguma coisa, creia que o dou muito de veras a favor do seu livro, que me parece (e é inquestionavelmente) cheio de engenho, de sal cómico, de facili-

dade muitas vezes elegante, e de talento, de que só a inveja ou a má fé poderiam duvidar.

Uma só coisa me inquieta a respeito d'esta publicação: o seu *Roberto* é um exemplar tão curioso e atractivo, que receio venha a tornar-se contagioso. Escrevedores de poucas posses literarias, de ruim consciencia, e eivados de inveja contra tudo que por méritos se distingue, hão-de (¡oxalá que não!) atirar-se d'aqui em diante a quantas obras insignes acertarem de nascer em Portugal. Os *D. Jaymes* são raros, e podem bem aguentar-se contra as paródias, como resistem ás críticas desarrasoadas; mas, a baixo dos *D. Jaymes*, ha ainda na escala poetica logares muito invejaveis; e n'esses podem as más críticas, e as paródias exercer influxos mui funestos.

¡Praza a Deus que eu me engane, e que o amigo de Thomaz Ribeiro não chegue a arrepender-se um dia, de ter prestado esta homenagem folgasan ao talento do nosso já immortal poeta!

Bem sabe como é a mediocridade, e o ponto a que tem chegado a anarchia e a irreverencia na republica das Letras. Temo, e temo muito de veras, os effeitos d'estes dois triumphos reunidos: o de Ribeiro na alta poesia, e o de Roussado na paródia.

Sou, com toda a sinceridade, que lhe deixo provada,

Seu admirador e obrigado servo.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1862.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

XXXVIII

Escola Casal Ribeiro

Carta ao Redactor do semanario lisbonense
ARCHIVO PITTORESCO

(1864)

Meu velho amigo Tullio.

Restituo-vos a prova do Relatorio, do admiravel Relatorio, do nosso Carlos José Caldeira.

Quando vol-a pedi, não foi só para me regalar, primeiro que os demais leitores do nosso *Archivo*, com as instrutivas noticias e judiciosas observações contidas n'aquelle papel, que eu escutára com a maior attenção no acto solemne da Escola Casal Ribeiro, em 13 de Março proximo-findo, e que, por isso mesmo, dobrado empenho tinha em analysar detidamente. Desejava, sobre tudo, que tal documento não sahisse desacompanhado de um testemunho solemne da minha adhesão ás suas doutrinas, e do meu cordeal agradecimento, já para com o autor, já para com tantos outros amigos, que n'aquelle dia me opprimiram com os seus louvores, até ao ponto de me deixarem mudo.

E depois de tão bons propósitos, falto ao que a mim proprio promettêra; ¿que importa? o espaço que eu vos deixar devoluto no *Archivo*, sei que o haveis de empregar (segundo o vosso costume velho) em coisas muito uteis e de geral sabor.

*

Recommenda aquelle meu bom mestre, e muito autorisado exemplar e conselheiro de moralistas, Julien de Paris, que, antes de nos pôrmos a qualquer trabalho, pequeno ou grande, nos perguntemos cuidosamente qual o seu proveito; ¿*cui bono*? Excellente regra; ¡que prospérrima revolução no mundo, se todos a seguiramos!

Ora eu, que tanto creio hoje no préstimo real, omnímodo, e infallivel, do *cui bono*, maxima que só por si contrapéza todos os livros de bom conselho, tinha sido na pratica de toda a minha vida (não sem vergonha o confesso, e bem o sabeis vós) um dos seus mais despropositados e contumazes infractores. Dôze lustros porém, perto de treze, eram já tempo de sobra para me deter no caminho errado que não vai parar senão em ruinas, e tomar pela boa senda, arrimado ao bordão da experiencia, e com a lanterninha do meu Julien de Paris sempre a diante.

*

¿Que ia eu fazer? ¿alguns commentarios a meu modo, sobre os factos e dados que nos ministra o conscienciosissimo Relatorio do

nosso Carlos José Caldeira? ¿mas *cui bono?* ¿de que servia isso? eram mais algumas prègações no deserto.

Instrucção popular, verdadeira Instrucção popular, e logo com as suas naturaes applicações, que aliás para nada presta, e se alguns frutos dá, serão antes venenosos que prestadios, n'uma palavra, escola civilisadora de vez, vê-se claramente que a não querem, ou não a sabem querer por ora.

Não digo que se lhe opponham e a repulsem; esse extremo da barbárie já lá vai; mas dão-lhe apenas meia attenção, e um quarto de amor, o que tudo, expremido e apurado, equivale a nada, ou quasi nada.

Que progredimos, não ha dúvida; mas tão de vagar, tão de vagar, que mal o percebem os observadores mais attentos.

Já passámos as mais geladas e espêssas trevas da ante-manhan; ¡mas o arrebol do dia novo anda por ora tão indeciso!... Ha um ou outro passarinho madrugador, d'estes que parecem ter ido buscar lá muito em cima, e em primeira mão, a sua fé, que, se ainda se não atreve a cantar as alvoradas, já cuida ver verdejar e clarear, e já pipilla á gente do trabalho a ver se a acorda. Mas essas aves de bom agoiro, ou bom annúncio, poucas são, e nada podem para accelerar a claridade criadora.

Está provado que o mundo se não apressa por se impacientarem os nossos desejos. Nenhum botão se torna fruto, sem primeiro crescer a pouco e pouco, abrir, córar, explicar-se em flôr, desenvolver orgãos, fecundar-se, e fortalecer-se. E' uma lição que a

Natureza nos dá todos os dias, de toda a parte, por todos os modos.

¡E eu sem ter reparado n'ella! ¡eu a cuidar para mim, e para os meus trabalhos, que bastaria mostrar a verdade intrinzeca de uma coisa, e a sua conveniencia, para que instantaneamente lhe quizessem, e a quizessem todos! Foi um grande êrro, e summa ignorancia da Historia; tenho-o pago.

Maturam-se talvez frutos, e envelhecem-se vinhos artificialmente; mas não assim as grandes verdades sociaes; essas não arribam de utopia a facto, senão apoz um largo praso de succesivas aquisições, assimilações, e transformações. ¡Quem m'o tivera sabido ha quatorze annos!

Mas... tambem n'isto que ia a dizer agora eu desarrasoava. ¿Quem me diz a mim, que estes quatorze annos de trabalhos apparentemente baldos, de lutas sem victoria por então visivel, de amarguras sem desconto nem consôlo, de exfórços generosos por uma parte, de covardias e brutalidades por outra, por outras, e por muitas, não entravam como ingredientes providenciaes para a composição de futuros menos ruins, que eu, profundamente confiado na Providencia, espero de fé, e que, se em vida me não chegarem, continuarei a esperar, então já mais paciente, debaixo da pedra?

*

O que, porém, no meio de tantas incertezas, é certissimo para mim, e creio que para Vós tambem, pois tendes vivido e pelejado a

vossa milicia no mesmo mundo que eu, a isto se reduz: que nem os que sabem ler, e governam, e dirigem, e podem muito, curam como devem da Instrucção do Povo, nem o Povo a cubiça, a aprecia, nem lhe suspeita sequer a utilidade. E' uma divida millannária dos grandes aos pequenos, que nem os grandes pagam, posto que já a confessem, nem a maioria dos pequenos reivindica, e nem mesmo aceita o poucochinho que por conta se lhe offerece.

E' pois um mal complexo de dois males, quando menos.

O tratamento é difficillimo, sem dúvida, e cheio de perplexidades. ¿Como se ha-de acudir efficazmente á atonia e sonolencia dos poderosos? ¿Como se ha-de acudir á cegueira, incúria, e perguiça, dos necessitados que nem reconhecem que o são?

Eu por mim, depois de muito pensar n'isto, confesso que já não sei que vote ou aconselhe.

*

No meu pobre livrinho de sonhador, a *Felicidade pela Instrucção*, lembrei quanto me parecia digno de ser pelo menos experimentado. Desde a persuasão religiosa e amoravel, até ao rigor, tudo me pareceu dever-se recommendar, para que a plebe, com vontade ou sem ella, se deixasse domesticar e instruir. Nada se fez, nem se tentou.

Pedi que se adoptasse o ensino elementar atractivo e rapido, se o havia (como realmente havia, e ha) bem demonstrado pela experiencia; e, se d'elle se não estava ainda

bem certo, se tratasse de o verificar; e, verificado, se imposesse obrigatoriamente ao magisterio official.

Pedi que a todo o custo se abrissem as mãos com largueza, para se terem mestres primarios idóneos, independentes, e zelosos, e casas de escola formosas, saudaveis, e convidativas, em harmonia com a amenidade dos methodos, e com a religiosa suavidade dos mestres novos que por elles professassem.

Mostrei o como, para maior e total facilitação do aprender para todos, não só se deviam generalisar os Cursos dominicaes e nocturnos, mas tambem as escolas ambulantes.

Apontei como os prasos dos trabalhos escolares se deviam fazer coincidir com os prasos de maior folga das lidas rusticas ou industriaes, a cada povoação.

E, como estes, mil outros remedios, bons ao menos para serem experimentados, sem exceptuar o rigor obrigatório, tão energicamente pedido por Vós n'aquelle bello improviso, que todos vos admirámos no grande dia dos premios da Escola Casal Ribeiro.

Em summa: de todas as questões, de substancia ou de fórma, intrínzecas ou extrínzecas, relativas á arroteação intellectual e moral do Povo, e do modo de se aproveitar depois para grandes e immensos fins de felicidade pública a sciencia do ler e do escrever, nada (cuido eu) se poderá já alvitrar, que eu não deixasse ao menos apontado, ou n'esse mesmo opúsculo, ou na *Felicidade pela Agricultura*, ou no minucioso officio di-

rigido ao Ministro do Reino Rodrigo da Fonseca Magalhães, e publicado no *Diario* official, em refutação de certo parecer de professores contra o Methodo portuguez; officio, que reunido fundiria um bom volume. E já não falo de muitos outros escritos, com que ha tantos annos sollicíto de Reis, de Ministros, de magnates, de opulentos, de associações, de parlamentos, de corpos municipaes, de Prelados, de Commandantes militares e da Armada, de todos emfim, a Instrucção, em que todos devêramos espontaneamente e á porfia trabalhar.

Com tudo isto porém, bem o sabeis, e bem vos doe tambem a Vós, pouco se tem logrado.

*

Os que só olham as coisas pela rama, não fazem fim de encarecer a quantia de escolas novas, que se fundam de dia a dia por todo esse Reino.

Bom é (não ha dúvida) que as povoações carecentes de escolas se lembrem já de as pedir; que as respectivas Autoridades abonem e apadrinhem o requerimento; que este seja favoravelmente consultado pelo Conselho de Instrucção pública, e pelo Governo deferido. De todo o dinheiro esperdiçado, ou quasi, o menos para se chorar será sempre o que assim se despender; ao menos, são reconhecenças de vassallagem a um principio santo. Mas... (verdade verdade) a multiplicação das escolas materiaes só por si bem pouco vale, se por ventura vale alguma coisa. São capellinhas de almas, fundadas em char-

necas por beatos mendicantes, mas onde não ha festa, nem lampada, nem ermitão zeloso, nem sineta que chame. A crendeirice dos rusticos bem poderá pregoar, sob a fé authentica de milagres pintados em taboinhas por algum Raphael d'aldeia, que vão saudar de longe aquelle tectosinho encarnado, e passando por lá lancem devotamente algum cobre no gazophilácio. Não digo que não; mas digo só, que não espero de taes capellas nem grandes curas para enfêrmos, nem allivios para as esterilidades, nem estimulos para a verdadeira devoção. O unico beneficio terá sido dar-se de comer (ainda que pouco) ao ermitão.

*

Trato d'isto assim, meu amigo, porque taes comêços de reforma não são, nem podem ser, sérios.

¿Que são escolas sem ensino? ¿Que é ensino sem mestre? ¿Que é mestre sem methodo nem congrua?

¡Quanto mais não valeria do que dez e vinte escolas nominaes, fingidas, antipathicas aos paes, odiosas aos filhos, immoraes por muitos modos, e que em annos e annos quasi nada ensinam, uma só escola bem frequentada, bem regida, bem contente, bem fecunda!

São as d'esta especie que hão-de convencer o vulgo de que o aprender é util, agradavel, e facillimo; emquanto aquell'outras, as de que nós inçamos as provincias, só valem para confirmar cada vez mais a plebe

na sua aversão hereditaria para com o que nós lhe chamâmos, no nosso estylo artificioso, fontes do saber, mas em que elles, com o seu pingue bom-senso natural, não descobrem, por mais que abram os olhos, senão póços, ou sêccos ou salôbros, que não prestam para beber nem para regar, e onde, pelo pêso dos baldes e emperrado das roldanas, é menos a agua que se tira, que a que se sua.

Emfim, esperemos. Atraz de tempos tempos veem. Já se gósta de ir instituindo umas coisas que teem o nome de escolas; d'aqui a alguns annos, poderá ser que se criem escolas verdadeiras. E não sejamos pessimistas; para lá caminhâmos nós; por bastantes signaes, e bem claros, se reconhece.

*

A Escola Normal primária de Lisboa, que tem de crescer como gigante, mas nasceu já adulta, é um alfôbre de bons mestres, adextrados theórica e praticamente nos bons methodos. São outros tantos apóstolos das sans doutrinas, que de anno para anno se hão-de ir espalhando pelas terras de Portugal, convertendo e convencendo com os milagres de que possuem o don, e aparelhados pelo amor e pela fé, até para o martyrio se preciso fosse.

¡Possam tão boas fadas, como as que assistiram á fundação d'este ubérrimo seminario, fadar tambem, á hora do nascimento, a não menos antes muito mais importante Escola Normal primária feminina, que sem-

pre é para a Instrucção popular o viveiro das aves mães.

O que já são, e o que tacitamente promettem, os alumnos-mestres do normalissimo instituto de Marvilla, reconhecem-n-o todos que o visitam, e temos nós tido occasião de o verificar nos exames e na festa da Escola Casal Ribeiro.

*

A Escola Casal Ribeiro é outra manifestação incontestavel, de que se está providencialmente operando um progresso real no assumpto que nos occupa e nos desvela. ¡Que facto! ¡que exemplo! ¡que incentivo!

Morre uma grande mulher, tão mimosa da fortuna como da Natureza, e logo das proprias cinzas renasce mãe. O herdeiro do seu sangue, do seu nome, e das suas virtudes, ergue-lhe por mausoleo uma escola feminina, planta-lhe um cipreste immortal destinado para um immenso ninho, escóra-o com esteio de oiro, põe-lhe por guarda e vigia outro espirito, outro amor, em tudo egual do seu amor e do seu espirito; e, não pago com tudo isto, continúa de anno a anno, e de dia a dia, a proteger com o seu mais entranhado carinho aquelle verdadeiro berço de mysteriosos futuros duas vezes santo: assente sobre um sepulcro de todos venerado, e cingido de saudades que não teem de morrer nunca.

*

Lembrado estareis, meu Tullio, do alvorôço com que eu festejei aquella fundação,

na carta com que, em nome da Associação promotora da Educação popular, agradeci ao illustre fundador, tanto a rara obra, como o exemplo edificativo. Aquelle meu enthusiasmo para com elle, em vez de se cançar com o correr dos annos, não tem feito senão crescer; e as rasões por quê, lá as tendes Vós archivadas nos relatorios do zelador, do ecónomo, do genio vivificante da Escola Casal Ribeiro, o nosso bom Carlos José Caldeira. ¡Que homem tambem este! ¡que modesto operario do porvir!

¡Não apparecer já em cada freguezia rural um, pelo menos, como elle! Poderá ser que ainda appareçam; nem só os máus exemplos hão-de ser contagiosos. Continuae Vós a semear pela Imprensa essas noticias, que nem toda a semente ha-de ser pisada ou comida.

Ha, louvado Deus, muitos ricos por esse Portugal, muitos fidalgos, muitos párochos, muitas senhoras sem filhos e com haveres, que, se alguma hora reflectirem no que já é, e no que promette ainda, esta amoravel escola do Beato, bem poderão encher-se de santas invejas, e reproduzil-as para beneficio de seus visinhos.

¿Recordais-vos do que nós a este respeito exhortavamos aos ricaços, ha já agora um par de annos, no vosso jornal *A Semana*, por occasião de certo baile? Tinhamos rasão; ¿não tinhamos?

Pois hoje parece-me que ainda mais se deveria martellar no mesmo ponto.

Voltam do Brazil tantos Portuguezes endinheirados, e trazem em geral tão acrisola-

do pela ausencia o amor á terra em que nasceram, que, se vissem (n'estes relatorios sequer) a Escola Casal Ribeiro, talvez se apressariam em applicar antes as suas liberalidades ao ensino dos ignorantes, que a outras muitas obras de Misericordia de menos alcance, ou a simplices accessorios do culto externo.

Ora teimae n'isto, e havei-me grande fé; que tudo é licito esperar de uma gente que se lembrou de estabelecer, e estabeleceu, a *Madrépora*, a mais christan, a mais rara, a mais auspiciosa, de todas as associações do nosso tempo.

¡Se algum d'esses homens serios, depois de edificar na sua aldeia a sua casinha nova, muito conchegada e muito vistosa, dissesse com os botões das suas árvores: «Assim como plantei isto, ¿por que não hei-de plantar uma escola? Assim como isto, para frutear, primeiro me floresce, ¿por que não hade a escola ser tambem amena e deliciosa, para dar maior proveito? Quero eu tambem á minha parte mostrar a quem governa, que um ensino sympathico e perfeito mette no escuro a uma duzia de sanzalas de escravosinhos brancos, onde o que só abunda são os castigos, d'onde o que só se aprende é ódio ás Letras, e perguiça!»

E depois, tudo está em principiar.

O primeiro abastado que tal fizesse, não só perseveraria por muito seu gôsto, e muitissimo abençoado, senão que teria a glória de ser imitado de muitos outros, e, a final, a de ver tambem mais cedo convertidos os superitendentes da Instrucção pública.

Os serões provincianos são tão vazios, os do inverno sobre tudo tão aborridos e bocejados, que uma boa escola nocturna, onde se aprende cantando e rindo, dentro em pouco se torna a *assembleia* da terra, o seu espectaculo, e o seu brazão, afamado nos logarejos circumvisinhos.

Que o diga, entre outras, a escola com que o Párocho de Arganil tanto civilisou e moralisou a sua freguezia.

*

Ora, por este e outros factos de escolas boas, fundadas e mantidas por diligencias e á custa de particulares de claro entendimento e grande coração, é que eu digo e provo que, se officialmente progredimos pouco em Instrucção elementar, sempre por outras vias cá nos vamos adiantando.

O signal porém mais evidente de ser isto assim, tivemol-o nós, meu amigo, n'aquella propria sessão solemne, em que foi lido o Relatorio.

Era n'um domingo, e de bom sol apóz tão enfadonhas invernias, quando os ânimos folgam de se espairecer e tumultuar. Era fóra, e não muito perto da Cidade. E comtudo, mais de trezentos devotos e devotas da civilisação enchiam as salas da Escola, achando-se presentes pessoas em todos os sentidos das mais conspícuas.

Durou horas o acto, e ninguem antes do fim se retirou, ou se distrahiu. Todos approvaram, e nem sempre tacitamente, os votos e alvitres dos diversos oradores em prol da

Instrucção popular. Sentia-se que um só e identico espirito animava a todos: que se forcejasse por todos os modos para que o ensino elementar, gratuito, apetitoso, perfeito, e rapido, em todo o caso se multiplicasse, e diffundisse os seus beneficios por aquelles tristes que por ora o desconhecem, o desaceitam, e o repulsam.

De oito vozes eloquentes que ali soaram, em discursos que oxalá se tivessem escrito, nenhuma deixou de apostolar, com a vehemencia da convicção, os bons principios; e (permitti-me recordar-vol-o) nenhuma, nem a de Casal Ribeiro fundador da Escola, nem a do seu director e historiógrapho Caldeira, nem a de Marianno Ghira, illustrado e zeloso Commissario dos Estudos, nem a do fervoroso e já tão benemerito fundador da Escola Normal, Luiz Filippe Leite, nem a de Francisco Vieira da Silva, prestantissimo Presidente da Associação promotora dos melhoramentos das classes laboriosas, nem a do nosso incomparavel Mendes Leal, nem a d'aquelle sympathico alumno-mestre da Escola Normal, nem finalmente a vossa, tão cheia de verdade intima e de uncção; nenhuma de tantas vozes, repito, deixou ali de dar público e solemne testemunho do que aliás se vê, se palpa, e se não poderia já escurecer: que o Methodo portuguez é um verdadeiro progresso em todos os sentidos.

Recebei Vós, e elles, e todos os que depois na Imprensa reiteraram taes pregões, nomeadamente os honradissimos Redactores da *Federação*, recebei, amigos sinceros

da civilisação, os meus cordeaes agradecimentos.

Não é como autor do Methodo que vol-os tributo (em nenhuma coisa podia ser mais descabido o amor-proprio); é sim, e unicamente, como membro da interesante Familia portugueza, cuja felicitação é a mira unica de nós todos.

*

Não sei, meu optimo Tullio, se não estarei já de muito a abusar-vos da paciencia com estas superfluidades. Não o confessareis de certo, mas receio-o eu.

Vou concluir; e ha-de ser, para quietação da consciencia de ambos, com um alvitre prático, muito facil, e quanto a mim infallivel, em favor da regeneração da Instrucção elementar em Portugal. E se quereis que vos diga toda a verdade, foi principalmente para vol-o apresentar a Vós, e por Vós aos vossos leitores, isto é, a toda a gente, que eu me resolvi hoje a escrever-vos. O meu *cui bono* está aqui.

Posto, como fundamento demonstrado, inconcusso e inconcutivel, que o Methodo portuguez sobreleva, intellectual, moral, e socialmente, a todos os *methodos* e *modos* de ensino primário conhecidos entre nós, fica logo axioma que é pelo Methodo portuguez, e por nenhum outro, que devem professar os mestres, a quem a Nação paga para que lhe instruam os filhos.

Dêmos de barato, ou antes de graça (e graça pesada) que se pode deixar aos preceptores publicos a livre escôlha de ensinar

bem, ou de ensinar mal. O que ninguem se afoitará jamais a dizer, é que o instituidor bom, e o instituidor máu, o que não corresponde ao fim para que foi instituido, e o que o preenche cabalmente, sejam benemeritos por egual, e devam ser com egualdade retribuidos. O contrário manda claramente a Biblia: *Qua mensura mensi fueritis, eadem remetietur vobis.*

Renôvo portanto aqui a proposta, que ha já muitos mezes dirigi por carta ao Ex.mo Ministro do Reino Braamcamp:

Não se tire embora o officio, nem se diminua o ordenado, aos mestres que se não quizerem sujeitar ao bom ensino; mas aos que o abraçarem, o seguirem, e por elle apresentarem annualmente os resultados, que nas escolas reformadas se admiram, augmente-se-lhes o estipêndio; e, para maior corôa de incentivo, se lhes outorgue a jubilação com menos annos de serviço do que aos outros.

A proposta é tão exequivel como justa, e tão justa como promettedora de uma prosperrima restauração.

Vamos a ver se pegará d'esta vez; pode ser. Ao Ministerio do Interior preside um liberal verdadeiro, e grande amigo da Escola.

Os signaes são bons; agora a virtude Deus lh'a ponha. Ajudae-me Vós com a vossa penna; talvez facilitareis o milagre.

Segunda resposta á pergunta do nosso Julien de Paris; *¿cui bono?*

*

Vêde se insinuais aos vossos amigos e auxiliares da *Madrépora*, que já tão amigos são de que o Povo cá da sua terra se vá instruindo, que fundem elles alguns premios para os mestres bons. Elles não poderão mais, mas podem por certo mais depressa, que o Governo. Em elles dizendo *Faça-se*, fez-se; em quanto um Governo constitucional, com informes, consultas, Camaras, legislativas, Commissões, pros e contras na Imprensa, por mais que se apresse, chega sempre tarde.

E' a differença que vai do acender com fusil, pedreneira, e isca humida, ao FIAT LUX.

Vosso para sempre e como sempre.

Lisboa, 24 de Abril de 1864.

A. F. DE CASTILHO

XXXIX

N'um Album

de pessoa desconhecida, enviado a Castilho para que o inaugurasse.

(1865)

Album, que vens não sei d'onde, que pertences não sei a quem, que me procuras antes dos mais (não sei porquê), avejão branco, ¿tu que pretendes de mim?

¿Que te inicie nas Letras?

Se adivinhasses o que ellas custam, e o que ellas rendem, o quanto ellas amam, e o quanto o mundo as maltrata, o quanto aspiram a bemfazer, e o quanto as fórçam a malfeitorias... déras parabens á tua sorte, por não te poderem ainda accusar de uma unica letra.

¿Vens para que eu te baptise, e te introduza na communhão dos albums?

E' quereres passar da tua immaculada innocencia original, ao viver peccaminoso contra a poesia e a prosa, contra o gôsto e a grammatica.

Retira-te pois, pobre livro, por ora innocente. Torna te para d'onde vieste. Somete. Fecha-te. Sê o livro dos quatorze sellos. Faze para todo sempre o que já de annos está fazendo quem te dá este conselho de amigo, e de experimentado.

Entre as arvores de Tibur, 22 de Agosto de 1865.

A. F. DE CASTILHO

XL

Carta ao livreiro Antonio Maria Pereira (pae)

editor do

POEMA DA MOCIDADE de Manuel Pinheiro Chagas

(1865)

Amigo snr. Pereira.

Parabens e agradecimentos por este livro, em tudo novo, com que V. S. vai prendar a nossa Literatura. Boa fortuna para a publicação, excusado fôra desejar-lh'a, pois a tem certa; affiança-lh'a o nome do autor, já com tanta rasão popularissimo.

Todo o meu fim, escrevendo-lhe esta carta, e rogando-lhe o favor de m'a agregar ao seu voluminho, é mostrar, bem pública e solemnemente, quanto o ser-me elle offerecido, e com tantos extremos de benevolencia, me deixou empenhado em gratidão.

Por aqui me podéra eu ficar; mas nós outros, os ermitães, somos palreiros de nosso natural; tomâmol-o das árvores do deserto, e dos passarinhos que nos visitam.

Consinta-me pois que, sem ir impedil-o nem estorval-o no seu tráfego utilissimo, nem me demover a mim d'estas ociosas

sombras, que me estão abrigando da cidade e do estio, eu converse com V. S., a proposito do nosso poeta e do seu livro. Faça de conta que é uma viração fortúita, que vai, cá d'esta banda do despovoado, dessual o por alguns momentos no seu trabalho. Não lhe dê mais attenção do que ella merece, que tão desambiciosa nunca a houve.

*

E antes de mais nada: devo-lhe declarar muito chanmente, que, desde que sahi do seculo para esta cova, ha já annos, se me entraram a confundir em tanta maneira as ideias da Crítica, do Bello, da Arte, da Natureza, do verdadeiro, do falso, do sublime, e do ridiculo, que hoje estou como pasmado no meio do que por ahi vai, com este temporal desfeito de obras, de encómios, de sátyras, de plásticas, de esthéticas, de philosophias, e de transcendencias.

Depois que se confundiram as Linguas, eu, que ia subindo, humilde servente, de degráu em degráu, com o meu côche de cal á cabeça, e ambas as mãos apegadas aos banzos da escada, estaquei sem entender mais palavra, nem aos aprendizes nem aos mestres; e tão ourado do juiso, que ás vezes se me entre-figura que o descer sería subir, e o subir descer. Subam os outros que ainda crêem na torre, pois todos viram (e comprehenderam, segundo parece) o risco e traçado do total da obra. Subam, subam, muito nas boas horas, que eu, para me não preci-

pitar, obedeci ao natural pendor: redescendi, e recolhi-me ao tugurio em que me criei.

Continúo a ter para mim por *bello* e *bom*, o que, sem dissertações nem subtilezas, todos sentem ser *bom* e *bello;* por *feio* e *máu*, o que, tambem sem raciocinios nem argucias, repugna e repugnou sempre aos instintos moral e intellectual do Genero humano.

Fez-me Deus tão terrestre como isto, amigo snr. Pereira. Julgo a Poesia, como a abelha julga as flores, segundo lhe cheiram, ou não, a mel; e como a ave, por um tino que aprendeu lá muito em cima, desprésa um sitio para o ninho, e elege outro.

E, se lhe hei-de dizer tudo que sinto, parece-me que, se outros seguem regiões mais sublimes, a mais segura sempre será esta; porque o Povo, tão alheio ao que se chama sciencia, porém mais achegado do que os sábios á Natureza primitiva e genuina, tem um faro maravilhoso para aventar a Poesia d'onde quer que ella lhe venha; e até é elle, a final de contas, elle, o grande selvagem, e o ignorante por excellencia, quem aquilata com mais acêrto as producções do talento, quem as mette na tradição, quem lhes dá a glória perduravel.

¿Estarei eu paradoxando sem me sentir? Creio que não.

¿Pois não foi, de certo, o gôsto do Povo da Grecia, quem tornou por lá vulgares e immortaes os hymnos religiosos dos Orpheus e Linos, os rompantes bellicos dos Tyrteus e Harmódios, as cantigas namoradas e nativas das Saphos e dos Anacreontes, os idyllios dos Théocritos e Móschos, as tragédias

nacionaes dos Sóphocles e Euripides, as comédias conterrâneas dos Aristóphanes e dos Menandros, e as epopeias patrioticas de Homero?

Eguaes perguntas, e todas para eguaes respostas, se poderiam fazer sôbre as Literaturas de todos os povos anteriores e posteriores áquelle grande Povo grego, cem vezes maior pelos seus poetas e artistas (nenhum dos quaes saberia estremar *plástica* de *esthetica*), do que pelo seu encyclopédico Aristóteles, de quem nunca por ventura lá se ouviria falar entre os populares, e nunca de certo nas conversações espontâneas e gratissimas dos gyneceus.

*

Regala-me poder conversar isto assim com V. S., que é um juiso claro e allumiado, e que, lidando pelo seu officio só com livros, deve ter por experiencia aprendido que os mais queridos do Povo, e os mais ás rebatinhas procurados, não são os das idealidades e abstracções mascaradas em Literatura e Poesia; mas sim aquelles, em que a Natureza humana se apresenta como Deus a fez, e o diabo a desfez em parte; em que o mundo physico se pinta pelo natural; em que a sociedade se reproduz; em que as fábulas mesmo da Poesia teem sua verdade, e toda a verdade sua utilidade; em que a Patria que foi, ou que é, ou que se deseja, se debuxa para outras tantas lições; e em que, finalmente, desde as concepções mais remontadas, até ao estylo e á linguagem, tudo é in-

telligivel, fluente, conchegado com a nossa indole, com a nossa criação, com os nossos hábitos, e com os nossos interesses.

*

Um exemplo nos basta para provarmos tudo isto de uma vez.

¿Que autor ha ahi hoje em dia tão lido e relido, e tão copiosamente reestampado, como o nosso Camíllo Castello Branco, cuja laboriosa vida Deus dilate, para crédito das boas Letras, incentivo e exemplar a escritores novéis, que tão esmarridos e transmontados se nos andam?

Coisa da Providencia parece, que este autor, tão bem dotado para ajudar a reformação literaria da nossa gente, reformação que de dia para dia está urgindo cada vez mais, é, ao mesmo tempo, de uma fertilidade, que nos está de contínuo renovando a materia de que necessitam estes estudos, estudos sem nome, estudos sem cançasso nem tedio, mas estudos de momentosa utilidade. E' uma fonte que mana sempre, e sempre suave, e sempre limpida, e sempre retratando: ora as amenidades e coisas terrestres, ora os azues do céo; que refrigéra as sêdes, que fecunda os campos, e que Deus sabe se não irá lá ao diante, em algum córrego emboscado, dar impulso e vida a algum pobre engenho prestadio.

Todo o Público, homens e mulheres (que só ellas, ainda que não escrevam, entram com mais de metade nas reformações do gôsto), almeja nunca farto pelos romances,

que nunca cessam, do seu chronista philósopho predilecto. Não cançamos de o ler, como não cança de escrever. São-lhe necessarios uns poucos de editores.

*

E pois que falei de editores, entidade quasi nova ainda para entre nós, dê-me licença, para lhe dizer o que a sua modestia ainda lhe não deixou suspeitar: o nome de Antonio Maria Pereira, já editor de Camillo Castello Branco, de Mendes Leal, de Julio Cesar Machado, e agora de Pinheiro Chagas, tem de figurar, se me não engano, com muito agradecido louvor, na Historia literaria do nosso tempo.

Editores por mera especulação mercantil, são alquiladores ignóbeis, e nada mais; ou muito mais e peor, quando, não satisfeitos de contratos leoninos com os escritores, depois de os roubarem e despirem os matam no meio do pinhal. Mas um editor honesto, e não leigo, que ama as Letras, não só porque dão frutos de prata, mas porque são de si mesmas formosissimas; que sabe ver, de envôlta com o valor commercial de uma obra, o seu valor intrínzeco para a civilisação; que no imprimir não considera só a sua casa, mas tambem a cidade; esse traz presente sempre ao ânimo, que as horas do operario intellectual são muitas vezes roubadas ao descanço, ao somno, á saude, e á vida, e até (não raro) aos commodos e futuro da familia.

Este editor assim (supponha que lhe falo

de outrem) julga-se tão nascido para os que escrevem, como a elles para elle proprio; quer a fortuna em commum, pois em commum a anceiam e afanam. Não é magarefe, que para avolumar oiro no seu bornal, merque rêzes, e as conduza cabisbaixas ao matadoiro; é pastor, que leva estes pobres animaes imprevidentes aos melhores pastos e aguas que sabe e pode, e se delicía de os ver fartos e contentes no seguro das sombras que mais os medram.

E Deus a final recompensa-o: faz-lhe brotar da generosidade a abundancia, que tantas vezes falha aos calculos do avaro; abundancia, e abundancias: abundancia de dobrões, e abundancia de amigos; abundancia de serviços á Patria, e abundancia de bom nome.

Aquelle tão sympathico e memoravel cavalleiro romano, Pompónio Attico, bem merecedor do seu appellido, ¿não sabemos nós que tem largo quinhão na gloria de Cicero, não só pelo ter a miudo exforçado no trabalho, e encaminhado com a crítica desinvejosa e discreta, mas como editor de suas obras? Se não fôra elle, e Tirão, o erudito e zeloso liberto, que auxiliavam ao Gigante da eloquencia na parte mais espinhosa e prosaica do seu lavor literario, ¡quem sabe quanto essa descommunal estatura, tão propria e tão digna da antiga Capital do Mundo, se não teria aguarentado aos ólhos da Posteridade!

Digo mais: o nascerem talentos, e grandes talentos, não é raro; o raro é favorecerem-n-os as circumstancias, e aproveitarem-se.

Ninguem escreve, senão para ser lido. A não ser essa fecunda ambição, o pensar só para si, e de si a dentro, e ainda o não pensar de todo em todo, era muito mais commodo, e todos o prefeririam Mas ¿como se ha-de escrever para ser lido, se do extramundo dos que estudam, meditam, e compõem, não houver uma ponte certa e sólida para o mundo dos que lêem? Esta ponte é a edição. ¡Bemditas as mãos que a levantam! ¡bemditas para os de cá, e bemditas para os de lá! De lá nos vem a luz; de cá lhes vai a vida, o applauso, e o ânimo. Serviços e beneficios mutuos, perfeitamente compensados.

A edição facil e segura é para o mundo do saber o que são para o mundo do haver as vias-férreas. Nas charnecas e descampados, por onde passam e repassam os vagões, desbravam-se os maninhos, levantam-se villas e cidades, nasce e cresce a indústria da terra e das officinas, que já tem por onde desemboque e se derrame.

*

¡Quem me dera ver ainda em minha vida este nascente commercio, de tão multíplices vantagens, vingado ao maior ponto de substancia e dilatação! E' o segundo dos meus grandes votos; porque o primeiro é, e será sempre, o da criação da escola primária, facil, attractiva, rapidissima, onde todo o Povo, por gôsto e por obrigação, se matricule, e se baptise para a vida social.

¡Como estas duas coisas se casam e coadjuvam harmonicamente!

¡De uma parte, todos a saberem ler, e desde logo a desejarem-n-o!

¡Da outra, os espiritos eleitos a desentranharem-se em livros bons para acudirem a essas cubiças!

E de uns a outros, a edição facil e pronta correndo como um aqueduto que traz das nascentes dispersas e longinquas as aguas para todas as ruas, para todas as casas, para todas as fabricas, para todos os hortos e jardins, puras sonóras, festejadas, resplandecentes, saudaveis, alegres, criadoras!

Os livros, quaes se devem desejar, de proficuidade, de barateza, e de agrado, antevê-se que os poderemos chegar a ter, e por elles muita civilisação, como ás chuvas, depois das grandes séccas, costumam os lavradores chamar gottas de oiro. Mas ha de tardar ainda, em quanto se não entender que a escola é para criar ledores; e em quanto, para editar as obras, se não organisar uma sociedade possante e protectora, uma companhia do gaz intellectual, que, para se opulentar, faça no meio da ignorancia pública jorrar as luzes por toda a parte.

Parece-me, meu amigo (tome o pulso ao seu ânimo, e não descordará) que ninguem estava ahi mais proprio a todos os respeitos para se propôr com os seus confrades a uma tal empreza.

Se é isto sonho, não me acorde, que é delicioso; sonhe comigo:

Imagine-se já no centro de um vasto e formoso armasem de livros, contiguo e mistico a

uma typographia de primeira plana; expedindo literatura e sciencia para todos os pontos de Portugal e Brazil, talvez para muitos da Hespanha e de outras partes; recebendo d'aqui e d'ali manuscritos, cuja existencia lhe é originariamente devida, e cujos autores, pouco antes desconhecidos ao Público e a si proprios, acenderam a sua actividade na do editor, e ficarão trabalhando, porque já vêem um fim, e muitos fins, no seu trabalho.

E não ha só frutos; ha tambem flores n'esse grangeio. Ahi se encontram quotidianamente, como nas lojas dos Sosias de Roma, os Virgilios, os Livios, os Horacios, os Sallustios, e os Tibullos; os que estudam e escrevem, e necessitam de ir espairecer o ânimo e refocillar o espirito no trato com os seus collegas. E' uma academia fortuita, mas activa, em que uns a outros se ajudam com a animação, com as noticias, com o bom conselho, com a critica amigavel, até com a emulação, e se consolam de mordacidades invejosas, e muitas vezes párvoas e ignaras, aspirando já uma não sei que viração fecundativa, que vem lá das bandas do nascente, da posteridade, alentar brios para a conquista difficillima da gloria.

A isto chamei *flores*, enlevado no deleitoso; mas, se bem as espreitarmos por dentro, e a fundo, ainda n'ellas se nos descobrirão mais frutos, e melhores.

*

Muito ha, que me eu pergunto a mim, d'onde proviria esta enfermidade, que hoje

grassa por tantos espiritos, e de que até alguns dos mais robustos adoecem; que faz com que a Literatura, e em particular a Poesia, anda marasmada, com fastio de morte á verdade e á simplicidade, com o olhar desvairado e visionario, com os passos incertos, com as côres da saude trocadas em carmins postiços, os trajos singelos e proprios em roupagens pintalgadas de doida, e a voz tão frouxa, por mais que forceje em a engrossar, que nem acorda eccos pelas almas, nem se levanta aos entendimentos, nem penetra nos corações, nem deixa ás memórias algum vestigio.

E' um grande mal, sem dúvida, e pegadiço, de mais a mais; esterilisa o presente, e ameaça os successores.

Nos nequiores mox daturos
progeniem vitiosiorem.

Veio isto aos engenhos juvenis, como aqui ha annos deu a praga nas laranjeiras, que iam deixando as noivas sem grinalda; nas vinhas, que iam dando cabo do sangue dos velhos e da alegria das mezas; e nas oliveiras, que pouco faltou que não deixassem as lâmpadas ás escuras.

São ares ruins, que ás vezes cursam, ora pelo vegetativo, ora pelos corpos animados, ora pelos entendimentos e pelas vontades tambem, sem que se possa dizer ao certo d'onde se geraram, nem como, nem de quê. ¡Tão difficultosa é por isso a cura de todas essas pestes!

N'estes apêrtos é que o instinto aconselha as preces;

... Quid enim nisi vota supersunt?

Eu, por mim, faço-as aqui no meu deserto, onde cuido que inda o contágio não chegou; e faço-as, com muita fé e esperança não direi, mas com entranhada caridade, posso affirmal-o; pois não sei de maior lástima do que ver assim enfermiças, e prever mortas para dentro em pouco, almas das mais bem nascidas, e que podiam gosar-se de uma eternidade.

*

Lembra-me que uma das causas, a que o mal se pode attribuir, será a falta de convivencia mútua d'estes pobres mancebos, que, tendo sido pela Natureza predestinados, se fazem precitos; que, talhados para resplandecerem no pantheon d'aquelles genios que os seculos ficam adorando, se condemnam ás trevas, proximas do limbo onde cahiram para todo sempre os Marinis, os Gongoras, e os Jeronymos Vahias.

Attribue a Baroneza de Staël a originalidade dos escritores allemães ao viverem-se elles disgregados e solitarios, criando e alimentando cada um para si uma Philosophia, uma Arte, uma Religião, uma Moral, e um Ideal, e logo até uma Linguagem independente e incommunicativa com as demais philosophias, artes, religiões, moraes, ideaes, e linguagens. Assim será; mas cumpre

acrescentar áquelle reparo outro reparo; e vem a ser que, de todos esses fabricantes de mundos imaginarios e exclusivos, nem todos, nem a maior parte, nem muitos, nem quasi nenhuns, vão ao catálogo dos homens que a Humanidade aceita decididamente; se não que a maior parte, depois de um rapido luzir, e um pouco de estrondo (quando o fazem) desapparecem como meteóros, deixando o logar a meteóros novos, que egualmente se aniquilam.

Moisés disse que Deus vira não ser bom que o homem estivesse desacompanhado; mas era n'um paraiso, com sciencia infusa, e recem-animado do sôpro divino. Falou Moisés como duas vezes propheta: propheta do passado, e propheta do futuro. Não é realmente bom que os homens vivam disgregados.

—Onde estiverem dois ou tres,—disse o proprio Deus—ahi estarei Eu. Isto é: onde os individuos poserem em commum os entendimentos, as fôrças, e as vontades, ahi apparecerão os milagres que desenvolvem o mundo, que aperfeiçôam a nossa espécie, e progressivamente a felicitam.

São estas já hoje em dia verdades triviaes, que ninguem contesta, com que todos se conformam, e a que todos servimos, até sem o pensar, levados do espirito do seculo.

*

Descendo, e particularisando, acho pois que, se apparecesse na Capital das nossas terras este verdadeiro *Grémio literario*, com

tão multíplices atractivos, dentro em pouco, se não logo, o trato e convivencia dos velhos e dos moços, dos que possuem o saber feito de experiencia, e dos que possuem a audácia temerária do sangue em cachão, dos que leram muito, meditaram muito, e erraram muito, e dos que ainda teem muito e quasi tudo para ler, para meditar, para errar, e para acertar, corrigiria uns por outros excessos. Os seixos, rojados promíscuos na torrente, vão quebrando suas asperezas, e arredondando-se; uns, pequenos, se eram pequenos; outros, maiorês, se eram maiores; cada qual de sua rijeza, de sua côr, de sua indole, mas todos a final polídos e trataveis.

¿Por que é que Athenas foi Athenas, o viveiro ubérrimo do Bello sob todas as fórmas imaginaveis? Porque ali as artes, e os artistas, sob os ólhos dos deuses e das mulheres, conviviam familiarmente, e perennemente se interinspiravam.

¿Como é que os Medicis criaram um seculo de glória? Atrahindo e aproximando os espiritos bemfadados para ella.

¿Por que é París a capital da intelligencia, a pacífica revolucionária civilisadora do Mundo, a árbitra do gôsto universal, e a que vai infiltrando de contínuo a sua nas outras linguas? Não é, de certo, porque os seus habitantes sejam de outra massa, nem os seus ares mais inspirativos que os de Florença, os da Attica, e os de Portugal. E' porque em Paris reside toda a vasta França intellectiva, e cada um ali é estimulado por todo o pólen que se effunde de quantos o rodeiam.

Então digo eu, descendo outra vez d'es-

tes maximos exemplos: o que por lá se deu e dá, em tão grande auge, ¿por que se não poderia dar tambem cá em ponto pequenino? ¿Por que nos julgaremos tão fóra das condições humanas, tão inertes, tão ingalvanisaveis, e tão malditos, que não possâmos aproveitar muito para a nossa cura literaria com estas e semelhantes congregações?

*

Outro alvitre em sêcco, já que n'este meu bosque, e pelo tempo que vai correndo, se não pode fazer coisa que mais valha.

Confessei eu não saber de que se originára a feia doença de que anda trabalhada a nossa Poesia, e em geral a nossa Literatura; e, na minha boa verdade, que o não avento. Se já alguma hora tivéramos chegado a um *non plus ultra* de perfeição, se tivéramos tido um arremêdo sequer de seculo de Augusto, entendia-se a decadencia; que do summo não se passa, nem no ápice se permanece; assoma-se lá a grande custo, e redescende-se rapido, quando não é com precipicio e despenho. E' o que a Historia literaria mostrou sempre.

Corromper-se porém em tanta maneira uma Literatura que nunca chegára deveras a amadurecer, ¡grande enigma, grande confusão, e grande lastima!

Querem alguns lançar as culpas a certos exemplares extrangeiros mal folheados e peor entendidos, obras de homens grandes sim, mas de homens; extranhamente mescladas de muito bom, e de muito mau; fas-

cinadoras pela novidade e esplendor do estylo, que, visto de longe, e por estrangeiros, ainda parece mais formoso, e engana muito mais. O inexperto devora tudo aquillo por junto, e sem escôlha, como o tubarão engole na cegueira da sua gula sôffrega, o alimento e o ferro, as carnes e os harpeos, o que o pode sustentar, e o que não pode deixar de o destruir.

Os espiritos novéis e boçaes, capazes de doutrina, mas sem doutrina nem paciencia para a grangearem, em vez de fazerem, como as discretas abelhas de Lucrécio, a selecção dos succos proprios para o mel, rejeitando o que nos mesmos bosques floridos, a par com esses néctares, se cria de mais baixa natureza, e até damnosa, preferem pelo contrario, quasi sempre, o que mais houveram de evitar.

A ser esta, de feito, a causa, ou uma das maiores causas, do derrancamento que no gôsto literario se deplora, um remedio (se não certo, ao menos para tentar) seria o fazer-se contra o veneno d'esses livros triága com outros livros. As feridas da lança de Télepho, curava-as a mesma lança. Assim se tem já visto, e se está vendo todos os dias, remediar a Imprensa graves estragos d'ella mesma occasionados.

Se a affectação e a enfatuação, se a falsa grandeza, que não é senão tumidez ventosa, se a ambição e incongruencia dos ornatos, se as palavras em logar de coisas, as argucias em vez de pensamentos, a sobejidão nauseabunda anteposta á parcimonia que sustenta e robustece, e o relampaguear ha-

vido por allumiar, se tudo isto, combinado em diversas proporções, segundo variam as indoles, as horas, ou o gráu da doença dos escritores, constitue em resumo a desgraça de muitissima da nossa Poesia actual, parece logo que o tratamento per si se está aconselhando. Deverá consistir em se trazerem outra vez para a meza literaria os alimentos substanciaes, simplices, e sadios, que nos deixaram as edades antigas reputadas por mestras, e por mestras confirmadas do gôsto universal, que isso, e nenhuma outra coisa, quer dizer *classicas*.

Leia embora quem quizer, e nas más horas imite ou desfigure, certos livros novos, de que pouca noticia por ventura chegará aos nossos netos; mas releiam-se e meditem-se ao mesmo tempo os que, de geração em geração, e ainda depois de mortas as Linguas em que foram compostos, teem resistido a todas as revoluções e transformacões, e são ainda tão vivos e vivazes, como nos dias da sua primitiva florescencia, se não mais.

Trasladem-se os eternos exemplares da Grecia antiga, e da antiga Roma, para a linguagem hodierna, com o desvelo e respeito que merecem.

Aceite-os, festeje-os, e vulgarise-os a Sociedade editora, já que a outras portas se tem batido em vão com este rogo; e não haja receio do que o beneficio lhe sáia oneroso.

*

Muito de propósito falo dos modelos romanos e gregos; e de bôa-mente acrescen-

tára ainda os escolhidos da França, da Italia, e de qualquer outro Paiz; e omitto para remedio ao mal os chamados *classicos portugnezes.*

¿E porque os omitto eu? ¿Não serão estes (alguns d'elles pelo menos) crédores de muito apreço? Sem duvida, que o são; especialmente como celleiros de linguagem para quem a sabe escolher e aproveitar, que não é, ainda assim, tão facil cirandagem como parece. Mas, como os chamados *classicos portuguezes* se não podem trasladar á Lingua de hoje, e só a Lingua de hoje pode ser a Lingua para hoje, como a actual já não poderá servir para o anno de 2000, nem separa o anno de 1900, assím não é de taes livros que se ha-de ir tomar o remedio para a nossa Poesia enfêrma.

E já não quero condemnal-os por muitos outros respeitos, que bem o podéra.

Com o estudo dos nossos poetas quinhentistas, se a mocidade se podesse jamais resolver a aceital-os em troca dos livros a-la-moda, que a enfeitiçam e a trazem derrancada, o mais que se lograria fôra substituir a uma doença outra doença, a uns vicios outros vicios, a uns despropósitos outros despropósitos.

*

Mas larguemos já por mão esta última parte do assumpto, que, em se falando de *classicos portuguezes*, logo ahi se levanta um pé de exército de amoucos, fanáticos das nomeadas velhas, que só com a vozaria vos lançarão em fuga; catervas tão desalmadas,

que nem á pobre escola primária perdoaram; e imaginam formar a linguagem, o estylo, e o gôsto de homemzinhos de sete e menos annos, de mulheres ainda todas em botão, emfim da cidade de amanhan, que é dizer ainda mais que da cidade de hoje, obrigando-os, e obrigando-as, a ler, a decorar, um portuguez, que de dois seculos para cá já se não usa, e do qual, em virtude da lei das progressivas metamorphoses, fôra impossivel dos impossiveeis que se tornasse a usar nunca jamais.

Essas chrestomatias não trazem sementes, trazem cascabulho; não pucham para o futuro, repulsam para o passado; não abrem os olhos, vendam-n-os; não afinam os ouvidos, tapam-n-os; não engrandecem a alma, apoucam n-a; por livros se vendem, e não são senão esquifes de múmias, condemnadas a uma profanação posthuma desmerecida, espantadas com a luz de um mundo que não é o seu, impotentes, hirtas, geladas, vestidas no trajo do seu tempo, e apontadas (não pode ser senão por escárneo) para figurins de modas.

Mas deixemos tudo isso, repito, que me fino com mêdo de tal gente, e tornemo-nos aos verdadeiros Antigos naturalisaveis.

*

Para se haverem por medicinaes para a Literatura contemporânea estas versões, a primeira condição era que, sendo cópias, parecessem originaes; e, não passando de photographias, se representassem viventes.

Agra difficuldade, composta de mil difficuldades, não o dissimulemos; façanha que immortalisou a Bocage, e de que raros exemplos depois d'elle (e ainda assim muito a mêdo) se poderiam apontar.

Virgilio e Horacio, por não falar senão de dois poetas maximos do maximo seculo, teem sido por muitas vezes tentados trasladar para os nossos altares; mas é tal o pézo d'aquelles dois colossos, tão delicada e melindrosa toda a sua escultura, que ainda se não logrou demovel-os; tanto é mais facil destruil-os, que levantal-os sôbre outras bases.

A lyra de Horacio, para ahi a trouxeram o mui sabedor Epino Duriense, o mui devoto Filinto Elysio; ¿mas como? tão destemperada, que nenhum ecco se digna de lhe responder. A *Arte poetica*, dôze ou mais vêzes acomettida, só appareceu *poetica*, e *arte*, depois que o snr. Visconde de Seabra lhe applicou o seu bello talento, assim como ás *Satyras* e ás *Epistolas*.

Ahi estão ainda, depois de Elmano, boas normas do traduzir.

Com o Mantuano ainda nos correm peores fados. Franco Barreto e Leonel da Costa deslavaram-n-o. Lima Leitão e Odorico Mendes caldearam-n-o de aço, escureceram-n-o, entenebraram-n-o. O pobre Poeta, topando n'aquelles dois calháus do Parnaso, deu lhe o tétano e morreu. Candido Lusitano cozeu-o sem sal, e deliu-o. Barreto Feyo, se para si o entendia, não nol-o deu a entender a nós; perdeu-lhe aquella nativa fluencia, que era o seu maior encanto. E' porque nenhum

d'estes era poeta. ¿Como podiam pois representar-nos um tão formoso gigante de poesia?!

Seja como fôr; e embora atenuemos o peccado de todos estes com o de Annibal Caro, muito classico de sua Lingua, muito comprehensor do latim, muito confidente de Virgilio, porém intérprete seu (fôrça é dizel-o) muito semsabor.

O grande caso é que esse protótypo do mais apurado gosto, Virgilio, que já pouco mais ou menos correu todo o mundo, ainda não chegou a pôr pé na Lusitania. ¿Será culpa dos ares? não, que os ares são italianos. ¿Sel-o-ha da Lingua? não, que a Lingua é tambem latina; e tentado estava eu a applicar-lhe aquellas proprias palavras latinas do Venusino:

... *Matre pulchra filia pulchrior.*

De perguiça e descuido deve ser portanto. Não só se interprendem esses trabalhos sem os necessarios cabedaes de saber e engenho, se não que se executam com frieza e negligencia, talvez pelo êrro de se cuidar que o traductor não é autor; que na versão mais fiel não cabe muita criação; que no correr aposta prêzo de pés e mãos, a par de quem entrou sôlto e expedito no estádio, e chegar aonde elle chegou, se não perfaz outra tanta maravilha, quando menos.

Vêem-se chover as traducções de novellas francezas em *desportuguez*, obras quasi sempre maléficas e remaléficas, vergonhosas e revergonhosas, e imagina-se logo que todo

o traduzir será aquillo pouco mais ou menos. Grave preconceito. e funesta injustiça, que algum dia se ha de diminuir e acabar, quando crescer (como tem de crescer) a illustração.

*

Ora imaginemos nós realisado, o que aliás não é facil nem muito provavel (mas emfim, tambem não é de todo impossivel): supponhâmos que se chegava a ler Virgilio n'este guapissimo semi-latim, ou latim melhorado, da nossa terra; que o seu cantar sahia cá tão facil, corrente, e harmonioso, como já soára aos ouvidos de Mecenas e Augusto; que os pensamentos, tanto os principaes como os secundarios, nos chegavam sem quebra, sem desfiguração; que era a mesma verdade, a mesma naturalidade, a mesma luz suavissima, a mesma divina fragrancia de ambrosia. ¡Que influxo não exercêra para logo na conversão e reformação dos estudiosos um tal e tão autorisado exemplar! ¿Que mancebo haveria ahi, tão desatinado, e tão empedrenido no peccar contra a rasão e o gôsto, que, medindo os seus improvisos por aquella Poesia meditada, se não corresse de salutar vergonha, e não posesse desde logo peito a mudar de vida e de caminho?

¿Qual sería o crítico de bem, que, havendo de julgar poemas, os não contrasteasse, pelo seguro, n'esta finissima pedra de tocar?

Haveria d'ahi por diante menos safra, porém melhores frutos; e n'isto de frutos, vale mais o pêzo do que a conta; mais o *pouco*,

assazoado, do que o *muito,* pêcco, bichoso, e doentío.

Em quatro pobres versos, princípio de um soneto, dizia um poetastro do seculo passado, o que aos da nossa edade muito mais á propria se applicaria:

Trovejaram os poetas da manada,
e seguiu-se uma chuva muito fria
de versos, que nos campos da Poesia
mui grande estrago fez com a enxurrada.

¿Quem não vê que, se a *enxurrada* vai n'este crescer e soberbia, breve chegará de monte a monte, deixando afogadas as melhores esperanças?

¿Quem não vê que vem tornando a contagiosa escola dos conceitos, das subtilezas, das vanidades discretas, dos alambicamentos metaphysicos, das bátegas de flores, de pérolas, de diamantes, das mariposas, das estrellas, das azas de anjos; a anarchia, o turbilhão, emfim, de todas quantas imagens udas e miudas ha, e pode, e não pode haver, para usurparem o logar devido ao pensamento e aos affectos; a mascarada das figuras, em summa, as saturnaes da phantasia, a soltura das floraes?!...

Vem lá outra vez a *Phenix* renascida, vem, se não chegou já:

Este Jasmim, que arminhos desacata,
essa Aurora, que nácares aviva,
essa Fonte, que aljôfares deriva,
essa Rosa, que púrpuras desata;

troca em cinza voraz lustrosa prata,
brota em pranto cruel púrpura viva,
profana em turvo pêz prata nativa,
muda em luto infeliz tersa escarlata.

Jasmim na alvura foi, na luz Aurora,
Fonte na graça, Rosa no attributo,
esa heróica Deidad que en luz reposa.

Porém fora melhor que assim não fôra,
pois a ser cinza, pranto, barro, e luto,
nasceu Jasmim, Aurora, Fonte, Rosa.

Para que se não engane alguem, suppondo que tomei isto sem vénia a algum contemporâneo, declaro que, por ora, é da propria *Phenix renascida,* Tomo III, pagina 232, e foi escrito pelo snr. Francisco de Vasconcellos, que Deus guarde muito bem guardado, e tenha na glória celestial, já que na terrestre não pode ser.

De tudo ha nas rajadas lyricas de certos poetas, menos assumpto, ou menos o assumpto. Por elles se pode dizer o que por certos oradores do seu tempo, tão galante como judiciosamente, dizia o nosso Padre Vieira:

«São alguns prégadores como os sancristães de aldeia, que no dia do Orago cobrem o altar e o retábulo de tantos ramalhetes, que não se vê o Santo.»

E já que falámos d'este peregrino engenho, oiçâmos uma sua confissão, que, tanto por ser de quem é, como pela doutrina que encerra, não faz pouco ao nosso propósito.

Diz o bom do Padre no prólogo aos *Sermões:*

«Se gostas da affectação e pompa de palavras, e do estylo que chamam *culto*, não me leias. Quando este estylo mais florescia, nasceram as primeiras verduras do meu, que perdoarás quando as encontrares; mas valeu-me tanto sempre a clareza, que, só porque me entendiam, comecei a ser ouvido, e o começaram tambem a ser os que reconheceram o seu engano, e mal se entendiam a si mesmos.»

*

Com os largos e correctos contórnos, que davam aos seus poemas aquelles grandes Antigos, gregos e romanos, cuja ressurreição invocamos; com a simplicidade e regularidade com que lhes distribuiam as partes; com o acêrto e moderação com que lhes mettiam as côres; com a harmonia com que alternavam a luz e as sombras, fazendo de cada quadro poetico um prodigio, um monumento, e um protótypo; com tudo reunido, que nos de hoje só desconnexa e fortuitamente se depára; ¡que ensino e que documentos não viriam (ou não virão) dar ainda aos que podessem (ou podérem) receber-lh'os! E de propósito ponho esta clausula, porque dos mesmos Romanos era proverbio, que nem de todo o madeiro se lavra um Mercurio.

*

Agora tenho eu pejo de confessar, que, na minha obstinação já inveterada, e que tão pouco se me perdôa, de trabalhar no que se me figura que poderá servir, isto que es-

tou aconselhando, ando eu, por minha parte, a forcejar realisal-o.

Provada a mão em Ovidio para me exercitar, a final me tomei com o invencivel (e temo que inegualavel) de Mantua, a ver se lhe conquistava para a nossa Lingua o mais perfeito de seus poemas, a *Geórgica*. N'isso me ando todo; e com que empenho e amor, não o quero dizer eu, nem o denunciarão estas boas e caladas árvores que me ajudam no trabalho. Só digo que, para melhor o auspiciar, a quatro grandes poetas amicissimos, e dignos todos elles de o avaliar, trago estes quatro livros desde todo o principio offerecidos.

E' o primeiro o nosso incomparavel Mendes Leal; poeta nos cantos, e poeta nos feitos; poeta como Amphião, para cantar, e para edificar; afortunado, para quem já na vida começou a glória pósthuma.

O segundo é Thomaz Ribeiro, o que, logo no primeiro passo que rasgou nos jogos olympicos dos talentos, vingou a meta, arrancou a palma, e desesperou a inveja.

O terceiro é Pereira da Cunha, o filho mimoso, mas filho pródigo, das Musas, que nos seus paços senhoris de Vianna, contente com o remanso doméstico e sua campestre bemaventurança, pendurou antes de tempo a lyra, que tantos milagres ainda nos devia.

E é o quarto, emfim, para o *mel*, para as *flores*, e para as abelhas do meu Virgilio (e não o podia haver mais proprio) o meu e nosso Pinheiro Chagas.

*

Este bello nome, nascido hontem e já hoje esplendido, me suggere um novo e derradeiro alvitre para a cura da gangrena que vai lavrando.

Instituira o senhor D. Pedro V o Curso Superior de Letras, pelo entranhado amor que desde a puericia lhes consagrára. Pareceu-lhe que d'aquelle seminario, a todos os cultores d'ellas como a Elle proprio, mancebo sincero e estudioso, poderiam, directa ou reflexamente, advir grandes augmentos. Não houve ahi Portuguez, nem lá por fora Estrangeiro generoso, que lhe não festejasse a obra, e lhe não levasse os intúitos em grande conta.

Combinado o plano dos novos estudos, do melhor modo que então se poude, e deixado ao tempo e á experiencia o encargo de melhorar, entendeu o Monarcha em prover os diversos magisterios em sujeitos, que, por saber, applicação, e zêlo, os podessem desempenhar.

Como todo o desvelo d'el-Rei era o acêrto (cerrado o sepulcro já se pode dizer isto), houve boa mão na escôlha, com uma excepção unica; e ainda assim, n'esta excepção teve em desconto uma dita: que, se não achou a sciencia que buscava, achou a consciencia, que, mostrando lhe o êrro, lhe apontava caminho para acêrto.

A cadeira de Literatura moderna é, em verdade, difficillima.

A da Literatura antiga versa materiàs já de muito averiguadas e assentes; para a de

História não faltam subsidios; para a de Philosophia da História tambem os ha; para a de Philosophia transcendente ha ahi a pithonissa Allemanha para dar tudo, e mais que tudo, a quem a consulte.

Mas a Literatura moderna comprehende mais que uma Grecia e uma Roma: abrange a todos os povos. Contém mais que a História e a sua Philosophia; contém o tráfego immenso e confuso de todos os entendimentos contemporâneos; assumpto, sobre inexhaurivel, inçado de espinhos, perplexo de incertezas, serpeando por labirintos, assombrado de contemplações, e roto de despenhadeiros.

A Literatura moderna vive e move-se em nós, fora de nós, em roda de nós, ao perto e ao longe, sensivel aos olhos, aos ouvidos, quasi ao tacto, quasi ao cheiro, mas cambiante por essencia, perseguindo-nos e fugindo-nos como phantasmas, criando de contínuo, perecendo de contínuo, disputando de contínuo, e, para mais aterrar aos Linneus e Cuviers que pretendessem ali classificar, crescendo de contínuo, e sem limites.

¿Mas para que serve encarecer as difficuldades? Sim, que orça por infinito, relativamente á limitação do nosso espirito e á brevidade da vida, o campo da Literatura moderna.

Comtudo, claro está, por isso mesmo, que não é toda a Literatura moderna, nem o mais d'ella, que ha-de ser o assumpto d'estas palestras; hão-de ser uns passeios como de botânico, apanhando á ventura, com os seus discipulos, e enthesoirando para os albuns, o melhor e mais raro de quanto no

livro infindo e vivo da Natureza lhes occôrra.

Bem sabem n'essas excursões os Broteros e Corrêas da Serra, que nem as horas, nem as fôrças, nem a comprehensão, permittem aproveitar senão as minimas parcellas, e que o mesmo aconteceu, necessariamente, aos que, desde os Theophrastos e Plinios até hoje, teem explorado pelo mundo as paginas, todas diversas e dispersas, do inexhaurivel livro de Flora, e que outro tanto ainda ha-de acontecer aos continuadores de suas diligencias em todos os tempos. Sabem-n o, sim, melhor que nós; e, não obstante, madrugam e anoitecem, e não descançam nem cançam, na investigação, porque esse pouquissimo que trazem é já muitissimo para a Sciencia, e qualquer acréscimo na Sciencia, incalculavel para utilidade.

Assim, se me não engano, ha-de ser o professor de Literatura moderna: um ecléctico, uma especie de abelha lucreciana. Ha-de encher muito bem cheio todo o seu favosinho, muito concertado, muito cheiroso, muito rico, muito doce, muito cubiçado, e muito prestadío, sem se lhe dar dos innumeraveis nectários que deixou illibados para outros enxames, nem do brilho de tantas outras corollas que o namoraram com o seu matiz.

Isso fizeram, cada um a seu modo, e o melhor que poderam, e se podia nas suas respectivas edades e circumstancias, em Italia Crescimbeni, Quadrio, e Tiraboschi, em Inglaterra Blair, em França Chénier o trágico, La Harpe, Ginguené, Sainte Beuve, Villemain, Philarète Chasles, e em França

tambem, mas para a Literatura de Portugal e Brazil, o nosso muito amigo snr. Ferdinand Denis.

*

Se o Curso Superior, a alguns respeitos, não parece ter nascido com as melhores fadas, de uma ventura se logra todavia, que não é vulgar: o mérito de todos seus professores é real e reconhecido.

¿Quem mais talhado para nos introduzir á convivencia dos autores hellénicos e latinos, que o snr Viale, que se criou com elles, os conversa familiar, e os sabe de cór?

¿Quem mais proprio para nos representar viva e magnifica toda a nossa Historia, que o snr. Rebello da Silva, homem já d'ella, e cuja palavra inspirada e solemne é um sôpro de vida no cemiterio das edades?

¿Quem mais feito para a Historia philosóphica, do que o nosso Jayme Moniz tão eloquente como profundo, espirito de fogo e ao mesmo tempo reflexivo, que todos os dias, e a todas as horas do dia e da noite está mergulhando e estendendo no estudo dos livros sérios as raizes, já tão seguras, do seu saber copiosissimo?

¿Quem, finalmente, mais congénito á Philosophia transcendente, a essa, uma das mais difficeis occupações da alma, que Sousa Lobo?

¿Que falta n'este areopágo scientifico? Falta o relator e juiz da Literatura moderna, e que seja homem digno de tomar cáthedra entre taes collegas. Falta, sim, e parece que por uma fatalidade incomprehensivel.

la occupal-a um mancebo, que na Imprensa dera de si mui gentís mostras literarias; e, no momento de subir, apagou-lhe Deus a lâmpada interior; accidente duas vezes funesto, porque, deixado vago o logar, tornava impossivel o preenchel-o. O proprietario estava ao mesmo tempo vivo, e morto: morto, porque a Providencia o condemnára á inacção; e vivo, para que o não podessem render.

Era necessario acudir-se, como quer que fosse, a tamanha míngua; deixar-lhe o beneficio como justiça, e desempenhar-lhe o officio por affecto para com elle, e zêlo para com a Instrucção desamparada. Executaram o generoso sacrificio Rebello da Silva e Mendes Leal; o como, é supérfluo encarecel-o.

A cadeira porém, depois d'estas apparições brilhantes e passageiras, tornou a ficar deserta, e deserta permanece, com desherdação não pouco lastimosa para as nossas Letras. E' necessario e urgente que se lhe acuda.

Um concurso, como a Lei o exige, fará sem dúvida apparecer um digno supplente ao que fôra titularmente Lopes de Mendonça, e Mendes Leal e Rebello da Silva em realidade. ¿Mas por que se não proveria, interinamente desde já, o officio em pessoa cuja aptidão fosse provada e incontestada? Ninguem, quanto a mim, estaria mais no caso, que Pinheiro Chagas.

*

Vi nascer para as Letras este mancebo, e ainda ha bem poucos annos.

Sou fraco decifrador de horóscopos. Pareceu-me, de mim para mim, que sahiria um agradavel trovista, ou pouco mais. Não o disse, porque não tenho por officio ler *buenadichas;* mas, pelo contrário, animei-o a persistir, porque tambem não tinha certeza de que as minhas futurações fossem verdadeiras. ¡Louvado Deus, que mais falsas nunca as houve! Não tardou que se manifestasse.

Começou a radiar o estro, a patentear-se o inspirado, ou o possesso, do demonio da Poesia, d'esse demonio, o mais antigo e irreconciliavel inimigo da fortuna. Os estudos, que poderiam grangear tantos favores d'ella ao joven precito, filho do Secretário particular e amigo íntimo de um Rei tambem mancebo, tambem possessor de talento, e justo apreciador de méritos, os estudos graves, mal compativeis com as indoles essencialmente criadoras, de ver está se lhe repugnariam.

Os primários, sim, que lhe haviam de ser instrumentos; devorou-os. As humanidades e as linguas, tambem, e com egual avidez e gôsto; pressentia já que tinham de conspirar com o seu destino.

A leitura, a meditação, ainda vaga e sem norte fixo, o tumulto da sociedade, tão consentâneo aos seus annos e ao seu natural, e a observação dos caractéres e costumes, já tão superior á que n'aquella edade costuma haver, mal deixavam logar e vontade para as applicações que lhe exigia a carreira militar.

Seu pae servira a Patria com as armas, e

poetava; mas a Poesia no filho era cem vezes mais imperiosa e tirannica; era mais deveras Poesia; não admittia partilhas. Por ella despresou todas as outras distincções, e não pouco, talvez, do que o mundo alcunha prosperidades.

Vi-o, com verdadeiro assombro, crescer e gigantear de anno para anno, de estação para estação, quasi de dia para dia; até que, dentro em pouco, a sua grande prophecia interior, que não podia elle deixar de a sentir, lhe sahiu completamente realisada. Hoje, quando tão larga vida lhe está ainda augurando tanto crescimento de fôrças, de conhecimentos, de méritos, e de nomeada, hoje o seu nome é já dos primeiros, a sua fama das mais extensas, os seus escritos dos mais festejados e relidos, e a sua fecundidade das com mais rasão celebradas.

Eis aqui portanto (em meu entender) o homem que hoje preencheria, honrando-a, a cadeira de Literatura moderna.

Nenhum dos dotes desejaveis lhe fallece: conhecimentos já copiosos, ancia de os adquirir novos, juiso claro e de relance, gôsto seguro, voz insinuativa, linguagem fluente e amena, recitação animada, e, para realce e corôa de tudo isto, uma d'aquellas descommunaes memorias, ao mesmo tempo de cera para receber, e de marmore para conservar, memoria que maravilha a quantos a presenceiam.

Nunca me ha-de esquecer um serão poetico, de que foram testemunhas as mesmas árvores que me estão ouvindo.

Era por uma noite de verão, d'estas em

que, desde as estrellas até ás hervinhas, desde o frémito da folhagem até ao silencio, tudo a seu modo respira poesia; noite da Arcádia, noite de Virgilio, noite de Gessner, noite de Hugo.

Reunira o acaso nos bancos de cortiça em roda d'este tanquesinho, Mendes Leal, Simões de Cabedo, Bulhão Pato, Rodrigues Cordeiro, Silva Tullio, tão bem cabido entre poetas, e Pinheiro Chagas. Havia tambem senhoras das que sabem e merecem ouvir bons versos.

Desejaram, e pediram, que se acrescentasse mais essa delicia ás do sitio, da estação, e da hora. Recitou cada um o que lhe occorreu.

.. ..Amant alterna Camenæ.

Acontecia porém ás vezes que uma distracção, ou qualquer outra causa, quebrava a algum dos recitadores o fio do seu poema; outras vezes tambem, que de todo em todo não sabia de cór aquellas de suas producções que nomeadamente se lhe requeria.

Era então, com pasmo geral, Pinheiro Chagas quem acudia como *ponto*, e pontualissimo, ou tomava a si a recitação de toda a peça. Disséreis que, de largos mezes até áquella hora, mais não fizera, que prepararse para um exame vago da Poesia portugueza contemporânea. As testemunhas d'esta scena, difficil de crer, já as dei em rol; são maiores de toda a excepção, e não são poucas.

Eis aqui pois, se jamais o houve, o pro-

priissimo para um Curso de Literatura moderna, o homem que tem em si mesmo os livros, que os sabe recitar, que sabe julgal-os, e que sabe, o que é ainda mais difficil, amenisar por tal arte a doutrina, que todos lh'a hão-de por gôsto receber.

*

E é isso com effeito, o de que se carece.

Quer-se, e necessita-se, uma escola da arte de escrever em prosa e verso, para onde, de envôlta com os matriculados, concôrram á porfia os curiosos, os extranhos, os sãos, os contaminados, e os mesmos adversarios, porque as opposições não são menos uteis nem menos precisas na republica literaria, que na politica.

Tenho fé na illustração do Governo, e fio que a lembrança não ha-de cahir desaproveitada. Antevejo-lhe todavia uma objeção, que para entre nós, mal costumados ainda á liberdade do pensamento, não é por certo das mais pequenas.

Dirão alguns... (e não faltarão logo eccos) dirão que o nosso preconisado padece da *esplendida bile* de Horacio; e se lhe metterem na mão a vara de censor, não hão de faltar coimas por esta anárchica republica.

Ponhâmos de parte exagerações de todo o genero.

Pinheiro Chagas (e não falamos de homem que não conheçam todos) é de uma indole recta, e ao mesmo tempo benévola. Onde não encontra materia para louvar, mas entende que os delictos são veniaes, ou a pou-

quidade do delinquente os não torna perigosos, fecha os olhos e passa a diante. Só quando, ou o prestigio do nome, ou a enormidade do exemplo, ameaça multiplicar o peccado de *um* em peccado de *muitos*, posterga respeitos e perigos, clama em alta voz que andam a lançar veneno na fonte pública.

E' o que em Roma fazia o amigo e mestre dos Pisões: escrevia o código da Arte; e aos que tinha por violadores d'ella, fustigava-os, não com a férula de pedagogo, mas com a zombaria, porque tinha por máxima que «o escárneo costuma cortar melhor e com mais fôrça pelos abusos, do que não a acrimónia.» ¿Diria alguem que, porque elle fez satyras que haviam de durar a eternidade, se inhabilitou para mestre?

—Mas—insistirão—d'onde veio a Pinheiro Chagas o don da inerrancia?—

De parte nenhuma; nem elle presume possuil-o, nem lh'o attribuimos nós, nem o ha em toda a superficie d'este globo de disputas. Expõe com franqueza os seus juisos; os fundamentos d'elles, submette-os ao exame e decisão do Público intelligente e imparcial.

Finalmente clamarão:

—Esses fundamentos nem sempre convencem a todos, e não faltará quem lhe appelle e agrave das sentenças.—

E' o que sempre aconteceu desde que existe crítica, e sempre ha-de acontecer em quanto ella durar, isto é, em quanto o mundo fôr mundo; e não se pode d'ahi concluir

com seriedade coisa alguma contra a crítica, antes sim muito a favor d'ella.

*

Tão boa coisa é de si a crítica, tão boa, tão boa, que, onde succede desacertar, logo em si mesma encontra o correctivo. O que para as obras e para os autores é a crítica, cirurgia moral de amputação e cautério, é o para a crítica a mesma crítica; para a crítica de cada um a crítica dos demais; para a crítica dos apaixonados a crítica dos insuspeitos.

Que o digam a França e a Allemanha; que o digam todos os Paizes illustrados. Declarem elles quanto não devem de progresso ao moderno espirito, cada vez mais desenvolvido, de livre exame, de livre censura, e de libérrima censura da censura.

Com estas agitações, ás vezes tempestuosas, é que sobre tudo medra a arvore da Sciencia. ¿Que lhe importa a ella, que nos tufões e redemoinhos lhe fuja arrancado algum botão mal nascido, ou alguma folha ephémera lhe desappareça? Sim: ¿que lhe importa, se a circulação da seiba se lhe está entretanto activando, se as flores se lhe multiplicam, se a proxima camada de frutos hade vir mais grada e abundosa?

¿Que lhe importa, repetimos ainda, se do seu verde, que lhe cai em tôrno do pé, e se desfaz, se vai providencialmente alimentando a sua futura robustez?

Não rejeitarão a these, que para liberaes e philósophos é evidente; mas continuarão

a murmurar contra a proposta d'este crítico para a cadeira de Literatura moderna; e de meras hypótheses sacarão os argumentos em contrário.

*

—Theophilo Braga,—dirão—Anthero do Quental, Vieira de Castro, talentos distintos, e de já não pequena clientella todos elles, teem sido, e continuam a ser, acremente objurgados por este aquilatador inexoravel.—

Má e pessima guerra esta, em que se bombardeia atirando nomes. Ahi os affectos e paixões, o amor e o odio, o egoismo, a inveja, e o mêdo perturbam o juiso, e, ou gelam a mão nos copos da espada, ou desfecham os golpes á tôa, sobejos para destruição, mas para victoria mallogrados.

Eu, que, a poder de cincoenta annos de desatinos, aprendi ao menos a moderação, e só por ella valho hoje (se alguma coisa valho), declaro todavia, com a mão na consciencia, que nem mesmo aqui, nem mesmo contra estas tres auspiciosas esperanças literarias, o denodo do censor me parece reprehensivel, e muito menos inutil.

Uma de duas: ou cada um d'esses tres mancebos é perfeito, ou não.

Se é perfeito, ninguem tema por elles; são tres aguias que nasceram adultas, que no seu vôo empolgarão os raios, e que até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas derrubar dos pincaros do loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as não será

senão embalal-as, em quanto sonham na immensidade, no sol, e na glória.

Se porém não nasceram com o inaudíto privilegio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum d'elles o imagina); se a sua mesma juvenilidade, que mais notaveis os torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se teem, como homens em principio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando,

Multa ferunt anni venientes commoda secum,
multa recedentes adimunt;...

se d'aqui a dez outonos, ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum d'elles ha-de ser tão milagrosamente ditoso, que approve em cheio, e á carga cerrada, tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto hoje pensa; ¿que lhes faz a critica, senão antecipar-lhes de certo modo a experiencia, conspirar com elles mesmos para a boa fama, que nunca se conquistou sem sacrificios?

*

O critico de bem, severo até, e embora desabrido, é (ainda que ao criticado o não pareça) o amigo mais proveitoso de quantos pode ter. Vale-lhe elle só, á sua parte, mais que trinta e trezentos louvadores. E' uma verdade, na qual ao tempo não cahimos, porém de que chegamos depois a convencernos, e por nós mesmos, se o orgulho nos não cega.

¡Que pesar que não sente quem estas li-

nhas escreve, de não ter encontrado, ao encetar a carreira poetica, um reprehensor bem austéro de seus escritos, embora público! ¡Quão menos arrependimentos literarios lhe não gravariam hoje a consciencia!

Deixando de parte, por agora, Braga e Quental, de quem, pelas alturas em que vôam, confesso humilde e envergonhado que muito pouco enxérgo, nem atino para onde vão, nem avento o que será d'elles a final, por Vieira de Castro digo eu o que o proprio Pinheiro Chagas nunca se lembrou de contestar-lhe: que é um talento verdadeiro, grandioso, exorbitante, e de um futuro que me parece cubiçavel. A poesia da eloquencia, os arrojos das imagens, os assomos da erudição imprevista, os relâmpagos de genio, o remontado do estylo, os donaires da linguagem muitas vezes, tudo, e (mais que tudo) a franqueza do seu patriotismo, lhe afiançam logar conspícuo entre os oradores.

Mas (incorra eu embora na censura de ingrato para com elle) ¿não ha-de elle mesmo d'aqui a dez annnos exceder ao que hoje é? Tanto, sem dúvida, como o que hoje é deixou já apagadas e esquecidas as suas primeiras manifestações literarias, *delicta juventutis*. E quando esse aperfeiçoamento, fruto da edade, da experiencia e do estudo, houver operado n'elle uma nova metamorphose, que é certa, que é infallivel, que é tão infallivel como a lei do progresso, ¿não será elle mesmo o primeiro a confessar que o seu crítico do anno de 1865 foi quem melhor o amou, e pelo amor da Arte, que é o ídolo de am-

bos, mais o feriu, e, ferindo-o, mais o ajudou a subir ao carro do triumpho?

Em summa: a objecção, depois de bem observada, vem a ajuntar aos outros titulos de Pinheiro Chagas para professor de Literatura moderna, o mais precioso, o mais raro, e um dos mais essenciaes: o denôdo da verdade.

Bocage, que tambem o tinha (pôsto que bastantes vezes se desautorisasse por arrójos da sua indole apaixonada), escreveu n'um dos seus momentos mais lucidos aquelles quatro versos, que ficaram proverbiaes, e cifram o que de melhor se pode dizer acêrca da critica, da critica, mal tomada por muitos como synónimo da sátyra asquerosa:

> Sátyras prestam, sátyras se estimam,
> quando n'ellas calúmnia o fel não verte,
> quando voz de censor, não voz de zoilo,
> o vicio nota, o mérito gradúa.

A diante, que está ahi para a esquerda uma ladeira escorregadia, que vai ter á espelunca dos malfeitores; e eu não sou Santo Antonio, que tente o milagre de converter ladrões, incendiários, e assassinos. A Posteridade que os enforque, e o esquecimento que os sepulte.

*

Demonstrei, cuido eu, a aptidão de Pinheiro Chagas para o officio hoje em dia mais importante, e mais indispensavel, da nossa republicasinha literaria. Poderia agora acres-

centar que uma tal nomeação traria implicito n'aquelle beneficio outro beneficio.

Um Governo, em mãos como estas que o estão administrando, tem por dever, e de todos os deveres o mais aprasivel, o cooperar com a Providencia, aproveitando para o bem commum as aptidões que ella procria.

O mais florente de todos os Estados seria aquelle, sem nenhuma dúvida, em que, desde os primeiros albores da rasão dos individuos, a vigilancia pública, muito perspicaz, muito paternal e maternal, andasse de continuo investigando o para que vinha talhado originariamente cada um, o guiasse por esse caminho, e o fosse collocar de sua mão onde Deus lhe marcára a tarefa, e lhe prevenira a luz.

Todos trabalhariam, e todos bem, e todos contentes; não haveria homens inuteis; e a communidade toda composta, e em todas suas partes servida, de sujeitos relativamente grandes, se tornaria por elles a maior que jamais se viu.

Isto bem poderá deixar de ser utopia para o anno de 3000, se d'aqui até lá não esquecer, ou por desleixo ou de indústria se não evitar, como parece que se evita, desbravar e civilisar o Povo. Mas isto só cabe por em quanto nos votos dos philanthrópos e philósophos precursores; nas posses dos Governos, de certo não.

Nas más horas seja assim. Mas de se não poder desde já effeituar o *desiderandum* todo, de certo que não hão-de concluir Ministros de tão alto e provado entendimento, que lhes não corre a gloriosa obrigação de ir

collocando do melhor modo os prestimos já claramente manifestados, para que se não esperdicem e desbaratem, forçados da necessidade, em obras inferiores ás suas fôrças ou alheias á sua vocação, ou tambem (como tantas vezes succede) se percam na mais estéril e aborrida ociosidade.

*

Da ociosidade livra-o a Pinheiro Chagas a sua mesma indole operosa, e ainda em cima concitada pelo favor público; ¿mas quem deixará de deplorar que esta sua operosidade innata, que tão altas e perduraveis coisas nos podéra dar, se malbarate nas lídas ephémeras do jornalismo polygráphico?

¿Que maior inferno para um verdadeiro poeta, do que este, em que se curtem ao mesmo tempo tantos dos supplicios fabulados no Tártaro dos Antigos?! E' um encher a urna das Danaides, que nunca se enche; é um levar serra a cima o rochedo de Sisypho, que sempre rola; é um correr traz si, perseguindo-se e fugindo-se na roda de Ixion, que nunca pára; e é um estar como Tântalo ardendo em sêde, mergulhado até á cinta na corrente fugidia, e consumido de avidez sem poder lançar a mão aos frutos que negaceiam impendentes. E tudo isto sem fim, nem intervallo, ou só com brevissimos intervallos, para mais se amargar depois a pena. ¡Oh! ¡que de talentos magnificos nos não tem já devorado, e nos não está devorando, o Minotauro insaciavel, que no fundo do seu la-

birinto chamado Imprensa periodica, recebe em tributo os mais illustres Athenienses!

*

Representem-se um Pinheiro Chagas, passando as noites em claro entre o leito de sua mulher e o berço de seu filho, que ambos dormem, expertando de hora a hora a luz de dentro, como a lampada que lhe supre o dia; e recebendo do silencio a inspiração, para os artigos que de toda a parte, e á porfia, se lhe pedem: aqui, um romance, ali uma noticia, já um juizo literario, já uma polemica, ora uma scena de lagrimas, ora uma exhortação social, uma narrativa historica, uma facecia, um desenfado, ou um allivio E tudo isto promiscuamente, necessariamente, fatalmente, porque é o foreiro de vinte prelos que lhe não dão respiro, porque tambem em roda de cada um d'elles os assignantes não cessam de exigir quotidianamente este almoço apetitoso, a que o seu escritor predilecto os avezou.

¿Não dá a lembrar... (perdôem-me, pelo proprio, o nímio baixo da comparação) não dá este fabricante do pão do espirito a lembrar o miseravel fabricante do pão do corpo, que ás horas em que todos dormem, esquecem penas, e se refazem para o dia, lida na atafona, na amassadeira, no tender, no fornear, suando sempre, cantando ás vezes, não por alegria, se não por arredar o somno e enganar o cançasso; e tudo isto, só para que ao romper d'alva os que nem d'elle se

doem, nem pensam n'elle, encontrem um regalo?

E, com parecerem tão similhantes estes dois vivêres penosissimos, uma differença ha comtudo entre elles, que torna ainda mais penoso o do escritor: o seu visinho do andar térreo já nasceu para aquillo; é uma máchina, com um poucochinho de entendimento só para motor, e machina que em muitas terras já anda vantajosamente substituida pelos engenhos de vapor; mas elle, o escritor, o nosso operario, não é assim; está estillando a divina essencia da alma criada a mais altos destinos; está-a desfazendo em pérolas scintillantes, mas para dentro de um sorvedoiro de limbo. ¡E considera-o! ¡e sabe-o! ¡e sente-o! Sacrificio que sería incomprehensivel, se não estivessem ali, para o explicar, aquelle berço e aquelle thálamo; se a luz, que ajuda o trabalho, não mostrasse ao mesmo tempo os dois amores santos, a que todo elle se refere.

Faz mais que o pelicano: não põe só o sangue e a vida pelos que a si prefere; prefere-os á propria immortalidade; deixa cantar a sereia que lh'a promettia; deixa-a tecer em vão corôas que lhe destinava; tapa os ouvidos; cerra os olhos; e, prêzo voluntariamente ao mastro, prosegue heróico a navegação.

A penna em punho de um Ministro pode, como varinha de fadas, premiar ao mesmo tempo esta virtude, e restituir ao melhor serviço da Patria este engenho, que assim tem sabido mostrar-se grande em coisas minimas. ¿Fal-o-ha elle? ha de fazel-o. De quem

foi braço direito de D. Pedro é licito esperar tudo.

Elle sabe, tão bem como o proprio Pinheiro Chagas, o qual tão elegantemente nol-o considerou na sua carta preambular d'este volume, que a Poesia não é uma curiosidade van, uma actividade de ociosos, mas um elemento providencial, o contrapêzo necessario ao tambem necessario pendor da parte terrestre e bruta da nossa natureza; e que uma sociedade exhausta de toda a Poesia, se a podéra haver, sería um verdadeiro pandemonio.

Então, não só havemos de chegar a ter por escrito, depois de recitado, um rico e formoso Curso de Literatura portugueza, mas romances e poemas novos, de que este *da Mocidade* é apenas a alvorada.

*

¿De que nasceu, e como se fez, esse poema, que os leitores, quando aqui chegarem, hão-de já ter corrido com delicias, e algumas leitoras decorado?

Este poema brotou espontâneo do seu assumpto; veio, como dos seios da primavera pululam as flores; rebentou da exuberancia maravilhosa da mocidade.

Como se fez, já não é tão facil explical-o; mas ouvi o autor:

«Transviado pelos áridos plainos do jornalismo, só por instantes podia vir descançar á sombra das frondosas palmeiras d'este oásis da Poesia, oásis tão querido, cuja meiga visão me povôa sempre a mente, e me

consola em todas as amarguras, de que é inevitavelmente cortada a vida social e positiva.»

Disse a verdade. Essas paginas só interpoladamente e a furto foram escritas, o que as tórna ainda mais admiraveis; foram-n-o muitas vezes por instancias e reprehensões da amisade. Essa glória que me elle confere confessando-o, aceito-a, que me pertence. Foi muitas vezes, foi quasi sempre, entre o fabríco de dois artigos requisitados pela inexoravel e nunca farta Imprensa dos diários e hebdomadários, que o poeta improvisou, em quanto nós dormiamos, o ramalhete de uma estrophe das mais gentis, pondo-o logo de parte, sem saber quando lhe juntaria, nem se jamais lhe juntaria, outro.

Lembraria a quem o podesse espreitar, um pobre mercenario noivo, que se levanta a subitas do trabalho para ir abraçar a sua querida, e se restitue á tarefa mais confortado.

¿Quem teria direito, ou coração, para exigir, depois d'isto, uma perfeição, que os maiores engenhos raramente rastreiam, tendo para ella o remanço e a tranquilidade do ânimo, a escôlha das horas e dos sitios, emfim tudo quanto ao nosso poeta fallecia?

*

A crítica hostil (a modestia do autor não n-a ha-de ter esconjurado) breve surdirá ahi com o seu canhenho de uma ou outra phrase por ventura menos vernácula, de uma ou outra superfluidade no descritivo, de um ou

outro verso menos accurado, frouxo, duro, tautológico, de uma ou outra rima, ou vulgar ou menos consonante. Não fôra ella *hostil*, mas *crítica* sómente, que nós já de antemão lhe respondiamos:

—«Bem hajas tu, que honradamente apontas os defeitos, para aperfeiçoamento da obra, e do obreiro, para progresso e lustre da Arte, para carta de guia a principiantes e inexpertos; bem hajas. Mas cautella com as consequencias que d'ahi pretendesses deduzir.

«Se contra o poema queres argumentar á moda botequinesca (triste moda, que já vem de longe), ¿por que enxergaste n'elle manchas, que a forçada rapidez do trabalho não consentiu ao autor corrigir, posto lhe não prohibisse o conhecel-as? ¿Por que não trocas agora a candeia de uma para outra mão, e não pregôas a vozes, muito mais honradamente, que, a despeito d'essa rapidez forçada, a obra superabunda em bellezas e excellencias, que não parecem senão fruto da mais detida e séria applicação?

«¿Lembra-te de que Bocage, o rei dos versificadores portuguezes, deixou escapar nos seus feiticeiros *Poemas botanicos* (e conhecendo-o, de certo) um verso peor que desprimoroso, máu; peor que máu, pessimo se o quizeres:

A azul ferrete, a encarnada, a branca.

«Saltou-lhe de lá José Agostinho de Macedo, á moda tambem botequinesca, pregoando *urbi et orbi* o descuido, como documento

irrefragavel de impericia. ¿E que lhe havia de responder Bocage? fulminou-o com aquelle verso memorando, com que todavia parece não escarmentaram ainda os maldizentes:

Citas um verso mau, mil bons não citas.»

*

Insistâmos n'este ponto, que é de muito mais vasta e muito util applicação.

¿Onde ha ahi, onde houve jamais, ou como poderia jamais haver, um poema perfeito por egual em todas suas partes? Se conhecem essa phenix, que nol-a mostrem, e de bom grado lhe queimaremos em pyra, para que renasça, quantas obras até hoje se teem escrito.

¿Mas para que havemos de falar nós, onde ha perto de dois mil annos a rasão está prégando a todo o mundo por bôcca de Horacio? E note-se bem que este Horacio é o mesmo que pede para cada obra o estudo copioso, a larga meditação prévia, o confronto diuturno do pêzo do assumpto com as fôrças de quem se ha-de tomar com elle, a consultação dos perítos, nove annos pelo menos entre o escrever e o publicar, e dez reemendas.

Com tudo isto, admirae agora a discreta, a honrada, indulgencia do satyrico:

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus:
nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus et mens
poscentique gravem persæpe remittit acutum;
nec semper feriet, quodcumque minabitur, arcus.

Verum ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
offendar maculis, quas aut incuria fudit,
aut humana parum cavit natura. Quid ergo est?
Ut scriptor si peccat idem librarius usque,
quamvis est monitus, venia caret; ut citharœdus
ridetur, chorda qui semper oberrat eadem;
sic mihi, qui multum cessat, fit Chœrilus ille,
quem bis terve bonum cum risu miror; et idem
indignor, quandoque bonus dormitat Homerus.
Verum opere in longo fas est obrepere somnum.

¡Ai! ¡que citei latim a critiqueiros da miuçalha, que nem se importam com Horacio, nem mesmo estarão muito certos de que o houve. Acuda-lhes por lingua o meu compadre Seabra; lição é, que não desconvem ser repetida:

Mas faltas ha, que desculpar devemos;
nem sempre a corda vibra o som que anhela
a mente e a mão; ás vezes pede o grave,
e o agudo ressôa; muitas vezes
desvaira a sétta do alvo que ameaça.
Quando as bellezas n'um poema avultam,
jamais me enojarão máculas poucas,
filhas de incuria, ou que evitar não soube
a humana condição. ¿ E isso que importa?
Se o copista avisado não se emenda,
é digno de censura; o citharista
que sempre se equivoca e desafina
no mesmo tom, ridiculo se torna;
o vate, que desvaira de contino,
é, a meu ver, o Chérilo, que rindo
em dois passos ou tres admiro apenas,
em quanto sinto que dormite Homero;
mas não é de extranhar que n'um poema
de longo fôlgo nos apanhe o somno.

*

Liquidemos:
Havendo tempo e modo, não ha sacrificio

que um autor não deva fazer para attingir a perfeição. Se porém causas imperiosas lhe vedaram o cumprimento d'esse dever, e o escrito não poude deixar de sahir a lume, então o crítico de bem, o crítico horaciano, dá facil perdão ás venialidades, que veem descontadas por virtudes reaes, esplendidas, e numerosas. Estas é que são do autor, e o representam; a imputação d'aquellas pertence toda ás circumstancias.

E depois, um seareiro abastado pode perder sem pena algumas espigas, que na aceifa, ou no carrear para o celleiro, lhe ficaram atraz. ¿Que sería dos pobresinhos e dos pardaes, que nem uns nem outros teem lavoira sua, se aquelle ricaço lhes não deixasse algum rabusco? Zôilo foi o pardal que viveu de Homero; Bávio e Mévio, os pobresinhos que se finariam de pura míngua, se não fôra Virgilio.

Não era a *Eneida* um poema acabado e já correcto, como a *Georgica*, á hora da morte do Autor; havia na *Eneida* versos até incompletos; ordenava por isso o escrupuloso Poeta que lh'a atirassem ás chammas, e lh'a não deixassem sobreviver. ¿E que fez o sábio Augusto? a despeito da sagrada autoridade dos testamentos, ordenou positivamente que se respeitasse o fruto de tantas noites e dias; que não perecesse Troia abrazada segunda vez; que se guardasse a *Eneida* para o Mundo, e para a Posteridade.

Ovidio, não ao expirar, mas ao partir-se para o destêrro (que não era menos agro transe), a ninguem recommendava a queima

das *Metamorphoses*; queimava elle proprio esses papyros opulentos;

Ipse mea posui mæstus in igne manu.

Foi dita o haver cópias, sem elle o cuidar; salvou-se o monumento,

.... quod nec Jovis ira, nec ignes,
nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas.

Ora, que dizia o sobrevivente a si mesmo, relatando isto lá das frias terras do exilio?

Ablatum mediis opus est incudibus illud;
defuit et scriptis ultima lima meis.
.....
Quicquid in his igitur vitii rude carmen habebit,
emendaturus, si licuisset, eram.

Havia pois em ambas aquellas obras primas, *Eneida* e *Metamorphoses*, senões reconhecidos de seus autores. ¿Mas que valiam para menção esses *senões*, afogados na espessura das excellencias?

Aqui está epilogada a resposta aos esmerilhadores impertinentes de um ou outro descuido do nosso autor, em meros pontínhos accidentaes da fórma. Por ter seus transvios a mocidade, não deixa de ser uma das mais afortunadas e invejaveis coisas d'este mundo. Outro tanto pode dizer por si em voz bem alta o *Poema da Mocidade*.

Pequem muito embora, sete vezes mais que Pinheiro Chagas, os detractores do seu escrito; mas dêem-nos outro, que em mere-

cimento se lhe avantaje, se lhe equipare, ou se lhe aproxime sequer.

Hæc mala sunt, sed tu non meliora facis.

Já que estou em maré de latim, vá lá mais este, que é dos triviaes e comesinhos: *Difficilem rem postulasti.*

*

São, em geral, e na quasi totalidade do poema, tão bons e excellentes os versos, as rimas, o estylo, e a linguagem, até para os ouvidos mais pechosos, que não é mistér a esta poesia, para ser reconhecida, o condecorar-se com iniciaes maiusculas, as letras gôrdas da versificação, os cráchás typographicos, com que se arreiam, para irem fazer figura nas procissões do Parnaso, de envôlta com os metros fidalgos de presença e obras, as regrinhas d'aquém e d'além do metro, como lhes chamava Elmano, bom juiz da confraria.

Tambem n'esta materia, com que aliás se nos podia aqui desopilar o baço, não quero insistir agora. Escreva cada qual segundo o seu gôsto, que, se o fizer bem, nem por isso lhe hão de roubar o seu preço as absurdas maiusculas iniciaes; se mal, não o salvarão, nem as iniciaes maiusculas, nem um esquadrão massiço d'ellas em cada pagina.

O restante a este propósito fique-se para outra vez.

*

Para demonstrar em poucas linhas o como Pinheiro Chagas sabe fundir e lustrar versos de oiro, quando o assumpto lh'o merece e lhe não minguá o vagar, basta e sobra reler, por exemplo, a sua dedicatoria do *Anjo do lar*. Não passa de vinte versos, mas que valem um poema; respiram não sei que venustade e graça catulliana, porém com tanta melhoria, se é licito dizel o, quanto a inspiradora do moderno excede á Lésbia do antigo.

A' noite, nos salões da esplendida cidade,
tudo é gala, prazer, delirios, e fulgor!
E emtanto, sobre mim, serena claridade
derrama o teu olhar, pomba do meu amor.

Sentado junto a ti, contemplo a tua frente,
teu cabello, que doira o suave clarão
da lampada nocturna, e sinto vagamente
poisar na minha fronte a casta inspiração!

Vem bater na vidraça a lua curiosa,
que illumina lá fóra o placido jardim!
Mensageira do ceo, vem ver-te, flor mimosa,
rosa do ceo tambem, florindo junto a mim.

A's vezes vens ligeira, aérea como um sonho,
nos meus labios poisar um beijo inspirador!
E eu, vendo junto ao meu teu rosto tão risonho,
sinto viçarem n'alma os canticos em flor.

Brotou este poema á luz da tua imagem!
Acceita-o pois, e dize, ao ler esta canção:
«Foi elle a harpa eólia, eu a nocturna aragem!
«Elle foi o cantor! eu fui a inspiração!»

Se houvessemos de aproximar alguma coisa a este donoso trechosinho classico, não sería senão aquell'outra dedicatoria do primeiro dos dois poemas sob o titulo de *Invocação á mocidade*, dedicatoria ao mesmo sympathico objecto. ¿Mas para que serviria recopial-a eu da memoria para aqui, se cada leitor já tambem a decorou?

*

Dêmos agora parabens á nossa Literatura de haverem a final triumphado os alexandrinos, ou hexametros modernos, os versos ao mesmo tempo mais lyricos e mais heroicos de que é susceptivel a nossa Lingua. Eu bem sabía que assim havia de acontecer; por isso teimei.

Deixem-me applaudir-me a mim proprio da minha constancia, a despeito de não sei que lamurias que ouvi se fiseram em nome do patriotismo contra este metro, só por ser usado dos Francezes. ¡Grave pecha na verdade! esqueceu condemnar, com egual fundamento, as dez mil outras coisas bonissimas que da França nos teem vindo.

O que os alexandrinos valem, o quanto e quão bem se radicaram em pouco tempo, o quanto promettem e já estão dando á nossa Poesia, não se vê só nas paginas de Pinheiro Chagas; viu-se em Lobato Pires; vê-se em Mendes Leal, vê-se em Thomaz Ribeiro, vê-se em Monteiro Teixeira, vê-se em Anthero do Quental, vê-se em Theophilo Braga, vê-se em Pereira da Cunha, vê-se em Sousa Monteiro Junior, vê-se em Pinto Ribeiro, vê-se

em Pinto de Almeida, em Guilherme Braga, em Xavier da Cunha, em Oliveira Vaz, em Eduardo Coelho, em Almeida e Cunha, em Bruno Seabra, em vinte outros bellos talentos de Portugal e do Brasil.

¡Vivam todos esses intrépidos *jacobinos* da Literatura!

Não sei se são, ou não são, por isso inimigos da Patria; sei que a servem galhardamente.

Mas tornemo-nos para o *Poema da Mocidade*, e observemos, ainda em abono dos taes versos *desnacionaes*, que ha nos malditos, quando se chegam a domesticar (o que não é logo nas primeiras tentativas), um não sei que particular condão, que levanta o espirito do poeta a cima do seu nivel ordinario. O como, não o explicarei eu, que o não alcanço; mas que o ha, isso ha de certo; e quando não, repare-se bem quaes são os trechos d'esta obra em que não só apparece mais poesia, senão que ha menos incorreções de fórma: são innegavelmente os compostos em alexandrinos.

—¿Pois o poema atreve-se a chamar-se *poema*, e não tem unidade de metrificação?!

Atreveu-se, é verdade, e atreveu-se ainda a mais. (¡Vejam até onde tem chegado a anarchia!): ¡atreveu-se a variar, alem dos metros, a contextura das estrophes!

Porém, examinemos um poucochinho este ponto, se dão licença; se não tivermos rasão, não nol-a deem.

*

Confessamos que todos os versos da *Iliada* da *Odyssea*, e da *Guerra das rans e ratos*,

foram vasados por uma só e mesmissima fórma; que Virgilio nas suas tres grandes obras não empregou senão os hexametros, como Lucrecio no poema *De rerum natura*, Ovidio nas *Metamorphoses*, Manilio no *Astronomicon*, Gracio Falisco no *Cynegeticon*, Horacio na *Arte* e mais *Epistolas* e nas *Satyras*, Juvenal e Persio nas *Satyras*, Stacio na *Thebaida*, *Acchilleida*, e *Sylvas*, Silio Italico na *Guerra punica*, Valerio Flacco na *Argonautica*, Lucano na *Pharsalia*, Claudiano no *Rapto de Proserpina*, e na *Gigantomachia*, Calpurnio e Nemesiano nas *Eclogas*- etc., etc., etc. São erudições faceis; deixemol-as a quem tem horas para perder.

Sabemos e confessamos tambem que a *Divina Comedia* é toda em tercetos heroicos, o *Orlando*, a *Jerusalem libertada*, e a *Conquista de Granada*, e a *Secchia rapita* e o *Ricciardetto* e o *Adonis*, e as *Metamorphoses* do Anguillara, e as *Novellas* do Casti, e o *Nariz* do Guadagnoli, e tal, e tal, e tal, tudo em oitavas, e finalmente (vindo á nossa terra), Camões, a exemplo dos Italianos, fez em estancias os seus *Lusiadas*, Gabriel Pereira a sua *Ulysseia*, Vasco Mousinho o seu *Affonso Africano*, Braz Garcia o seu *Viriato*, Antonio Ferreira a sua *Santa Comba dos Valles*, Medina a sua *Zargueida*, o Padre Theodoro de Almeida a sua *Lisboa destruida*, Durão o seu *Caramuru*, Macedo o seu *Oriente*, Antonio Joaquim de Carvalho os seus *Toiros*, Ruas a sua *Pedreida*, e muitos outros outras muitas coisas.

¿Mas que se conclue de toda essa allegação infinita? ¿que não possa haver poesia se-

não pautada? havia de custar a provar a consequencia.

O Passeio público do Rocio, talhado pelos moldes da cidade baixa reedificada, foi por muito tempo a norma a que se conformavam os riscadores de jardins e alamedas. Não imaginavam possibilidade de bom gôsto para fóra d'aquellas geometrias rectilineas, d'aquellas symetrias inalteraveis; tambem tinha sido moda franceza, e de antiga data. Passou porém da Inglaterra para a França o estylo dos jardins á natural.

Eis como Delille, depois de percorrer no seu poema os dos outros paizes, exclama enthusiasmado:

Enfin je viens à toi, florissante Albion,
Au bel art des jardins instruite por Bâcon;
De Pope, de Milton, les chants le secondèrent;
A leurs voix des vieux parcs les terrasses tombèrent;
Le niveau fut brisé, tout fut libre; et tes mains
Ont, comme tes cités, affranchi tes jardins.

Era geralmente um progresso liberal, porque era uma franca homenagem á Natureza, unica origem, unico protótypo de todo o Bello. Universalizou se; chegou até nós. O formoso Passeio da Estrella, com as suas curvas phantasiosas, a sua irregularidade apparente, os seus oiteirinhos, e os seus recôncavos inesperados, aqui florído, acolá silvestre, ora uma estufa, harem de flores estrangeiras, ora um lago, passeio dos cisnes prateados, tornou a todos evidente, pela comparação, o absurdo, semsabor, e monótono, da antiga floresta pombalina.

Os jarrêtas que se vão embora dormitar

ás sombras d'ella, com um grosso volume todo de oitavas-rimas sobre os joelhos, que a dama de gôsto delicado, o mancebo amoroso, e o poeta (o poeta sobre tudo) preferirão devanear por entre estas amenidades novas, sentar-se n'um banco fortuito, e ahi reler o *D. Jayme* ou o *Poema da Mocidade*, esses dois modelos da desordem sem confusão, em que o metro, divino Protheu, de continuo se transforma com o assumpto, e é como a hera, que segue, revestindo-a, a feição do tronco e das ramarias.

Tudo isto se está mettendo, pelos olhos e ouvidos, para a alma de quem a tem. Parece até que há luxo pêco em o defender.

*

Todavia, apesar de já tão claramente exposto na *Conversação preambular* ao livro de Thomaz Ribeiro, e quando parecia que esse proprio livro haveria perimido e en errado a questão para todo sempre, achou ella ainda (segundo cá me soou) letrado officioso e caritativo, não me lembra quem, para a advogar. Como a abusão era velha, não faltaram sectarios, que lhe repetissem, e estejam ainda agora repetindo, o arrazoado.

Cifrava-se elle, se bem percebi, ou bem me lembra, em dois argumentos: o primeiro era poder um poeta de habilidade, como Camões, encolher ou estender o pensamento, segundo fosse de si longo ou curto, até o ajustar com a oitava; o segundo, era ter sido edificado um mosteiro, creio que o da Batalha, todo de pedras quadradas.

Vamos lá ao primeiro, já que é necessario responder a isto.

¿Quem nega que se possa fazer essa habilidade? O que se pergunta é se, depois de feita, ella prestou para alguma coisa; pergunta-se mais, se, para se fazer, se não atormenta muitas vezes o pensamento, ora aparando-o, ora cosendo-lhe ensanchas; pergunta-se tambem, se a uniformidade de numero, de pausas, e de rimas, continuada por horas e dias, não é um narcótico dos mais valentes; e pergunta-se finalmente, se a Poesia consiste em fazer habilidades, como a arte de Hermann, que engarrafava um homem n'um frasco de meia canada.

O argumento das pedras da Batalha, esse sim, que é *sólido*; a pena é não ter para o caso a minima applicação.

O edificio ainda poderá parecer-se com um poema; ¡porém uma pedra com uma oitava! Se comparasse as pedras com as letras ou com as palavras, vá; não era comparação das mais felizes, mas emfim, com boa vontade e fé robusta, talvez se comprehendesse; ¡mas com as estancias!... As estancias d'aquelle poema de marmore não são as pedras; são, sim, as diversas partes já compostas com ellas. Cada columna é uma estrophe; cada abóbada, uma; cada altar, uma; uma, o espelho (ou, como hoje diriam, rosaça) da frontaria; uma, a vistosissima portada principal; uma, cada ornato; uma, cada fresta illuminada com suas vidraças de finas côres; uma, cada tumulo; uma e muitas, as capellas imperfeitas; uma, até, cada sombra. O poema consta d'estas estrophes; e estas

estrophes differem todas entre si, tanto nos feitios e lavores, como na grandeza.

Oh manes do cego Affonso Domingues, ¡como chegaram a commentar o vosso poema!

Acabemos com isto, que é mais que tempo; e a quem não quer ser convencido não ha modo de convencel-o:

O poema todo em oitava rima, ou todo em sextinas, ou todo em quartetos, ou todo em tercetos, ou todo em parelhas, é como parede de azulejos pintados. Se o pincel foi habil, debuxou talvez n'ella uma scena para atrahir e deter os olhos, o sacrificio de Abrahão por exemplo; mas aquelles córtes quadrados veem logo destruir a illusão, descobrindo o grosseiro artificio: a espada do pae apparece cortada por cinco ou seis partes; o menino Isaac vê-se de veras degolado; uma e outra figura, esquartejadas; é o termo.

Repito: deixemos isto, que elles estão por fôrça gracejando; não pode deixar de ser.

*

E' portanto este, em meu juiso, um dos merecimentos do nosso livro: veio ajudar com o exemplo a causa da emancipação poetica, da abolição dos morgados indevidamente retidos ha seculos pela oitava-rima, com prejuiso de todas as outras contexturas metricas, offensa da rasão, e perda grave para o bom gôsto.

E não ha-de ser o derradeiro exemplo e efficaz auxilio. A estas horas está lá em Parada de Gonta, ou em alguma assomada da serra de Estrella, a sós comsigo, que não é

pequena sociedade, o meu Thomaz Ribeiro, a escrever, pelo mesmo systema de poeta liberal, a continuação da sua *Delfina*. Os dois primeiros cantos, já aqui recitados, afiançam que o *D. Jayme* se ha-de rever n'uma digna irman. Tenham paciencia os invejosos, e tenham-n-a tambem os saudosos das galés quinhentistas, em que os poetas não vogavam senão amarrados ao banco, de grilhão á cinta, e batendo o remo ao compasso despótico de uns comitres arvorados. Resignem-se á liberdade, que não ha outro remedio.

E saibam que ainda não ha-de parar ali aquelle grande revolucionario.

O *D. Jayme* e a *Delfina*, como poemas-romances ainda poderiam passar; mas elle já traz concebido escândalo maior, e o supremo: ha-de-nos dar desoitavada uma epopeia, uma verdadeira epopeia: nada menos, que a Restauração de 1640.

Deixemol-o crescer com os ares das aguias lá na sua serra de Viriato; ¡assim a Politica o deixasse tambem!

*

Valha-nos Deus com opposições sem consciencia. ¿Pois não acabarão de perceber quanto ha de ridiculo no pretenderem em nome da... em nome do... (em nome de nada) obrigar o genio a trilhar sempre o caminho de pé posto por onde foram os primeiros?

¿Como se havia de prohibir a opção de todas as fórmas poeticas existentes, de todas as fórmas poeticas possiveis, n'uma edade

em que homens dos maiores, até em prosa escrevem poemas, que o senso universal lhes aceita por moeda de toque e pêzo, que pode correr sem embaraço?

Pode regosijar-se o snr. Pelletan.

¿Não serão os *Martyres*, a *Attala*, o *René*, e *O ultimo dos Abencerages*, verdadeiros poemas? ¿Não o serão *Paulo e Virginia*, *A Arcadia*, e quasi tudo quanto escreveu Bernardin de Saint-Pierre? ¿Não o será *A Italia*, da Baroneza de Staël? ¿Não o serão o *Numa*, e o *Conçalo de Cordova*, o *Guilherme Tell*, o *Eliezer* e *Nephtali*, a *Estella* e a *Galatéa*, de Florian? ¿o *O Capitão Paulo*, de Dumas? ¿o *Leproso* de De Maistre? ¿o *Raphael* e a *Graziella*, de Lamartine? ¿o *Pastor*, de Pelletan, e a sua *Profissão de fé*? ¿*A guerra do Nizam*, de Méry? ¿uma boa duzia dos romances historicos de Walter Scott e de Cooper? ¿o *Idyllio da rua Plumet*, nos *Miseraveis* de Hugo? ¿muitos capitulos de Michelet, muitissimos de Aimé Martin? ¿E não o tinham já sido incontestavelmente, a *Psyché*, de Lafontaine, e o *Telémaco*, de Fénelon? ¿Não o serão, finalmente, alguns romances de Camillo e de Mendes Leal, *A Abobada* e o *Eurico*, de Herculano, o *Thomaz dos passarinhos*, de Paganino, tão prematuramente roubado ás patrias Letras, e alguns romancinhos de Julio Machado, e do nosso proprio Pinheiro Chagas?

Pois se em todos estes e muitos outros livros, nacionaes e estrangeiros, a Poesia não deixou de o ser por vir despida das galas metricas, e inteiramente livre de peias, ¿por que lhe não permittiriam que, desejando en-

roupar-se, o fizesse com trajos novos, bordados de matizes varios, talhados e ageitados á sua figura, antes do que arrastar perpetuamente o balandráu safado, que para cima dos hombros lhe atiraram os seus antigos alfaiates, bons para o seu tempo, mas para hoje em dia apupaveis até dos aprendizes?

Magnus ab integro sec'lorum nascitur ordo.

*

Mas o sol vai declinando; são horas de cuidar no recolher.

¿Que é, em ultima analyse o *Poema da Mocidade*?

¿Havemos de qualifical-o com as palavras que acerca dos seus epigrammas dirigiu Marcial ao seu amigo Avito?

> Bom, mediocre, e mau na maioria,
> eis este livro, e eis toda a livraria.

Não pode ser; este livro não está no caso dos de Marcial. Se contem mediocre e mau, não só por ser obra humana, mas em razão principalmente do rigor das circumstancias que, segundo vimos, lhe presidiram ao nascimento, como fadas negras e crueis, a mesma justiça, que tal confessa, obriga a declarar que o bom, que a despeito d'ellas o veio prendar e enriquecer, sobreleva imcomparavelmente aos desprimores. Em tribunal horaciano ha-de sahir absolvido e glorificado.

Tem, sim, como já antecipadamente con-

cedi aos criticos, versos frouxos, e versos duros; tem rimas triviaes, e rimas insufficientes; repete com excesso certas palavras, aliás formosas e sympathicas, e certas phrases, mais applaudiveis se fossem mais raras; apresenta frequentes geminações desintencionaes e ingratas de certas consoantes; nem sempre é illeso de amphibologias grammaticaes e desapuros de linguagem; emfim (e o que é ainda mais para sentir) aqui ou acolá cai em repetições e superabundancias de descritivo, vicio communissimo á gente môça, e de que eu já tambem padeci muito; ¡bom tempo, o d'esse e semelhantes vicios!

L'abus des beautés même enfante la langueur;
C'est la sobriété qui nourrit la vigueur.

Torne-se a advertir porém em que a obra não fez mais do que sahir da frágoa para a bigorna, e não poude passar depois pelo torno e lima; falleceram-lhe, por falta de tempo, não de vontade nem de perícia, a pomes, a lixa, e o verniz ultimo.

São desares todos esses, que uma hora melhor d'outra (e a qual ha-de vir de certo, e brevemente, se o collocarem onde o chama a pública utilidade) fará sem custo desapparecer; ao mesmo passo que as formosuras capitaes, com que tudo isso em grande parte se redime, cá estão já certas e seguras.

No 1.º Canto, note-se a amenidade d'aquelle estio; escute-se o collóquio dos amantes. Posto que por ventura um pouco mais estendido, e um pouco mais figurado, do que sería para desejar, e do que Virgilio, cuido

eu, o teria feito, não desmente o titulo de *idyllio.*

*

A respeito de um homem como Pinheiro Chagas, não vejo perigo em pensar em voz alta; e elle bem sabe quanto eu me interesso na sua gloria, pelo afêrro que tenho a todas as da nossa terra. Seja-me pois lícito ácerca d'este 1.º Canto, o *idyllio*, expôr-lhe aqui, e deixar á decisão do seu grande juiso, uma simples dúvida, que nem sombra de censura se atreve a ser.

Como que se me está entrefigurando, que a denominação de *idyllio* se não acommóda de muito boa mente com as rajadas satyricas, ou, como hoje dizem, *humoristicas*, lançadas contra o nosso tempo, que é o da acção, e não poupando nem o heroe, nem a heroina. Se a indole da obra é séria e trágica, se a dama e o namorado nos teem de obrigar a lagrimas por infortunios reaes, *lacrimœ rerum*, preferira eu que desde o princípio os leitores lhes tributassem todo o seu respeito; que o heroe se nos não apresentasse logo como ficticio, que se baptisa em *Arthur* porque muito bem se quer; assim como, tambem porque muito bem se quer, se chama ao poema *poema*. E', como quer que seja, invalidar de antemão a propria obra. ¿Como ha-de crer n'ella de veras quem a ler, se quem a escreveu logo lhe declara que é novella,

por decir la verdad como hombre honrado?

Eu não ignoro que a Poetica hodierna concede, até certo ponto, mesclar-se o burlesco pelo sério. Fel-o Byron no seu *Don Juan*; fel-o Espronceda no seu *Diablo Mundo;* usou-o Alfredo de Musset; e usa-o entre nós, com felicidade não vulgar, o Bulhão Pato na *Paquita;* é verdade; e todavia, eu por mim, sem ser inimigo de rir, antes preferindo-o ao chorar, mais quizera ter sido d'esta vez privado de tal praser.

Já não direi outro tanto dos comicos retratos do pae e da mãe de Emma; porque ainda que o ridículo (máu grado á Philosophia) sempre se transmitte um poucochinho de paes a filhos, reconheço que o autor, em nos representar assim a Ingleza, levou provavelmente o fito em declinar para ella uma boa parte da imputação da primeira infidelidade de Emma; já não era pouco ficar-lhe a segunda pertencendo toda.

Tudo isto são bagatellas; o que o não é de certo, é a descripção que o poeta no 2.º Canto nos faz da melancolia da Natureza no outono, afinada com a tristeza de Arthur:

> E as fôlhas sêccas cahiam
> com leve brulha no chão;
> era o hymno da saudade;
> era a voz da solidão.

Tudo aquillo pertence ao genero Millevoye. Tudo aquillo, sem ser imitação, nos recorda *La chute des feuilles*, uma das mais donosas flores que jamais se despegaram de um espirito melancolico.

¡E no 3.º Canto, que mestria na pintura

do baile! ¡que mestria ainda maior, pela rapidez, na descripção do jardim, jardim-paraiso, onde aguardava pelos dois amantes a tentadora serpente que os havia de perder!

.....Entre o arvoredo
soltava o rouxinol o hymno da noite.
A' beira do alegrete a flor pendida
estutava-o em extasi; e nas fontes
as naiades chorosas murmuravam
seu cantico plangente á luz da lua.
As candidas roupagens das estátuas,
illuminadas co'os reflexos tremulos
do fulgor, que emanava das janellas,
e que ia, borboleta luminosa,
esvoaçar nas ruas, pareciam
flutuar em mil pregas ondeantes.
Como o perfume de uma flor celeste,
rescendia o jardim n'ess'hora magica
indizivel mysterio.....

¿E que direi, ou que dirão, no Canto 4.° sobre a elegia ao volver de Maio para o infeliz? ¿Que dirão d'aquelle mosteiro em vesperas de total desamparo?:

Brilha a lua; da egreja e do mosteiro
o vulto cinge com sua branca luz;
no campanario grave, sobranceiro
aos ruídos do mundo, ergue-se a Cruz.

¡E a contraposição da alegria da manhan por terra e ceos, com a tristeza funebre do quarto, onde o amante acaba de expirar, Emma jaz insensivel, e o sacerdote velho ora gravemente na penumbra!

¡Por derradeiro, o como se remata e corôa o poema!

Não busquemos na orgia o balsamo aos revézes.
¡Oh! ergâmos bem alto o soffrimento, a dor!
Com os olhos no Ceo bebâmos té ás fézes
teu calice bemdito, ó juventude e amor!

Exclamemos outra vez com o velho Horacio:

.... Plura nitent in carmine. Non ego paucis offendar maculis.

Quando o Theramene, na tragedia de Racine, recorda ao virtuoso Hippolyto que seu pae Theseu, com ser tão grande heroe, teve peccadilhos, e assim pode o filho tambem cahir sem vergonha n'uma fraquesa namorada, ¿que lhe responde o modesto mancebo?

—Não fiz ainda façanhas, para ter direito de cahir como cahiu meu pae.

Aucuns monstres par moi domptés jusqu'aujourd'hui
Ne m'ont acquis le droit de faillir comme lui.

Logo, segundo Racine, as proezas bem averiguadas conferem até licença para delinquir. Não direi eu tanto; mas indulgencia e vénia, grangeiam-n-a de certo; e portanto, o *Poema da Mocidade*, se não é isento de manchas, é cheio de taes esplendores, que mal permittem attentar por ellas.

*

O poemeto do *Anjo do lar*, com que o volume se despede, acho que está quasi no mesmo caso: as suas formas não são sempre irreprehensiveis, e isso pelas razões já conhecidas; mas a veia lyrica rebenta n'elle com abundancia.

Não sei, nem me importa, se a mocinha nada e criada na aldeia improvisaria assim ao seu ingrato convertido aquella fala de júbilo:

> Fugi, sombras phantasticas
> da noite do passado;
> no ceo purpureado
> já vejo o sol fulgir.

Sei que são aquelles sessenta e quatro versos uma ode magnifica; assim como, que é outro cantico, de não menos quilates, a explosão de alvoroço com que Henrique, salvo e desenganado do mundo, se restitue de corpo e alma ao torrão campestre onde abrira os olhos:

> A andorinha que as ondas do espaço
> corta affoita, fugindo do ninho,
> não esquece jámais o carinho,
> que no aéreo edificio encontrou.

E segue, segue sempre, com um mixto de affecto e solemnidade, que dá a lembrar aquell'outro hymno da Judith na despedida da tragedia, hymno que nos assombrou quando o ouvimos divinisado pela Ristori, e

segunda vez quando Mendes Leal adornou com elle o idioma patrio.

O *Anjo do lar* contém uma lição util; é uma parábola, sem grandes dispendios de invenção, mas contendo na sua maneira simples uma exhortação a muitos inexpertos, que poderiam cegar-se da ambição, e renunciar por ella os regalos faceis da aurea mediania.

Por este respeito, vale mais para mim o *Anjo do lar*, que o *Poema da Mocidade*, cuja doutrina é de muito mais restricta applicação.

E se não, compare-se:

A tragedia de Arthur concluira-a o poeta com o epiphonema:

Não busquemos na orgia o bálsamo aos revézes!
¡Oh! ergâmos bem alto o soffrimento, a dor!
Com os olhos no Ceo bebamos, té ás fézes,
teu calice bemdito, ó juventude e amor!

Mas no romance de Henrique é este o fecho de oiro:

Que importam tristezas, que importa amargura
se a luz dos teus olhos a vem dissipar?
¡Ai, doido! não soube que tinha a ventura
no meigo regaço do Anjo do lar.

Além, falára-nos o poeta como que a sonhar; aqui fala-nos bem acordado, e vendo junto a si o que nos descreve.

*

Aqui'tem, meu caro sr. Pereira, com demasiada largueza talvez, o que eu tinha para conversar com V. S.

Não dei sentenças decretórias sôbre o livro; não me competia isso, que estou bem longe de ser o que o meu Pinheiro Chagas phantasiou na sua carta. Expuz e motivei, conforme soube, as minhas persuasões sôbre o autor e a obra, assim como sôbre uma ou outra questão literaria, que acertou de me passar a talho de foice. As que eu não deslindasse, alguem as deslindará depois. Sempre é bom deixal-as pelo menos indicadas.

Tanto sôbre ellas como sôbre o livro, só digo uma coisa, que me parece muito certa, e em que ainda não cahiram todos os que fazem crítica: a final de contas, A VERDADE É SEMPRE A VERDADE. Todos os elogiadores, conspirados para transformar o falso em verdadeiro, e todos os satyricos empenhando e desbaratando engenho para transformarem o verdadeiro em falso, perdem-lhe egualmente o feitio. O QUE É, É; E O QUE NÃO É, NÃO É. Dar ou tirar existencias reaes, não o podem palavras.

Aqui estava eu agora tentado a encetar sôbre este grande e simples thema, que é nada menos que do evangelista Châteaubriand, um sermão... que não havia de converter a ninguem.

Páro ainda a tempo, e, em logar de prégar no deserto, cá me recôlho á cova onde o meu companheiro da *Georgica* me está esperando.

Boa noite para hoje, bons dias para o diante, e fartura cada vez a mais de bons livros para editar.

Até nova occasião.

Lisboa, no retiro da minha matta,
27 de Setembro de 1865.

De V. S.
amigo e servo m.to obrigado

A. F. de Castilho

P. S.—Queira V. S. dizer de antemão aos que discordarem das minhas opiniões, e o houverem de dizer pela Imprensa, que o Virgilio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia, expendi-o; lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer.

XLI

Carta ao dramaturgo Ernesto Biester

acerca do seu drama OS OPERARIOS,
precedida de uma introducção de Eduardo Coelho
no DIARIO DE NOTICIAS de 18 de Outubro de 1865.

Dizia o *Diario de Noticias*:

«O nosso amigo e distinto escritor dramatico, o snr. Ernesto Biester, confiou-nos a carta, que acerca do seu drama *Os operarios* lhe escreveu o eminente Poeta e mestre de todos nós os que lidamos em Letras, o snr. Antonio Feliciano de Castilho, que hoje honrou o nosso escritorio com a sua visita.

«E' esse primor digno de chegar ao conhecimento das classes operarias, dos laboriosos filhos do Povo, que em maior escala lêem a nossa popular folha. Vejam elles como os honrou o Dramaturgo na sua excellente peça, e como os exalta o Poeta na sua deliciosa carta.

«*Somos todos operarios*—diz o snr. Castilho; e n'esta santa confraternidade devemos viver; as Letras com o Povo, e para o Povo; o Povo com ellas, e por ellas illuminado.

«Entendeu-se erradamente n'esta terra,

por muito tempo, que os jornaes e os livros deviam ser só para as classes privilegiadas, para os que tinham bens da fortuna, para os que podiam illuminar-se por mil diversos modos; e ao Povo que carecia de mais luz, era-lhe negada a communidade das Letras.

«Castilho lidou muito tempo no empenho de arrancar o Povo a essa escuridão, e lidou como obreiro consciencioso da civilisação. Nós, movidos de eguaes sentimentos, criámos o *Diario de Noticias*, o primeiro do seu genero que viu a luz da publicidade em Portugal; demos um jornal ao Povo, que nol-o aceitou alvoroçado, e o acolheu e festejou, protegendo-o como seu. A glória da iniciativa, enthesoiramol-a, com a gratidão aos nossos concidadãos, que por modo tão singular secundaram os nossos sinceros exfórços. Nem a maledicencia, nem as invejas pequeninas, já nos abalam. A dedicação publica é escudo contra todas as pragas da malquerença. Démos um jornal util ao Povo, que o baptisou e chamou seu. Outros virão talvez dar-lhe o livro, como o desejamos nós e o grande poeta de quem lhe offerecemos a primorosa carta.»

Carta de Castilho a Biester

Meu caro confrade.

Recolhi-me hontem ao meu deserto, encantado do seu drama *Os operarios*.

Applaudi-lh'o no theatro, como toda a gente, mas sobejaram-me applausos, e, com os ap-

plausos, agradecimentos que lhe envio por esta carta.

Ora ahi está como eu entendo as Letras n'esta era em que vamos.

Sim senhor: o theatro deve ser, em todos os sentidos, normal; escola de sentimentos honrados, de doutrinas sans e fecundas, de afêrro aos devêres, de amor ao trabalho, de beneficencia mutua, emfim, em toda a amplissima e variadissima accepção d'estas duas palavras, cifra e epilogo de uma ideia indivisivel.

Tudo isto, que só desconnexo e fortuito se encontra na maior parte das comedias (quando não vem desservido e contrariado), senti-o eu palpitar na sua obra, e na plateia, apinhada de mais homens de trabalho, e povoação das officinas, que de casquilhos de passeios e salas, e do que se condecora com o titulo de *mundo elegante*, e *grande mundo*.

Não foi só uma ovação para o talento scénico do autor, já tão costumado a recebel-as; foi (o que muito mais vale) um triumpho para a philosophia prática d'esta edade, para o espirito do Christianismo, começado a encarnar (¡e já era tempo!) no sentir, no operar, no viver, das turbas.

¡Oh! ¡quão de dentro lhe não applaudiam as suas doutrinas, sem emphases de socialismo, nem lisonjas perigosas, aquellas mãos callejadas, que a estas horas estão, de certo com mais ancia, a lidar nos seus mistéres, em quanto os espiritos, acezos em legitimas ambições, e cheios de ancia de aprender, lhes rasgam vôos para mais dilatados horizontes!

E é realmente assim; o meu poeta civilisador bem o deve saber: o mancebo rico, inerte, inutil, oneroso, talvez nocivo á sociedade, não phantasia, reclinado nas suas almofadas de molas, com a novella franceza ao lado, e as perfumadas cartas de amores cahidas para cima do tapete, não phantasia de certo, por entre as nuvens sonolentas do charuto, visões tão deleitosas, como um pobre moço, filho do Povo, talvez ainda sem appellido, humilde no trajo, sóbrio, insoffrido, constante, heroico. Este, com os olhos da alma já abertos, enxérga por entre a fumarada da officina, e n'um futuro mais ou menos remoto, uns ceos na terra, para onde lhe fogem os desejos, e aonde o hão-de conduzir o trabalho, a probidade, e o estudo: é o nome, célebre entre os seus pares, de que elle já está gosando os antegôstos; é a abundancia de depois, que já lhe serve de conduto ao pão negro; é o aninho da vivenda, por em quanto fria, escura, e desconchegada; é a paga, que ha-de fazer com largos juros, da divida do leite á velhinha que lhe deu o ser; é a paternidade, de que se ha-de desempenhar para com os irmãos mais novos; são os auxilios de todo o genero, em dinheiro, em ensino, e em exemplos, aos que encetarem desfavorecidos a carreira que elle houver trilhado; e são, para docél de flores de tudo isto, uns amores muito formosos e muito puros, de que lhe hão de provir filhos, que lhe alegrem a velhice, lhe herdem o trabalho e a virtude, e o não deixem morrer na memoria da gente boa.

Isto, que os industriaes, seus espectadores

e ouvintes de hontem á noite (muitos d'elles, pelo menos) devem estar n'este momento devaneando para consôlo e confôrto das fadigas, é, com pouca differença, ou sem differença alguma, o que o meu poeta experimenta em si mesmo, quando reune tanto povo, para lhe dar na escola do theatro estas aprasiveis prelecções.

E digo-lh'o assim affoitamente, porque o sei de experiencia propria.

Todos n'este mundo somos operarios, exceptuando os que fingiram nascer, e vieram já defuntos; sim, que o somos, e de o ser nos devemos honrar muito. Elles, operarios da forja e das machinas; o seu dramaturgo, operario da penna e das verdades; eu, operario da escola. ¿Por que me não hei-de eu citar, se me conheço? ha modestias, que são hypocrisias despresiveis e odiosas. Já que nem todos me dão a justiça que me é devida, posso e devo diante d'elles tomal-a por minhas mãos. Sim, todos somos operarios, e eu tambem.

Elles, suam lutando com a materia bruta, vencendo a, utilisando-a, convertendo-a em vantagens para o mundo.

O seu escritor, desvela as noites para lhes criar nova alma.

Eu, votei os annos e tudo, e voto ainda agora todas as minhas diligencias, a baptisar-lhes os filhos nas ondas criadoras da primeira luz intellectual.

Muitos grandes ainda não entendem isso que eu faço, que eu peço, que eu imploro, que eu obsecro, de dia e de noite, e a todos, e por todos os modos, e que ha-de vir a fi-

nal, pése a quem pesar, e quebrem-se os olhos que se quebrarem. Não; não o entendem todos; mas entende-o e aprecia-o o meu poeta, que tem o sexto sentido; e entendem-n-o tambem (Deus louvado) muitos e muitissimos dos proprios operarios industriaes.

Pois das persuasões d'estes é que se hade fazer obra a final. Aqui está a fé que me alenta a mim, e deve alentar a todos nós.

Continuemos na tarefa do Genero humano, cada um segundo as suas fôrças e o seu destíno: elles a domesticar a materia; V. E. a domestical-os a elles; eu a arrotear para toda a especie de producções o entendimento fechado e sáfaro da plebe.

Já vê se eu aceitaria, ou não, como prémio, aquella inauguração da fábrica moderna e exemplar, com que o drama se remata ao som do meu *Hymno do trabalho*, cantado, como uma prophecia do novo seculo, pelos operarios em côro.

Continue por tão abençoado e formoso caminho. Dê-nos ainda muitas peças, tão dignas de se emparelharem com esta, como esta o foi de ser offerecida á Cidade-eterna, ao Capitolio da Industria portugueza.

Lisboa 16 de Outubro
de 1865

De V. E. admirador,
confrade, e amigo obrigadissimo

A. F. de Castilho

XLII

Carta ao Conselheiro José da Silva Mendes Leal

enviando-lhe o manuscrito
do romancinho MIRAGENS DA FELICIDADE

POR

Eugenio de Castilho

(1866)

Queridissimo confrade e Ex.mo Snr.

Dois requerimentos de uma vez.

Primeiro requerimento: Antes de mais nada, dê-nos o seu romance historico de 1640. Quem leu *Os mosqueteiros d'Africa* (que deve ter sido muitissima gente), ficou por fôrça ancioso, como eu, por saber o que foi d'elles. Não nos constituisse tão formalmente seus crédores, se não queria que o obrigassemos pela divida.

¡Que bello livro lhe não sahiu este! ¡Que estudo em tantos generos! ¡Que de noticias sem confusão! ¡E que linguagem, que opulencia de linguagem, sobre tudo! Este louvor especialiso, muito especialisado, porque o portuguez é hoje em Portugal o mais raro dos merecimentos, e o ensinal-o por via de

um livro de tanto apetite, um dos melhores serviços que se podem fazer.

Sei que o *Vasco da Gama* deve ter uma particular e irresistivel seducção para V. E. O primeiro Homem da Marinha portugueza merece, e está esperando, a corôa que o primeiro Ministro da Marinha portugueza lhe destina. Não importa: o nosso 1640 é talvez ainda mais glorioso, e pode ser incomparavelmente mais util para o nosso tempo, quando celebrado por um homem, em quem se reunem (e só n'elle) o poeta da mais alta plana, o estadista mais sério, e o historiador mais aprasivel.

Passemos sem transição ao segundo requerimento, ainda que entre este e o primeiro medeie uma especie de immensidade.

Meu filho Eugenio lembrou-se de repente de escrever.

A sua deliberação causou-me praser, e susto ao mesmo tempo. O praser, de si se entende; o susto não era menos natural. ¿Sería vocação verdadeira? ¡as enganosas são tão frequentes!...

E depois, pressuppondo de leve que a prophecia interior lhe não mentia, ¿quem me affirmava que os seus dezoito annos, edade tão achacadiça aos contágios, o não exporiam a ir ser mais um dos da *bande noire*, e envergonhar-me as barbas com as sublimidades da tolice? Se tal acontecesse, eu fugia para o deserto, sem dar parte aos noticiaristas, e pedia á «estóla do infinito» que me embrulhasse, que nunca mais me posessem ôlho em cima.

Já não falo d'aquell'outra rasão tão conhe-

cida, formulada pelo Garção nos seus dois versos proverbiaes:

> Almotacé que queiras ser de um bairro,
> excluido serás sendo poeta.

Em nossos dias já não é tanto assim; e, para desmentir os dois versos do Arcade, sobraria mostrar o exemplo de V. E., que, depois de nos ter criado um Theatro, e escrito dezenas de volumes de excellentes poemas e excellentes prosas, foi ainda julgado digno dos primeiros postos do Estado.

Finalmente: o rapazinho escreveu, e eu reconheci, com entranhada satisfação, que vinha á luz escorreito da lepra fulgurante, da brotoeja do palavreado, e da tinha do *ideal*, que faz uma lástima da cabeça de tantos meninos. Verifiquei que tinha pés, como a gente, para andar por onde andam todos, e não azas para um dia se me ir por esses ares além, e fazer-nos lá de cima algumas das suas, com que merecesse que lhe desfechassem alguns tiros de sal, e pregassem com elle estatelado na lama. Pelo que tudo, dei logo muitas graças a Deus.

Não basta, porém, o ter sido preservado, pela divina Misericordia, da celebridade de orate; mais, e muito mais, se requer para ser escritor. ¿D'esse *muito mais*, que para ser escritor lido se não dispensa, teria elle alguma coisa? ¿teria elle o sufficiente?

Aqui principiaram as suspeições que eu me puz a mim proprio. Queria-me parecer que sim; mas eu era pae, e bem podia ser que me enganasse o coração.

Era portanto necessario que se consultasse no caso outro *eu*, em que se não desse este inconveniente; um *vir bonus et prudens* como o de Horacio, e como Horacio mesmo, se o houvesse. Felizmente havia-o; ha-o; é V. E.

Queira V. E. despender uma hora, d'aquellas horas de oiro com que a todos nos enriquece, em ler esta primeira tentativa de romance, *Miragens da felicidade*, e dizer sobre ella a sua opinião. A publicação, ou não publicação, depende d'isso.

Sentenceie tão desprendido de contemplações, como eu acêrca de um filho de V. E. o faria, sem nenhuma falta. Approvando, ou condemnando, V. E. nos fará egual mercê.

Quando algum escritor novél vem ao meu retiro consultar-me, digo-lhe a verdade, ou o que a mim me parece tal; para isso tenho valor de cirurgião. Mas quando se trata da saude e vida literaria de um filho, por mais exercitado facultativo que um pae seja, não lhe é lícito fazer diagnósticos, prognósticos, e lavrar receitas. N'esses apêrtos, não ha senão recorrer ao medico amigo, de quem melhor conceito forma.

Tenho a honra de me assignar

De V. E.
o mais antigo admirador,
confrade, servo amicissimo e obrigadissimo

Lisboa 3 de Janeiro
de 1866

A. F. de Castilho.

XLIII

A D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

(1866)

Mulher sublime, que sonhando flores
não as vês inda a transformar-se em loiros,
ouve na voz dos teus admiradores
a acclamação dos seculos vindoiros.

Improviso ditado em 20 de Maio de 1866, ás 9 horas e 40 minutos da manhan, na rua de S Bento, indo de carroagem com um filho a caminho da quinta de Pinteus junto ao Tojal.

XLIV

Carta de Castilho á Camara Municipal de Setubal

(1867)

Senhores: Presidente, e Vereadores da Camara, Notaveis, e Habitantes em geral da Illustre Cidade de Setubal.

Mais que atrevimento deveria parecer o dirigir-me eu hoje a vós collectivamente, se vós mesmos, dignando-vos de me honrar com excessivas mostras de benevolencia, me não houvéreis imposto necessidade e obrigação de agradecimento.

O agradecido é um amigo; e todo o amigo tem direito de expor chan e lisamente os seus sentimentos. Sem mais vénias o farei.

*

Penhorastes-me, quanto não cabe em expressão, aceitando-nos com alacridade um projecto, em que meu irmão e eu haviamos posto o maior empenho e diligencia; e esse vosso obsequio, já de si tão grande, engrandecestel-o ainda mais, preparando-vos para nos receber e hospedar com magnificencia digna de vós, e de que até principes se pa-

gariam. Coroastes finalmente o obsequio, deferindo em parte ás nossas instancias, e atenuando um pouco essas publicas manifestações, com que a nossa justa humildade se não atrevia. Ainda assim, o que d'ellas ficou, sobraria para ensoberbecer aos mais ambiciosos.

Já pela voz de meu irmão soubestes a causa que me privou de acompanhal-o, nesta que para nós era devotissima romaria, e que a vossa urbanidade mais que generosa nos transformou em triumpho; mas o que nem pela voz d'elle podéstes de certo comprehender, nem eu por palavras vos saberia explicar, é o infinito que a Vós me prendestes com as acclamações, em que, n'um dia todo de Bocage, o meu nome andou consociado com o do grande Poeta, no meio dos seus conterrâneos mais illustres. Enthesoiro para gloria de familia as folhas publicas e as cartas, em que se me relatam essas memoraveis horas de 17 a 18 deste Março.

Glorificado por vós com o titulo de Presidente honorario da Commissão que deve tratar do monumento ao Cisne do Sado, venho já ao assumpto que sobretudo nos interessa.

*

Filhos dignissimos d'este seculo, quererieis, e quizéra-o eu tambem, que os manes de Bocage se podessem nobilitar com um monumento productivo; que ao bello, se preferisse para elle o bom; á pompa artistica, a educação e a caridade; a um quasi mausoleo, um berço que attrahisse as bençãos de

Deus para sôbre enjeitados da Fortuna. As pyramides do Egypto reunidas não valem a mais humilde escola. Tal é já de muito a minha convicção intima; livre a expuz, e larga e diuturnamente a sustentei na *Revista Universal*, quando se tratava do como se ergueria padrão condigno a D. Pedro IV; e outra vez ainda tomei voz pela civilisação contra a vaidade, quando se controvertia por D. Pedro V qual melhor o representaria: se um colosso surdo, mudo, cego, immovel, gelado, sem entranhas; se um mestre, embora o mais obscuro, ou a mais humilde mestra, preparando no eremiterio de uma escola o bemdito milagre de homens e mulheres para o porvir.

Que eu defendia, no já quasi anachronico pleito, a melhor parte, sabe-o a minha consciencia, e comprovastel-o vós tambem.

Todavia, Senhores, como nem todos ainda o entendem assim, e os dinheiros já tributados, para a homenagem que hoje se projecta, vieram logo, e talvez aliás se retrahiriam, destinados a converter-se em monumento, na accepção vulgar do termo, entendo eu que todo e qualquer debate n'este sentido seria já agora intempestivo, e inutil quando menos.

Renunciemos pois virilmente o optimo para onde nos fugia o coração, e ousemos contentar-nos com o simples bom, que tão risonho, ainda assim, e tão conseguivel, se nos presenta.

Por sermos vencidos do numero, não havemos de fugir do campo; e esperando por dias de mais rasgada luz, consolemo-nos, que tambem é boa philosophia, consideran-

do que d'entre todos os monumentos infecundos, estes, os dos filhos de si mesmos que se nobilitaram pelos trabalhos da intelligencia, são sem duvida os de maior préstimo.

*

¿Quem se instrue ou se melhora com a estatua de um Rei, mas que fosse Trajano, o IV Henrique, ou D. Pedro? ¿Que diz esse marmore ou bronze, que o não diga melhor, mais ampla, mais alta e mais duradoiramente, a Historia? ¿e quantos monarchas ha para irem escutar a esse simulacro de Principe uma exhortação, que nunca lhes virá de fóra, se já Deus ao nascer lh'a não insinuou?

O vulto de Colombo, sim; é o rei dos utopistas, por quem o mundo se duplica; essa figura, como a do Infante D. Henrique, eleva a alma ao pensamento das grandes coisas: pregôa o estudo, o trabalho, a perseverança: todo o espinhoso itinerario da Glória.

No mesmo caso estão as effigies solemnes de Galileu, de Newton, de Linneu, de Guttemberg, de Washington, de Franklin, e estariam a de Fulton, a de Olivier de Sèrres, a de Jaquart, a de Cobden, a de Daguerre, e as de duzentos outros que negociaram os talentos divinos em proveito de seus irmãos.

Ainda apoz estes ha lugares honrosos, a chamar pelo cinzel, e podem, com interesse publico, outorgar-se aos homens do mundo ideal, aos devaneadores do bello, ess'outros fecundadores do mundo pelo menos; espiritos encarregados pela Providencia de o afor-

mosentar com as flores do espirito, com as saudades do bom que foi, e com os arreboes propheticos de melhores dias. Os Shakspeares, os Molières os Schillers, os Cervantes, os Camões, e os Bocages, pertencem a este numero de eleitos, cuja verdadeira vida principia da sepultura.

A estatua do poeta, essa sim que não é muda; por ella falam ainda os seus versos. O filho das Musas ouve-a cantar no mundo esteril por onde vagueia indifferente, como nos areaes do Egypto o collosso de Memnon modulava hymnos ao apparecimento da Aurora sua mãe.

Já não é pedra aquillo; é um conselho vivo de estudo, de recolhimento solitario, de meditação, de paciencia, de esperança, de fé na propria estrella, de renunciação ás pequenezes, aos enredos, a todas as miserias caducas e perecedeiras.

*

Falei de Camões e Bocage. ¡Que de pontos de contacto, entre estas duas glorias nacionaes! Permitti-me recordar-vol-os, que será ensoberbecer essa terra a que já tanto devo.

Com quasi dois seculos e meio de distancia nascem de familias honradas, mas de pouca fortuna, os dois maximos cantores portuguezes, no prazo precisamente em que mais uteis podiam ser, como exemplares á lingua e poesia nacional. Camões regularisa e fixa, com o adjutorio do latim, do italiano e do hespanhol, a arte de escrever claro e culto:

..... um som alto e sublimado,
um estylo grandiloquo e corrente.

Bocage, outro Messias literario, ofusca, dispersa, quasi anniquilla de todo a sinagoga arcadica. Forte egualmente com os idiomas da antiga e moderna Italia, e com o francez, de que elle sabe não colher senão o necessario, o util e o bom, abelha delicada entre insectos impuros que só venenos lhe sugavam, dá a ouvir pela primeira vez aos eccos multiplicados e atonitos um falar altiloquo e terso, claro e elegante, cheio e harmonioso, como nenhum, em poesia, ainda por cá se ouvira, nem se tornou a ouvir, depois que elle emmudeceu. Camões e Bocage são pois ainda hoje dois mestres; mas o segundo, por mais achegado a nós, mestre para mais aproveitamento. Na traducção inexcedivel, e no soneto inegualavel.

Engenhos peregrinos ambos, começam a colher temporan a celebridade; ouvem em vida os applausos dos vindoiros, e por entre os sussurros harmoniosos dos loireiros, já tambem os pios importunos das invejas. D'aqui talvez a esplendida bile que em ambos se desabafava em satyra; d'aqui tambem, aquelles frequentes assomos com que ambos, não sem escândalo de mediocres, ousavam pregoar, como Ovidio, como Horacio, como todos os gigantes, que ardia nelles o fogo sacro, que os inspirava um nume, e que as suas obras não tinham de morrer.

¡Reprehende-se á Fortuna a sua prodigalidade para com entes vulgares, abjectos, nullos, ao mesmo passo que pelo commum

se mostra mesquinha aos espiritos eleitos! ¡Que desarrasoado não é esse queixume! e basta uma consideração, omittindo vinte outras que a reforçam: ¿sería porventura justo que a Providencia dispartisse tudo a uns, e a outros nada? ¿que os pobres de espirito fossem tambem mendigos dos bens terrestres, em quanto os talentos e genios possuissem os palacios e parques, os cavallos da Arabia, as mezas de Lucullo?

«Não escreve Lusiadas quem janta
«em toalhas de Flandres.....

já o tinha dito Garção.

A Camões e a Bocage vá pois a vida pobre, atormentada, trabalhosa. ¡Quem sabe se a contrária os não afogaria!

Camões recorre á milicia; Bocage recorre á milicia. Ambos vão servir a Patria nas terras d'alem-mar, no Oriente, na região do sol e das palmas; a ambos os espera lá a inspiração, mas os infortunios tambem; a ambos a ausencia apura a sensibilidade; a ambos os chamam os amores para o ninho paterno.

¡Amores! ¿qual dos dois levará n'isto a palma ao outro? Nem um nem outro é Petrarcha para uma só Laura, ou Dante para uma só Beatriz, a quem ame viva, e a quem ame dobradamente depois da morte.

Cada um delles é, como o segundo por si confessou ingenuamente:

«devoto incensador de mil deidades.

Não amam a uma formosa; enleva-os a

formosura; ardem por mil; adoram a todas; a feminidade, sob qualquer forma ou nome, é o seu iman perpetuo.

Em rumos encontrados, e com a mira em estrellas diversas, é sempre a mesma luz celeste, a belleza, quem os enamora, quem lhes chama: aos olhos, ora o riso, ora as lagrimas; ao coração, ora a esperança, ora o ciume; aos labios, ora os hosannas, ora os improperios, que são ainda amor. Por isso, nem um nem outro se atreve a escolher uma companheira para a jornada trabalhosa da vida. Por filhos e herdeiros, só hão-de deixar as proprias obras.

A existencia namorada, aventurosa, errabunda, fortuita, amphibia, quasi aérea, quasi chimérica, e quasi de chiméras unicamente pascida, a tal ponto os irmanou, que Bocage não poude abster-se de exclamar no seu exilio indiano:

> Camões, grande Camões, quão semelhante
> acho teu fado ao meu quando os cotejo! :
> egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
> arrostar com o sacrilego Gigante;
>
> como tu, junto ao Ganges sussurrante,
> da penuria cruel no horror me vejo;
> como tu, gôstos vãos que em vão desejo
> tambem carpindo estou, saudoso amante.
>
> Ludibrio, como tu, da sorte dura,
> meu fim demando ao Ceo, pela certeza
> de que só terei paz na sepultura.

*

E ainda então, senhores, o vosso cantor, o vosso Camões II, não sabia quantas mais

semelhanças com o grande homem o aguardavam no futuro. Como elle, havia de experimentar por leviandades a amargura expiatoria do carcere; como elle, havia de chegar a ver a Patria n'uma grande crise, suprema dor para um coração portuguez; como elle, havia de se finar num aposento desconchegado, e soccorrido da caridade; como elle, até depois de enterrado, havia de naufragar e perder-se com a propria sepultura; como a elle, emfim, havia de chegar um dia, e foi Deus louvado em nosso tempo, em que a gratidão publica, o evocasse glorioso d'entre os mortos. Foi necessario um seculo para a canonisação da arte; a campa extraviada resurgiu pedestal, quasi ara.

Camões e Bocage vão reapparecer nas suas cidades nataes, d'esta vez de bronze para a eternidade, a dominarem com toda a sua grandeza intellectual em meio de praças do seu nome, em quanto as Musas do drama e da comedia os offerecem aos applausos das turbas, Camões pelos meus exforços, Bocage pelo engenho prestigioso de Mendes Leal, o principe do nosso theatro.

Um genio poetico do novo mundo, inspirado cantor d'aquellas terras, ainda nossas pela fraternidade, d'aquelle paiz unico do oiro e do sol, dos diamantes, da poesia e da mocidade, Alvares de Azevedo, dera-nos o exemplo (¡pobre moço, tão em flor cortado á gloria do Brazil e do nosso commum e opulentissimo idioma!): carpira o fim misérrimo de Bocage em paginas dignas do seu assumpto, mostrando-nos por dentro e ao natural o coração vulcanico, o espirito sublimemente

delirante d'este filho pródigo das Musas, que ainda melodioso ao expirar, como a ave do Caístro, suspirava o pesaroso gemido que a ninguem esqueceu:

«meu ser evaporei na lida insana
«do tropel das paixões que me arrastava.

*

Surja pois muito nas boas horas no melhor forum de Setubal, ao som dos vivas de Portugal e do Brazil, essa projectada rotunda occupada por Bocage, e dominada da Musa lyrica, podendo-se entalhar no pedestal aquelle verso delle, então prophecia, hoje historia:

«Zoilos, tremei! Posteridade és minha!

Todos os bons engenhos portuguezes hão-de sem falta acudir com os seus cantos a essa inauguração expiatoria, o que será para Elmano terceiro monumento: o primeiro já o havia elle mesmo levantado a si com os seus versos de oiro.

D'aqui me estou eu deliciando a antever essa festa nacional. Toda a vossa cidade de gala; a capital visitando a com inveja; a praça alcatifada de loiros e murtas; a musica alvoroçando ainda mais os corações; os edificios colgados de purpura; os representantes do municipio em toda a pompa official, e, a convite d'elle, as damas, indo coroar de flores o seu escravo agora rei.

Quanto não seria para desejar, que esta emblematica ceremonia da coroação do ta-

lento pela formosura, se renovasse perpetuamente de anno a anno, no dia do nascimento do poeta, ou no do seu renascimento em estatua!

Confessemos que n'estas coisas tão simpathicas, e tão faceis de si que até são gratuitas, vai alguma coisa mais que mero regosijo popular; vai estimulo energico a muito engenho. A gloria tambem é contagiosa; não o haviam de ser só as outras febres.

Por este lado o monumento, que a principio nos pareceria esteril, já cessa de o ser; e a Posteridade alguma coisa por ventura confessará que lhe deveu, quando der de seculo a seculo o seu balanço.

*

Senhores, vós tendes varias outras praças; vejamos se se evocam do nada futuros grandes homens, para as occuparem com a sua effigie.

Setubal recebeu da natureza boa benção de poesia. Já tivera antes de Bocage o vosso Vasco Mousinho de Quebedo, o pregoeiro epico do Affonso Africano; e Thomaz Antonio dos Santos e Silva, o infeliz carpidor de Lesbia, genio inculto, que o estudo, e um pouco menos de adversidade, houveram podido sublimar. ¡Quem sabe quantos outros eguaes ou maiores não poderá ainda criar um torrão, pela amenidade, do ceo, e pelas circumvisinhanças tão inspirativo: com a Arrabida religiosa a um lado, vestida dos seus rosmaninhos e alecrins, e Palmella a devanear do seu castello proesas guerreiras de

outras idades; do outro lado Troia, a romana antiga, que para ali se jáz; e o Oceano, a meditação immensa; torrão das laranjeiras noivas, como a Italia; e por baixo thesoiro de jaspes e marmores, resguardados para estatuas de seus filhos. Solo providencialmente prendado de tudo, e d'onde, ainda ha dois dias, um insigne poeta dinamarquez, o nosso amigo Andersen, estanciando ahi depois de percorrida a Europa, me escrevia que tinha encontrado ao cabo o Paraizo terreal.

Se eu não temesse offender modestias que venero, citaria exemplo contemporaneo, de que a terra que deu Bocage não ficou por isso exhausta de poesia.

*

Mas voltemos ao nosso Bocage. Não o conheci eu pessoalmente. Despedia-se elle do mundo quando eu apenas o entrava; mas conheci e tratei depois a alguns dos que o haviam admirado, e que d'elle me falavam, como se na vespera o tivessem applaudido. Eram estes poetas, seus cortezãos, nada menos que: Vicente Pedro Nolasco da Cunha, João Vicente Pimentel Maldonado, o Morgado de Assentiz, D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, Belchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Sequeira, José Nicolau de Massuelos Pinto, José Agostinho de Macedo; e duas poetisas: a Condessa de Oeynhausen Marqueza d'Alorna, e D. Anna Pereira Marecos, a cada uma das quaes dedicou um

dos seus tomos poeticos, e o coração tambem, segundo é fama.

Toda esta constellação poetica já lá vai sumida no occaso. D'entre estes nove engenhos não vulgares, não houve um, sem exceptuar o Padre Macedo, flagellado com a mais tremenda e memoravel das satyras bocagianas, que me não confirmasse o que eu ouvira a meu proprio pae, não poeta, porém juiz muito competente em coisas literarias: —que o improvisador Elmano fôra ainda muito maior na facilidade e felicidade da improvisação, que nos seus versos esmerados para a luz publica. Como poeta, poderão os diversos gostos contrapor-lhe um ou outro rival; como repentista, nenhum. Eis ahi um novo jus ao monumento.

*

Vão longe aquelles dias dos tão afamados oiteiros poeticos de Portugal; ja tambem agonisavam quando os eu alcancei; mas era donosa occupação e bom estimulo de engenhos, emquanto a juventude era juventude, e a Politica, nos não tinha a todos e de todo dessalgado; mas ¿quem nos diz que ao pé do vosso Bocage resuscitado, não poderiam, se os evocasseis Vós, resuscitar egualmente aquelles certames nocturnos dos engenhos, no dia, ou no triduo do anniversario do monumento?

E se resuscitassem, ¿não seria esse um facto bem fecundo? ¿não sabemos todos nós o que a Historia ainda não esqueceu das lutas

de poetas e de poetisas na Grecia, na patria do bom gosto e dos ternos exemplos?

Quando repômos em uso e em honra, sôb o nome de regatas, as naumáchias festivas dos Troianos, quaes Virgilio nol as descreveu; quando imitamos as apostas dos cavallos voadores de Elide; quando se vai palmear a ferocidade sanguinosa do Circo Romano, em batalhas de feras com homens, ou antes d'homens-feras com animaes forçados a enfurecer-se; ¿por que motivo só desdenharemos da sabia Antiguidade o que se refére á cultura do engenho, o que tende a amenisar a convivencia, a polir os costumes, a aproximar e reunir os sexos no convivio dos gôstos delicados? ¡Que lustre não seria para Setubal, a bocagiana, instaurar ella esse estádio, em memoria do seu filho! Embora o não viesse a conseguir, já o tental-o a enobrecêra; nós diriamos no nosso poucochinho: «os jogos setubalenses» como a Grecia blazonava os seus jogos olympicos e os pythicos, a que se cria presidir o mesmo Apollo.

Os annos vão frios, não o ignoro; ¿mas que mal faria tentar-se ainda o bello, o gracioso, o admiravel?

A' fé que não valia, nem vale ainda hoje, a aldeia franceza de Salency, o que ha-de valer, e o que já vale a vossa cidade tão bella e tão populosa; e todavia, um grave prelado, um velho, despegado do mundo, e que mereceu canonisado, S. Medardo, instituiu lá, e logrou-se de ver pegada, a festa annual da Roseira, depois transplantada para tantas outras partes, e que, extirpada

passageiramente pelo tufão revolucionario, tornou a pegar, e ainda hoje se conserva. ¡Que ricos frutos moraes, e em que larga copia, não tem produzido aquella coroa de rosas, trançada para a moça mais virtuosa pelo risonho velho, poetico e innocente Anacreonte da caridade! Tentae vós tambem, e já pode ser que Deus vos abençoará a tentativa, e que algum dia ainda, em recompensa d'esses exforços, vos permittirá levantar, em face do monumento de Bocage, outro da civilisação: a escola, o asylo, como Vós e eu os cubiçamos.

*

São horas de cerrar tão larga conversação de amigo com amigos (perdida, não espero eu que ella fique totalmente). Por agora despeço-me de Vós, formando votos para que o exito corresponda ás vossas diligencias, e d'aqui a pouco se esteja celebrando na vossa terra, com a assistencia de todos os poetas portuguezes, o jubileu de Bocage.

Setubal é já uma linda cidade; d'ahi avante, poderá chamar-se uma cidade famosa, porque tambem de Sulmona, que de certo a não valia, la dizia o Bocage romano, Ovidio: —«Muralhas da minha terra, não sois muito, não; mas quando um viandante vos avistar de longe, dirá: terra que tamanho poeta criaste, embora não abarques largo territorio, chamar-te hei grande.»

Permitti-me a honra de me assignar

o vosso

mais respeitoso e agradecido servo.

Lisboa 20 de Março de 1867.

A. F. de Castilho.

XLV

Carta da Camara Municipal de Setubal a Castilho.

(1867)

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Antonio Feliciano de Castilho.

Novos laços de gratidão prendem hoje a V. E. o povo de Setubal.

Em nome dos habitantes d'esta Cidade, que nos honramos de representar, agradecemos do coração as benevolas expressões, que V. E. se dignou de nos dirigir na sua excellente e obsequiosa carta.

As demonstrações com que este povo desejava receber as distintas illustrações, que vinham visitar esta terra, representavam apenas uma imperfeita manifestação de respeitosa homenagem ao primeiro poeta do seu paiz, e um singelo tributo de sincera gratidão ao homem benemerito, que tanto se tem desvelado a bem do Povo, preparando-lhe pela instrucção um melhor futuro. N'essa occasião tornava mais vivo o enthu-

siasmo dos filhos d'esta terra a lembrança dos motivos que tinham determinado a visita de tão illustres hospedes: honrar a memoria de um genio fecundo de que Setubal se orgulha de haver sido berço.

E' esplendida a maneira com que V. E. expressa os seus elevados conceitos; será modesta a nossa resposta, porque modestos são os nossos recursos. E' justo que mais dê quem mais possue, e a V. E., a quem a Natureza concedeu com mão tão prodiga os altos dotes da intelligencia e do coração, cabe a vantagem e a gloria de poder dar muito mais do que pode receber.

Seja pois lhano e cordeal o nosso agradecimento, e valha pela sinceridrde com que é offerecido o que não póde valer pela riqueza das imagens, nem pela pompa do estylo.

Aquella carta, Ex.mo Sr., devêra ser lida em assemblêa aonde concorresse o maior numero possivel dos conterraneos de Bocage, se não fosse ainda mais util dal-a á estampa, e distribuil-a com profusão para que fique bem gravada na intelligencia e no coração de todos, e seja um poderoso talisman que avive mais e mais n'este povo o amor ás instituições humanitarias, de que V. E. tem sido sempre incansavel propugnador.

Como complemento de tão assignalados favores, ousamos pedir que V. E. consinta que as brilhantes paginas d'aquella carta sejam divulgadas pela Imprensa, e cheguem assim ao conhecimento de innumeros individuos anciosos de admirar mais uma vez o

genio de V. E., e enthesoirar tão preciosa joia literaria.

Sala das Sessões da Camara Municipal de Setubal em 27 de Março de 1867.

Antonio Rodrigues Manitto.
José de Groot Pombo.
Francisco Alberto dos Santos.
Manuel José Vieira Novaes.
Martinho da Silva Mendes.
Joaquim Pedro d'Assumpção Rasteiro.

XLVI

Resposta de Castilho á Carta antecedente.

Ill.mos e Ex.mos Srs. Presidente e Vereadores da Camara Municipal de Setubal.

Segunda vez me confundem V. V. E. E.as com a sua generosidade. Ambicionar honras é um sentimento natural, muito licito, e muito proveitoso; mas quando as honras veem superiores ao merecimento, são corôas que mais depressa esmagam do que engrandecem.

Dos tres louvores que V. V. E. E.as me liberalisam, descabem-me dois, seja-me permittido confessal-o: um, é o que recai excessivo sôbre a minha poesia; o outro, o que me converte em merito, o que é simples acto de justiça: o desejo em que eu acompanho a meu irmão, e a V. V. E. E.as mesmos, e creio que a todos os Portuguezes, de que se tributem a Bocage, mostras solemnes da gratidão publica pelos altos serviços que elle prestou á Poesia nacional.

O terceiro louvor sim, que julgo não o ter desmerecido, e é de todos o que mais e melhor me enche e alegra o coração. Sim, meus Senhores; creio como vós, e firmemen-

te o creio, que não vim inutil ao mundo, pois que allumiei, arejei, ajardinei, e tornei attractiva, philosophica e fecunda, a escola primaria, pia baptismal unica onde os povos se podem regenerar.

Todos os meus outros livros pouco valem; o meu Methodo de ensino, facil, rapido e aprazivel, descomprehendido, mal apreciado por muitos, e por quasi todos, esse é que é a minha primeira e ultima obra. Se os mortos sabem o que se passa na humanidade, algum dia, d'aqui a quantos annos não sei, ainda me hei-de deliciar de ouvir isto aos nossos vindoiros.

Tambem eu fiz uns *Lusiadas*; só uns: foi esta carta de alforria da puericia. Não cantei os Portuguezes passados, mas forcejei por que houvesse Portuguezes futuros, o que não vale menos, se é que não vale mais.

A Camões, as palmas de cantor de genio; a mim bastam-me, e prefiro-os, os emboras de trabalhador obscuro mas util, de amigo provado das crianças, de suas mães, e da terra em que me criei.

Com a maior gratidão pois beijo a V. V. E. E.as as mãos, que me assignam este documento de que não trabalhei totalmente para ingratos, este testemunho de que ainda ha homens humanos nos nossos municipios.

Pelo qne respeita á publicação da minha precedente carta, podem V. V. E. E.as, se lhes apraz, conferir-me essa nova honra; como n'essas paginas eu não depositei senão o de que estava convencido, e o que se me figurava, e ainda se me figura, de algum prestimo, até desejo e agradeço que ellas vão

conversar com maior numero de espiritos.

Podem pois V. V. E. E.as mandal-as dar á estampa, assim como estas, assim como todas quantas por ventura eu haja de dirijir a V. V. E. E.as. Os obreiros da civilisação gostamos de trabalhar ao grande sol.

Com a maior satisfação me assigno

De V. V. E. E.as
respeitoso e agradecidissimo servo.

Lisboa 29 de Março de 1867.

A. F. de Castilho.

XLVII

Carta a Thomaz Ribeiro

depois de ouvir ler o prologo escrito por este ao poema de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho UMA PRIMAVERA DE MULHER.

(1867)

Meu Thomaz Ribeiro, confrade carissimo.

Aqui não ha mestres nem discipulos. V. E., a nossa poetisa, e eu, somos tres crentes na Poesia, como unico abrigo em que se pode encontrar ainda, n'este mundo, coisa que se pareça com felicidade.

Acabo de ouvir o seu prologo ao poema da nossa boa amiga; e não posso ter-me que não dê a ambos os meus parabens: versos d'aquelles, mereciam apresentados n'uma prosa assim. Se fosse licito invejar talentos, e horas inspiradas, ¡que invejas não teria eu a ambos n'este momento! mas livra-me d'esse feio peccado o affecto cordeal e agradecidissimo que me prende a ambos.

Estou ufano com o Poema; ufano com a Introducção; a ponto, de dar parabens á estrella de todos tres, que d'esta vez me inhibiu de ter a honra de ser eu o apresentante

d'esta juvenil Musa, que nos sahiu inesperada, como as dryades, dos troncos da sua florída soledade.

Uma coisa tenho porém agora que reivindicar para a minha glória, pois bem sabem que me é devida: falo do titulo do Poema. Tinha querido a nossa Poetisa que eu lh'o baptisasse; fui eu que lhe impuz o nome, duas vezes bem merecido, de UMA PRIMAVERA DE MULHER.

Mais nada; mas isto, estas quatro palavras, que para mim são muitissimo, desejo eu que se fique sabendo pertencerem-me.

Diga-o pois ao Publico, e aceite antecipados os agradecimentos do

Seu confrade e amicissimo.

Lisboa, 2 de Março
de 1867.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

XLVIII

Carta ao eminente pianista Arthur Napoleão.

(1868)

Glorioso patricio, snr. Arthur Napoleão.

Quando ha pouco tive a fortuna de apertar pela primeira vez essas mãos prodigiosas, descobri, com admiração, quanto era profunda e abundante a matriz de que rebentam essas torrentes de harmonias.

Não podia deixar de ser. A vontade, o estudo, e a perseverança, teem produzido musicos notaveis; porém os Orpheus, verdadeiros filhos das Musas, veem desde a origem prendados com a luz divina a que chamamos genio; e a essa luz, que nem todos os de fóra percebem, é que se devem os portentos, que chegam a figurar-se fabulosos.

Ha realmente ahi dentro o pensar sublime, o affecto amante e generoso, a tendencia instintiva para o Bello, o ideal poetico, em summa, de que, segundo as diversas applicações, se formam os Homeros e os Virgilios, os Migueis Angelos e os Raphaeis, os Newtons e os Colombos, os Franklins e os Rossinis.

Por isso, a sua cabeça juvenil traz já para a nossa Patria loiros e palmas de todas as

partes do Mundo, e o seu nome deixou eccos gloriosos e perduraveis, até nas capitaes de mais altas soberbas, e mais profundas indifferenças.

Está chegando o dia do seu novo triumpho na terra do nascimento. ¡Que esplendido não vai ser esse concêrto! ¡e que desvanecimento não é para mim o ter sido nominalmente convidado para o ir gosar!

Irei pois admiral-o novamente, e exprimir-lhe n'um abraço quão de veras sou

Seu admirador affectivo
e obrigadissimo.

A. F. DE CASTILHO. [1]

[1] O sarau musical a que se refere Castilho deu-se a 3 de Abril de 1868.

OS EDITORES.

XLIX

Carta a Arthur Napoleão.

(1868)

Lisboa, 4 de Abril de 1868.

Amigo snr. Arthur Napoleão.

¡Que feitiçaria o seu serão de hontem! Não creio que jamais se gozasse de outro mais brilhante.

Imagino os deliciosos sonhos que lhe encheriam o restante da noite; eu mesmo os tive bem agradaveis; toda a minha poesia andava alvoroçada com aquelle triumpho nacional.

Abracei-o á despedida, carregado de corôas, já pela centesima vez; e o primeiro acto de hoje é reiterar-lhe os meus cordealissimos parabens.

¡Avante, poeta da Musica! prosiga no seu vôo para a immortalidade. E' o que do fundo da alma lhe deseja o seu

admirador enthusiasta.

A. F. de Castilho.

L

Carta ao notavel compositor portuguez Sá Noronha.

(1868)

Mestre Sá Noronha.

(Deus louvado, que já podemos dispensar o italianismo *maestro*).

Apresso-me em agradecer-lhe o praser, que no serão de hontem nos deu a sua imcomparavel rabeca, essa intérprete da sua phantasiosa e bella alma.

Tivemos, n'aquelle esplendido salão, o desvanecimento de celebrarmos simultaneamente dois triumphadores nossos conterrâneos: ARTHUR e NORONHA, nomes de que a posteridade já se não ha-de esquecer, nem aqui, nem por muitissima Europa e America.

Peço licença ao laureado autor do *Arco de Sant'Anna* para lhe enviar, como bilhete de visita, a obra do seu parente Anacreonte.

O velho de Téos havel-o-hia applaudido como eu, que sou, por egual, de um e de outro

admirador amantissimo

Lisboa 4 de Abril de 1868.

CASTILHO.

LI

Carta ao periodico lisbonense DIARIO DE NOTICIAS.

(1868)

Amigos snrs. Redactores do *Diario de Noticias*.

Bem a pesar meu deixei de concorrer, com tantos e tão bons amigos, ao funeral do nosso Francisco Vieira da Silva.

Agradeço, por minha parte, a justiça que hoje fazeis áquelle homem, incontestavelmente muito benemerito.

O espirito prático de associação, póde-se pregoar (sem contradictores) que a ninguem deveu mais, nem tanto, na nossa terra: apostolou-o, viveu por elle, por elle se matou. Quantas lagrimas os operarios lhe tributem, nunca serão de mais.

Se eu tivesse podido aggregar-me aos que no cemiterio se honraram proclamando os louvores de homem tão singelamente nobre, e tão sem arte eloquente, haveria dado ali um testemunho solemne de que nenhum Portuguez me coadjuvou com mais entranhada fé e zêlo do que elle, na trabalhosa cruzada da conquista e regeneração da escola primaria.

Elle amava, como eu, aquelle enflorado e harmonioso berço do Portugal novo, a que o amor servia de anjo da guarda, e por onde tantos politicos teem já passado, e hão-de ainda passar talvez, sem lhe lançar os olhos.

Elle, que tinha o seu liberalismo no coração, sympathisava com todos os que padecem: com os que suam nas officinas, mal herdados da fortuna, e com os que saem dos seios de suas mães para a escuridade que regela e corrompe, ou para a escola estéril, galé millannária de innocentes.

Aceite pois elle (se ainda cura do que se passa sôbre a terra) as bençãos e as saudades de mais um peito respeitoso e agradecido, que desejára, se podesse, transformar-lhe, para incentivo a muitos, o cipreste em loireiro, e o sepulcro humilde em monumento.

Lisboa, 13 de Junho de 1868.

A. F. de Castilho

LII

Quesitos mandados por uma senhora estrangeira a Castilho

e por elle respondidos no album da mesma.

(1869?)

I — *Quelle est la disposition dominante dans l'état habituel de votre esprit?*

La compassion.

II — *Quel est le premier devoir de l'homme envers ses semblables?*

La loyauté.

III — *Quel est le plus grand attrait de la femme chrétienne?*

La patience.

IV — *Quelle est la disposition habituelle de votre âme?*

La rêverie.

V — *Avez-vous une antipathie dominante? Laquelle?*

Je hais tout ce qui est faux.

VI — *Quelle est à vos yeux la plus belle vie?*

La vie sans remords, quelle qu'elle soit du reste.

VII — *Quel est pour vous le malheur suprême?*
Celui de ceux que j'aime.

VIII — *Quelle couleur, et quelle fleur, préférez-vous?*
Le pourpre. La rose.

IX — *Qui voudriez vous être.*
Pierre II du Brésil.

X — *Où desireriez vous vivre?*
A la campagne, près de la ville, dans une maisonette bâtie par moi.

XI — *Quels sont vos prosateurs favoris?*
Alexandre Dumas parmi les modernes; parmi les anciens Pline le Jeune.

XII — *Quels sont vos poètes favoris?*
Parmi les anciens, Virgile; parmi les modernes, Hugo.

XIII — *Quel peintre et quel musicien choisiriez vous?*
Peintre, Virgile; compositeur, Rossini.

XIV — *Quel est le héros que vous aimez le mieux?*
Scipion.

XV — *Quelle Sainte préférez vous entre toutes?*
Sainte Elisabeth de Portugal.

XVI — *Quel est le personnage masculin de roman que vous préférez?*
Dans les romans, D'Artagnan le mousquetaire; dans la fable Orphée.

XVII — *Quel est le personnage féminin de roman qui vous charme le plus?*
Dans les romans, Clarisse Harlowe; dans la fable, Andromaque.

XVIII — *Quelle nourriture préférez-vous?*
Les végétaux, et l'eau.

XIX — *Quels noms d'homme et de femme aimez-vous le mieux?*
Nom d'homme, aucun; nom de femme, Marie.

XX — *Que détestez vous davantage en ce monde?*
Le serpent, ou bien le calomniateur.

XXI — *Quelle est la plus exécrable figure de l'Histoire?*
Hudson Lowe.

XXII — *L'état actuel de votre âme?*
Apathie, et mécontentement.

XXIII — *Quelles sont les fautes pour lesquelles vous vous sentez le plus d'indulgence?*
Celles qui tiennent à la faiblesse du cœur.

XXIV — *Votre devise?*
Rien n'est beau que le vrai.

LIII

Carta a J. G. Gomes Coelho (Julio Diniz)

acerca do seu romance UMA FAMILIA INGLEZA.

(1868)

Ex.mo Snr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Recebi, mas só muitos dias depois, o exemplar, com que V. E. me obsequiou, do seu romance *Uma familia ingleza.*

Dizer a V. E. que nos lançámos a elle com verdadeira soffreguidão, fôra uma superfluidade; acrescentar que o levámos de um fôlego, sem a minima distracção, até á ultima pagina, e que depois d'ella nos estava ainda inteiro o apetite para o dobro ou o triplo, outra superfluidade não menos excusada.

Sim senhor: a sua inglezinha não é menos para amores que a Margarida. Esta sua segunda filha ha-de-lhe dar tanta glória como a primogenita; e se lh'a não der maior, é porque não pode ser.

Coisa muito para se citar com louvor e admiração n'este seu novo livro, é (quanto a

mim) que, sendo tão sobrio o enrêdo, e tão pequeno o theatro da acção, o interesse d'ella é todavia dos mais poderosos. O talento real foi sempre assim, e assim é tambem em todos os seus poemas a Natureza: de elementos minimos compõe, sem exfórços nem violencia, os maximos effeitos.

Deus o conserve (e já se vê que o ha-de conservar até ao fim) no optimo systema que adoptou.

Outros que o elogiem (e com esses tambem eu faço côro) como escritor de romances já distintissimo, não só para entre nós. Eu, por cima d'esse mérito reconheço-lhe ainda o de philósopho e moralista, que algum dia tem de ser collocado entre os de primeira plana. Theophrasto e La Bruyère não debuxaram com mais exacção os caractéres. Balzac mesmo não lê mais por dentro nos individuos. V. E., além do esmero com que nos pinta o mundo exterior, e nos photográpha a sociedade, tem o raro don da intuspecção no mais eminente grau. Cumpre o *nosce te ipsum*, ¡sciencia rara! e ousa (o que tambem não é vulgar) não desviar jamais os olhos da eterna maxima, risota hoje para muitos:

Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable.

Agora, se, depois de me atrever a apontar-lhe o que em V. E. me captiva, como a todos, me pode ser consentido aventurar um conselho, só ditado pelo empenho de o ver perfeito, pedirei a V. E. que, para as suas obras seguintes, forceje por se conchegar cada

vez mais com a vernaculidade d'esta nossa tão bem dotada Lingua, e que, por isso mesmo, tanto merece ter em V. E. um seu futuro classico dos maiores quilates.

Muitas paginas das suas, sem deixarem de ser portuguezas, teem (e a rasão, ou rasões, que para isso ha, facilmente se concebem) um cheiro mais da França que da nossa terra; ¿e quer V. E. ver a prova? eil-a aqui, e parece-me irrecusavel: muitos capitulos seus, especialmente n'este segundo romance, sem se poder bem affirmar que desdizem do nosso falar genuino, correm todavia tão impregnados do estylo, da locução, e (como dizem) do *espirito* parisiense, que nada seria mais facil que passal-os para logo ao mais puro francez.

Não chamarei a isto um peccado *mortal;* e creio até... (á puridade lh'o confesso) que o nosso idioma, como alguns outros (porém o nosso mais que todos), tende já inevitavelmente á total absorpção e assimilação do francez; e sei até, que para muitissimos dos nossos leitores o afrancezado do estylo é já por si uma grande recommendação. Todavia, quizera que os homens mais insignes d'este pobre cantinho, que ainda conserva a sua autonomia, e a deve zelar por todos os modos, fossem os ultimos em ceder á torrente, e lhe resistissem, ainda sabendo que ella ao cabo os devia de afogar!

Cultivemos, muito nas boas horas, e com a melhor vontade, o francez, para o interesse das sciencias, das artes, da civilisação, e de muitas outras coisas bonissimas. Ninguem, mais do que eu, ama a França e os seus

talentos maravilhosos. Mas para a Literatura, bom é que nos conservemos, quanto e em quanto podermos, independentes, e anteponhâmos ao falar de lá aquella nativa fala em que nos criaram as nossas mães e os nossos campos, e da qual ainda nos correm vertentes caudaes dos livros pulverulentos, atrazados, e indigestos, dos nossos classicos, e até das conversações dos nossos criados velhos e dos nossos serranos.

Tudo isto o sabe, e o sente V. E. melhor do que eu; e lá está, para o demonstrar, quasi todo o volume das *Pupillas do senhor Reitor*. Portanto, o que n'este logar lhe estou pedindo, não é de certo um sacrificio, e muito menos uma novidade; é só que: podendo-nos enriquecer, e tendo-nos já opulentado a tantos respeitos, complete a sua corôa literaria com o laurel de puritano.

Outro só reparo faria eu, ainda que menos affoitamente: e seria que, para a minha maneira particular de sentir, ha talvez, de longe em longe, nos escritos de V. E. uma (¿como direi eu isto?) uma especie de minuciosidade, particularmente no tocante á analyse dos affectos, que afrouxa momentaneamente o interesse das narrações. Este defeito (se *defeito* é) teem-n-o em commum V. E., Walter Scott, Cooper, Hugo, e, mais que todos, o seu irmão primogenito, o autor da *Comedia humana*. Ha quasi gloria, confesso, em commungar com taes homens. Não obstante, a sobriedade não mesquinha de Moliére (o primeiro poeta do Universo, como no seu enthusiasmo o intitula o meu amigo Julio Janin) tenho que é mais invejavel e

mais para ser citada n'esta parte como bom modelo.

Se é isto minucia, ou tontaria minha, V. E. que m'a perdôe, lançando-a á conta do empenho com que me desvelo na sua gloria.

V. E. está ainda muito môço; vai n'uma edade em que se pode muito, e se pode tudo que de veras se quer. Possue além d'isso um optimo senso, um gôsto dos mais seguros, e uma vontade, que não recúa diante da escabrosidade dos trabalhos.

Se, portanto, os meus dois alvitres, ou algum d'elles, lhe tocar, certifico que d'aqui avante os seus poemas (assim podemos já chamar ás suas obras) teem de sahir ainda mais para admirações que os precedentes.

Acabo de fazer, como de si diz Horacio, vezes de pedra de amolar, que, sendo ella propria incapaz de cortar, põe o ferro em estado de cortar melhor.

Adeus, meu caro, meu prodigioso poeta. Creia nas veras com que me assigno.

De. V. E.
admirador, confrade
amigo, e servo muito
obrigado.

Lisboa 15 de Junho
de 1868

A. F. de Castilho.

LIV

Do valor e aproveitamento do tempo

(Carta de Séneca, o philósopho, ao seu discipulo Lucilio).

TRADUCÇÃO.

(1871)

Continúa assim, meu Lucilio: resgata-te; colhe e enthesoira o tempo, que ainda, ou te roubavam, ou te subtrahiam, ou se te desperdiçava.

Convence-te de que é como te escrevo: horas ha, de que á fôrça nos desapossam; outras, que insensivelmente nos furtam; e outras, que per si se nos escôam. De todas estas perdas a mais vergonhosa é a que nasce da negligencia.

Se bem advertires, o mais da vida vai-se a fazer mal; muito d'ella, a não fazer coisa alguma; a totalidade, a fazer diverso do que se devêra.

Mostra-me, se pódes, homem que dê ao tempo algum valor; que aprecie o que vale um dia; que de si entenda estar morrendo quotidianamente.

Porque has-de tu saber, que é este um en-

gano em que todos cahimos: cuidamos ver a morte para diante, e grande parte d'ella já se nos ficou para traz. Todo o espaço vivido jaz morto.

Faze pois, Lucilio meu, o que me escreves que já estás fazendo: abraça todas as horas. Tanto menos dependerás do *amanhan*, quanto mais houveres segurado o *hoje*.

Em quanto vamos transferindo, vai-se-nos a vida transcorrendo.

Meu Lucilio, tudo mais é alheio; só o tempo é que é nosso. Havendo-nos a Natureza concedido posse d'esta coisa unica, tão fugaz e escorregadia, quem quer nos esbulha d'ella; e tamanha é a insensatez dos mortaes, que, deixando-se elles obrigar por quaesquer coisas que obtiveram, minimas, vilissimas, e em todo o caso recobraveis, só aquelle que tomou o tempo a outrem, cuida que nada lhe ficou devendo, sendo aliás o tempo o unico bem, que, uma vez tomado, nem o mais agradecido podia restituir.

Perguntar-me has, talvez, o que faço eu proprio, que assim te aconselho. Confessar-t'o-hei ingenuamente: faço como os que vivem no luxo, sem todavia se descuidarem de assentar as suas contas. Não posso dizer que nada perco; posso porém dizer o que perco, por que o perco, e como o perco; posso expôr todas as causas da minha pobreza; mas succede-me como a quasi todos os que, sem ser por culpa sua, se vêem reduzidos á miseria: toda a gente lhes perdôa, e ninguem os soccorre.

Entendâmo-nos: eu não tenho por pobre o que se contenta com o que lhe fica, por

poucochinho que seja. Desejo porém que tu faças ainda mais e melhor: zela os teus bens, e começa em quanto a opportunidade t'o consente, pois (como lá diziam os nossos Antigos) tarde vem a poupança quando a tulha vai no fundo; porque nos residuos não está só o minimo, está tambem o menos bom.

Saude.

Commentario de Castilho a esta carta, feito em 1871, e achado entre os seus papeis.

¡Que lição tão substancial em tão poucas palavras!

¿Aproveitará ella a todos que a ouvirem? ¿á maior parte? ¿a muitos? ¿a alguns? Basta-nos que se logre a um só leitor, para a darmos por bem empregada, porque um zelador do tempo, entre tantissimos desbaratadores d'elle, é já um homem exemplar e feliz, para si, para a familia, e para a sociedade.

O desprezo do tempo é o pessimo de todos os achaques chronicos da presente geração em Portugal; vergonha e ruina para os que padecem, desherdação e contagio para os que após vierem. Todos os remedios se lhe devem tentar, até sem esperança de curativo.

Por não falarmos senão das Letras: ¡a que rapida e plena florescencia não vingariam ellas, se em terra onde tantos engenhos cria, e criou sempre, a Natureza, os mancebos, que vieram á luz originariamente pren-

dados para conquistarem celebridade, acabassem de entender que só o estudo constante, o trabalho, o apreço nunca excessivo de todos os momentos, os podiam levantar aos primeiros graus! que as verdadeiras distincções, as que teem confirmação na posteridade, não as dão Reis nem Ministros: dá-as cada um a si proprio pela diligencia.

Maravilhosamente o disse Delille n'um verso de oiro, que só á sua parte pésa volumes, e que todos os que teem alma deveriam repetir-se a si mesmos vinte e quatro vezes por dia, pelo menos:

Amis, ce temps qui fuit peut nous rendre immortels.

Aqui detemos a penna, por não incorrermos, tambem nós, na censura do bom Seneca.

LV

Na inauguração do monumento de Bocage

em Setubal, no dia 21 de Dezembro de 1871
66.º anniversario do fallecimento do Poeta.

Tu, que nos revelaste a magica harmonia
na lyra nacional antes de ti latente,
espirito de luz, relâmpago esplendente,
que descobriste á Patria um mundo de poesia,

ao Capitolio d'Arte ascende entre a alegria,
entre os vivas, da Lusa e da Brasília gente.
Se um sepulcro não tens, do berço teu florente
qual phénix immortal ressurges n'este dia.

Emmudeceste á Inveja os pérfidos agoiros;
reduzístel-a ao nada, ao pó d'onde provinha.
Em vez de ciprestal, rodeiam-te só loiros.

O Vate lê no fado, e os tempos adivinha;
não de balde exclamaste aos seculos vindoiros:
«Zoilos, estremecei. Posteridade, és minha.»

LVI

A Sua Majestade Imperial o senhor D. Pedro II do Brazil

Homenagem da Imprensa Nacional de Lisboa.

(1872)

Baixaste, viste, encheste-te
de mais saber fecundo.
De um mundo já decrépito
leva ao teu joven mundo
n'essa alma a aurora esplendida
dos grandes fados seus.

Heroe desceste o sólio,
deixando pendurada
na mór palmeira a épica,
a vingadora espada;
e ovante o Imperio incólume
saudou-te semi-deus.

A' Filha, que sollícito
no throno teu sentavas,
— «Sólta — disseste — os vínculos
«das gerações escravas.»
E ao voto dos philósophos
deu o Anjo execução.

Bençãos em côro unisono,
que ha-de eccoar na Historia,
desde os confins brazílicos
levem a vossa gloria,
do orbe culto ou barbaro
á extrema povoação.

Desceste grande e maximo
do solio mais brilhante;
e, desvestindo a purpura,
simples audaz viajante
correste o mundo, atónito
de ver te e de te ouvir.

Buscavas as sciencias,
aos sabios dando espanto;
colono, artista, artifice,
te ouviam com encanto,
que tudo em toda a Lingua
sabías exprimir.

Pasmas Britannia, Gallias,
a cavalheira Hespanha,
a Elysia terra de Italos,
a tétrica Allemanha;
e a todas na pyramyde
vais o porvir sondar.

Volney melhor, nas tacitas
ruinas das edades,
como no estuar cahótico
das vivas sociedades,
andaste ouvindo oraculos
da sciencia de reinar.

Sob o laureado tumulo
o teu Virgilio, crê-se,
de haver cantado os Cesares
quiçá se arrependesse,
e á Cúmea vate proxima
remurmurou talvez:

— «Por este é que dos seculos
«a ordem grande assoma,
«e Astreia em mundo incógnito
«funda mais alta Roma.
«Marcello este é; teu Principe
«sonhado, alfim o vês.»

Finda com ceos prospérrimos,
senhor, tua Odysseia;
vens restituir-te aos jubilos,
aos vivas de Ulysseia;
has tresdobrado glorias
ao grão Progenitor.

Podes no regio pántheon
ir a seus pés, devoto,
firmar de novo o altissimo,
o sacro-santo voto
de ser do herdado Imperio
Perpétuo Defensor.

O ceo a rir no Atlantico
te reconduza ao Throno.
Grande o desceste; sóbel-o
maior; immenso abono
dos bens sem fim, sem numero,
que hão-de por ti nascer.

Um dia, o que ás estatuas
soube antepôr ensinos,
de oiro a haverá, e auréola
de raios diamantinos,
e honroso incenso em canticos
de universal prazer.

Assim cantou prophética
musa, que ha tempo largo
jazia em melancolico
regelador lethargo;
deram-lhe abalo á cithara
mil eccos festivaes.

Em galas o dó lugubre
trocado n'um momento,
juntou sua voz ao publico
victoriador concento,
e ousou laurear-vos trémula,
brazões imperiaes.

Lisboa —— Março de 1872.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME
DAS NOVAS TELAS LITERARIAS.

NOTAS DOS EDITORES

NOTAS AO VOLUME I

Pag. 7, lin. 2 —**Joaquim Machado de Castro.**

Tocou este grande artista portuguez por padrinho do Baptismo de Castilho. Ao eminente escultor da estatua equestre d'el-Rei D. José consagrou sempre o afilhado o maior respeito e a mais ardente admiração. Conheceu-o muito, e ouviu toda a vida o ecco dos louvores que ao eminente estatuario consagram os Portuguezes.

Pag. 7, lin. 5

Aspice, ut imposito vicina in sidera surgens
stat moles immanis equo, cœlique propinqui
ardua sublimi propius videt astra colosso.

Traducção:

Repara tu no modo como essa grande figura, erguida até aos astros, campeia no seu cavallo ahi collocado, e como no seu elevado colosso avista de mais perto os altissimos astros.

Pag, 9 e seg. —**Requerimento á Directoria geral dos Estudos.**

Muito para admiração é o empenho que em tão verdes annos manifestou Castilho de

trabalhar. Gosando um rendoso officio do antigo regimem, verdadeira sine-cura, onde tinha posto um serventuario, podia dispensar-se de tarefas, ainda que (vá dito de passagem) o rendimento d'esse officio de Escrivão, Chanceller, e Promotor da Correição de Coimbra, o cedêra elle desde todo o principio a sua mãe, a quem era entregue. Mas não consentia o espirito activo e irrequieto do moço Bacharel gosar os ocios de qualquer beneficio simples. Entendeu poder concorrer á regencia da cadeira de Latim no Real Estabelecimento do Rocio. Não lh'o permittiram.

Pag. 13 lin. 2—**Charada**

A palavra (como talvez o leitor adivinhou) é *Paixão*. Deve ser da primeira mocidade do Autor esta brincadeira charadistica; e se a intercalamos entre as obras do Mestre, não é certamente como documento de elevada Literatura, mas só como mais um traço para o quadro dos costumes do 1.º quartel do seculo XIX, quando á noite, nas reuniões de familia, se matava o tempo matando charadas e enigmas. Foi-nos recitada esta, que de todo nos era desconhecida, pelo fallecido Luiz Telles de Mello, em 6 de Janeiro de 1898, n'um jantar em casa do snr. Visconde de Sanches de Baêna, em Bemfica. Achavam-se á mesma meza, alem do Visconde dono da casa, de seu filho D. Luiz de Baêna e da mulher d'este, a senhora D. Maria da Conceição Zuzarte Sárrea, as seguintes pessoas: a senhora D. Maria da Piedade Feo de Castello Branco, avó d'esta ultima, e

ainda então viva e amavel nos seus oitenta e seis invernos, e suas netas D. Maria Isabel, D. Maria da Piedade, etc., e Julio de Castilho. Não nos atrevemos a quebrar lanças pela authenticidade da charada; mas no tom e na boa metrificação, não desdiz verdade seja, da lyra juvenil de Castilho. Luiz Telles retinha-a de memoria desde longos annos, tendo-a ouvido em casa de Alexandre de Castilho, de cujas reuniões era intimo.

Pag. 15, lin. 2—Censuras ás Cartas de Ecco.

E' tambem espelho dos costumes antigos esta censura da Meza do Desembargo do Paço, ao poema castiliano. Quanto a nós, e sem querermos por forma alguma ferir opiniões contrárias, tinha a censura prévia consideraveis vantagens. N'este caso especial, comtudo, a argucia dos censores foi talvez descabida. As réplicas do joven Bacharel o mostram bem claro.

Pag. 20, lin. 14

..... Sibi convenientia finge,
scriptor. Honoratum si forte reponis Achillem,
impiger, iracundus, inexorabilis, acer,
jura neget sibi nata, nihil non arroget armis;
sit Medea ferox invictaque; flebilis Ino;
perfidus Ixion; Io vaga; tristis Orestes.

Preceitos de Horacio na *Arte poetica*. Significam:

O' escritor, conserva sempre a verosemelhança. Se a caso pões em scena o illustre Achilles, faze que appareça activo, iracundo inexoravel, acre; que negue a força do di-

reito, e só se estribe na das armas. Medéia venha feroz e intratavel; Ino se mostre lacrimosa; Ixion, perfido; Io, vagabuuda; Orestes, cheio de tristeza.

Pag. 21, lin. 2—**Resposta á Camara Municipal**

Castilho tanto pugnou por esta civilisadora ideia de assignalar os predios notaveis, que já hoje vemos em Portugal muitas lapides commemorativas do nascimento, morada, ou obito de beneméritos da nossa Historia. É uma forma visivel da gratidão nacional. Os mais damninhos inimigos de tão alto pensamento são certos proprietarios, que por compra adquirem um d'esses predios já assignalados, e o deturpam, transformam, ou demolem. Essa infelicidade coube á casa da Rua do Sol ao Rato n.º 124, onde fallecêra em 18 de Junho de 1875 o proprio Castilho; comprou-a o snr. Duque de Palmella, ou o snr. Marquez do Fayal (nunca tivemos paciencia de descer a indagar qual dos dois deva reclamar essa glória), tirou-lhe o andar superior, supprimiu-lhe quasi metade da frontaria, demoliu a camara mortuaria do Poeta, e julgou ter praticado uma nobre acção tolerando lá a antiga lapide, que n'este momento é uma falsidade historica. Seja assim. Que lhes preste. Quem mais não pode protesta, como nós fazemos, e lavra em letra redonda o seu protesto, que é duradoiro.

Pag. 25, lin. 1.—**Polemica literaria**

E' modelo de cortezia qualquer d'esses artigos, e muito para seguir-se. Infelizmente

as discussões entre homens de Letras degeneram muitas vezes em verrinas. Vadius e Trissotin deixaram descendencia.

Pag. 26, lin. 3

Ut silvæ foliis pronos mutantur in annos,
prima cadunt; ita verborum vetus interit ætas,
et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.
..... Cadentque
quæ nunc sunt in honore, vocabula, si volet usus,
quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.

Traducção:

Assim como as selvas mudam de folhas ao declinar dos annos, e as que primeiras appareceram se despegam primeiro, assim tambem a velhice vai dando cabo dos vocabulos, e em seu logar nascem outros cheio de viço.....

Hão-de decahir palavras que hoje se usam, se assim o determinar a moda, em quem reside o arbitrio, o direito, a norma do falar.

Fazemos notar o erro que os snrs. compositores d'estas obras deixaram infiltrar-se no 1.º verso. Onde se lê *spronos* leia-se *pronos*.

Pag. 35, lin. 2 — Joaquim Heliodóro da Cunha Rivara.

Diz o sempre consultavel Innocencio que nasceu em Arronches por 1807, foi Bacharel formado em Medicina, Professor de Philosophia racional e moral no Lyceu de Evora, Bibliothecario da Bibliotheca pública da mesma cidade, Associado provincial da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Deputado

ás Côrtes em 1853, Secretario geral da India.

Diz mais, parecer-lhe ter nascido em Arrayollos.

O pae era medico, e vê-se que foi bom educador; fez estudar os filhos; tres foram medicos, e um foi jurista. Um viveu e morreu em Arrayollos, outro falleceu em Villa-Viçosa, e o jurista chegou a Desembargador da Relação.

A senhora com quem Joaquim Heliodóro casou, era de Evora, e pertencia a familia abastada. Era irman de Thiago da Silva Monteiro, pae do actual engenheiro snr. Adriano Monteiro.

Joaquim Heliodóro estudava na Universidade, quando fez parte do batalhão academico. Emigrou por liberal (Vide Luna, Noticia do batalhão academico).

Teve em solteiro uma filha, hoje em Evora, e com geração; foi casada com um official de cavallaria n.º 5, de appellido Morea.

Na cidade de Evora morava Rivara na rua da Moiraria, em casa propria, apalaçada, que lhe provinha de sua mulher.

Dava-se em Evora com as pesaoas mais gradas e instruidas. A' noite frequentava o *Circulo*, especie de club, onde se entretinha a ler jornaes scientificos e literarios, nacionaes e estrangeiros. Frequentava tambem muito a sua querida Bibliotheca.

Falleceu em Evora, por Fevereiro ou Março de 1879, de uma pneumonia apanhada á sahida do theatro, que era nas chamadas *Casas pintadas*, que tinham pertencido a D. Vasco da Gama.

Deixou valiosos ineditos.

Pag. 36, lin. 17

Le portrait que je vous ai envoyé.

Refere-se Castilho a ter offerecido a Rivara a lithographia grande dos *Quadros historicos*. A composição d'esse retrato do Poeta foi, com effeito, muito criticada. Sem nos referirmos agora á engraçadissima observação formulada mais de uma vez por el-Rei o senhor D. Fernando II conversando com Castilho, só diremos o seguinte: a cabeça, copiada do natural sem que o retratado o percebesse, está exacta como semelhança; o resto não. Apparece-nos um homem agigantado, quando o Poeta era de estatura um quasi nada menor que a regular. A sua posição arrogante, o seu trajo phantasioso em mangas de camisa e capote, destôam dos usos d'elle. De Sendim já falámos n'outra parte; era artista de muito mérito, atrophiado pelo *meio* em que vivia.

Pag. 35, lin. 8

Mes nouveaux intérets de famille

Allude Castilho ao nascimento muito recente de seu filho primogenito.

Pag. 39, lin. 2

Parecer dado ao Conservatorio Real

Esta leal censura de uma farça, *cuja mesquinha e unica intenção apparente era ridiculisar um cidadão honrado e pacifico*, é um terrivel protesto contra os desmandos immoraes do Theatro.

Viu-se nos nossos dias, viu se com espanto, viu-se no theatro de D. Maria II (o *normal*), ha uns quarenta annos, apparecer em scena, em certa comedia, a figura exactissima, cruelmente exagerada em caricatura maligna, de um inoffensivo sujeito, conhecidissimo na alta sociedade, homem honrado e pobríssimo, a quem todos recebiam e presavam. Com o seu trajo cossado e fora de moda, com os seus ares fradescos e humildes, era um bom homem, um apreciavel parceiro de cassino, whist, ou voltarete, e um serviçal muito polído de todas as senhoras. Ia aos Lausperennes, jantava em casa do snr. Marquez, ou do snr. Conde, acompanhava a compras a snr.ª Baroneza, jogava com a sr.ª Viscondessa, dava o braço á sahida de S. Carlos á snr.ª Morgada, e passava o verão na quinta do snr. Duque. Todos o estimavam pelo seu genio ameno, e pelos seus ditos acaturrados. Nunca fez mal a uma môsca; e, vivendo na intimidade de muitos grandes, era um poço de segrêdos, e pessoa de absoluta confiança. Pois este bom homem appareceu no palco. O actor, o eximio imitador, o talentoso artista (já fallecido) que devia expôr este humilde no pelourinho da irrisão, Cesar de Lima, que só de nome o conhecia, seguiu-o durante semanas; viu-o no Passeio publico levando no braço o chaile de alguma senhora; viu-o nas egrejas que elle frequentava; disfarçadamente ouviu-o conversar n'algum grupo do Chiado; copiou-lhe á letra os modos, o trajo, a loquella, a melopeia afidalgada; e encarnado no typo apresentou-o cruelmente, desapiedadamente,

á sociedade. A sociedade pagou esse trabalho de espelho, sorrindo ou indignando-se. N'um dos seus escritos polemicos allude D. Antonio da Costa com energia a essa photographia theatral, e verbéra o emprezario que a tolerou.

Graças ao protesto de Castilho perante o Conservatorio, frustrou-se o designio descaridoso do autor da farça de 1840.

¡Oxalá se entendesse o quanto são reprovaveis á luz da Moral caricaturas d'este triste genero!

Pag. 105, lin. 3

Sociedade dos Amigos das Letras e Artes

Esta agremiação (que não deve confundir-se com a sua antecessora, congénere, e quasi homónyma, a Sociedade que em 1836 floresceu em Lisboa) deu consideravel impulso ao progresso e á civilisação da Ilha de S. Miguel. A sua minuciosa historia acha-se n'outra parte, e viria aqui descabida. Pode consultar-se no assumpto a *Felicidade pela agricultura.*

Pag. 111, lin. 3

Typographia Universal

Era estabelecida esta notavel emprêza typographica no palacete antigo, hoje transformado, onde se encontra o *Diario de Noticias*, na rua dos Calafates em Lisboa. Eduardo de Faria era um gentil e sympathico moço, de optima familia, muito amavel e intelligente, e que, dedicado a todos os progressos civilisadores, sonhou uma vasta Companhia editora. Era cedo; falharam as suas boas intenções.

Pag. 123, lin. 2 e seg.—**Orthographia sônica**

Foi Castilho o seu mais atrevido e dedicado preconisador. Não a introduziu em todas as suas obras, porque, não podendo escrevel-as de sua mão, tambem não a podia impôr aos seus casuaes e variados secretarios. N'um dos seus livros didacticos explanou o Poeta as suas theorias no assumpto, como o leitor verá a seu tempo.

Pag. 149, lin. 2

D. Maria Peregrina de Sousa

O leitor já tem nas *Telas literarias* o estudo, que da agitada vida d'esta talentosa senhora escreveu Castilho. Nada acrescentaremos no assumpto, a não ser o seguinte, propriamente genealogico.

Tinha-se o pae da poetisa portuense por ainda parente do Bispo Conde, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho; certamente o era; vejamos:

1 *Thomé Alves*, natural do logar da Azenha, no couto de Moreira, termo do Porto, foi casado com Maria Gonçalves, dona de uma quinta chamada do Eirado. Tiveram filho:

2 *Thomé Alves*, natural do dito logar; foi em rapaz para o Rio de Janeiro, e adoptou por nome Thomé Alves do Couto de Moreira. Casou com Michaela Pereira de Faria e Lemos, recebida com seu marido na freguezia da Sé do Rio de Janeiro, filha de Francisco de Lemos de Faria, natural da ilha do Fayal, e de sua mulher Isabel Pereira de Carvalho. Esse Thomé, 1.º do nome, foi bisavô do 1.º Brrão de Itanhaem, no Brazil, e foi tambem bisavô do Bispo Conde.

NOTAS AO VOLUME II

Pag. 5

Camões, Pombal, e Filinto.

Essa carta demonstra a flutuação e incerteza, que em 1856 agitava os espirítos em Portugal, quanto ao destino que havia de dar-se aos restos mortaes d'esses tres grandes homens. Depois de muitas discussões, levaram para os Jeronymos uns ossos que não são os de Camões; o Marquez de Pombal ficou acantoado na mesquinha egreja das Mercês; e Filinto Elysio foi collocado banalmente no cemiterio do Alto de S. João. Seja assim.

Pag. 25, lin. 2

Encyclopédia portugueza.

Quando em 1858 propunha Castilho á Academia Real das Sciencias a fundação d'essa obra colossal, era a ideia inteiramente nova entre nós. De então para cá, alguns editores a realisaram, e bem. Na proposta do Poeta acha-se tudo muito previsto e concertado; falta apenas um ponto essencial: o custeio. D'essa condição primária não diz aqui uma só palavra. ¿Porquê? talvez porque em questões financeiras não sabia elle pensar. Deixava ao Governo o encargo de auxiliar a

Academia; mas os Governas não podem tudo. A Academia, que tantas sommas consideraveis tem gasto n'outras coisas (haja vista o seu *Diccionario*, que parece pertencer á mythologia, e jaz ainda na massa dos possiveis), poderia sem duvida, se o tivesse querido, resolver o problema. Ignoramos se a proposta de Castilho teve discussão e impugnação. As actas academicas é que o sabem.

Pag. 29, lin. 2

Alegrias por uma christanzinha nova.

O Baptisado da filha primogenita, e unica, do bom Antonio da Silva Tullio e de sua mulher a senhora D. Anna de Caldas Aulete, foi uma grande alegria para todos. A infeliz criança falleceu com um ou dois annos de edade, deixando seus paes enlutados para sempre. Esta festa descrita pelo Poeta vem minuciosamente narrada n'outra parte.

Pag. 30, lin. 12

Padre José da Rocha.

Passava por ser pessoa muito erudita, e modesta. Este Prior era latinista, e d'elle faziam os estudiosos grande caso. Das suas circumstancias pessoaes nada sabemos.

Pag. 30, lin. 13

Antonio José Viale.

Este sabio, a quem tivemos a fortuna de conhecer muito de perto, honrava a Academia, honrava a Bibliotheca Nacional, e hon-

rou com a sua assiduidade e alta competencia o magisterio no Curso Superior de Letras, e até o da Casa Real, como professor que foi dos Principes. Sobre elle existe um estudo minucioso como prólogo a um dos volumes da *Lisboa antiga* por J. de C., seu discipulo, admirador e amigo.

Pag. 30, lin. 18—**José Estevam.**

O grande e incomparavel orador mostrou durante esse agradavel jantar os dotes da sua colorida loquella. Foi um assombro.

Pag. 30, lin. 19—**Luiz Palmeirim.**

Era o poeta Luiz Augusto Palmeirim, Chefe de Repartição no Ministerio das Obras publicas, e que falleceu Director do Conservatorio.

Pag. 30, lin. 20—**José Horta.**

Era José Maria da Ponte Horta, Lente da Escola Polytechnica.

Pag. 30, lin. 20—**Emilio Lami.**

Pianista de mérito, e Professor de musica na primeira sociedade.

Pag. 30, lin. 20—**Ramiro Coutinho.**

Trata-se de Carlos Ramiro Coutinho, Bacharel em Direito, e depois Barão de Barcellinhos pelo seu casamento, e Visconde de Ouguella, Ajudante do Procurador Geral da Corôa, literato e conversador chistoso.

Pag. 30, lin 23—**Avelino.**

Era Antonio Cardoso Avellino, depois Ministro das Obras publicas, etc.

Pag. 30, lin. 23—**Carlos José Caldeira.**

Este excellente homem, trabalhador, prestimoso, modestissimo, era meio irmão de José Maria do Casal Ribeiro, depois Conde do Casal Ribeiro.

Pag. 30, lin. 24—**Carlos da Cunha.**

Carlos da Cunha e Meneses, filho segundo da Casa de Lumiares, Secretario do Conselho dramatico, amabilissima e elegante pessoa, de quem todos gostavam; bemvindo em toda a parte. Tinha sido educado em Paris; a sua pronuncia parisiense, o seu sorriso palaciano, a sua cortezia grave e respeitosa, o seu trajar apurado sem affectação, tudo n'elle dava a impressão de um aristocrata francez divagando em Lisboa. O timbre da sua voz era tão bello como o seu caracter.

Pag. 30, lin. 24—**João de Andrade Corvo.**

Pessoa de alta valia. Botanico, Lente da Escola Polytechnica, Par, Diplomata, e escritor em varios generos.

Pag. 33, lin. 2—**Francisco Gomes de Amorim.**

A este literato consagrou sempre Castilho elevada consideração e amizade, que mil vezes lhe demonstrou. Se Gomes de Amorim lhe tivesse sobrevivido, havia Castilho de continuar a pagar-lhe o mesmo tributo de admiração e affecto. Castilho não pertencia ao grupo dos que esperam pela morte, para ser desagradaveis aos que em vida louvaram.

Pag. 37, lin. 2

Visita d'el-Rei D. Pedro V a uma Escola.

No palacete da rua do Sol do Rato, n.º 124, hoje mutilado miseravelmente pelo snr. Duque de Palmella, achava-se estabelecida em 1859 a escola de Meninas mantida pela benemérita Associação promotora da Educação popular, da fundação e presidencia de Castilho. Passou a casa a outros inquelinos, até que, extinta já a Associação, para ahi se mudou da rua Nova de S. Francisco de Paula, uns onze annos andados, o nosso Poeta, e ahi falleceu em 18 de Junho de 1875, n'uma sala que foi barbaramente demolida, não se sabe por quê nem para quê.

Pag. 38, lin. 6 — **Tullio.**

Antonio da Silva Tullio, um bom. Já varias vezes temos falado n'elle nas nossas annotações.

Pag. 38, lin. 6 — **Mendes.**

Manuel José Mendes, um excellente e bem intencionado cidadão, abastado negociante de bacalhau á Ribeira Velha, e efficaz preconisador das civilisadoras tarefas de Castilho. Fundou com Valentim José da Silveira Lopes o Collegio Artistico-Commercial no palacio Sarmento á Estrella em 1854, e apparecia nos corpos gerentes de todas as Associações uteis.

Pag. 38, lin. 8 — **Gonçalves.**

Era um luveiro, estabelecido no Rocio á esquina meridional da calçada que vai para

o Carmo. Homem muito influido com o principio associativo beneficente.

Pag. 38, lin. 9 -- **Baptista (Joaquim).**

Joaquim Maria Baptista, Major ou Coronel de Artilharia, sujeito applicado, e autor de um conhecido Diccionario chorographico de Portugal. Era irmão de Antonio Maria Baptista, espirito lucido, que deixou rasto literario, e coração de oiro, que soube deixar saudades.

Pag. 38, lin. 10 -- **Prior de Santa Izabel.**

O excellente Padre José Jacintho Tavares, um dos mais dedicados enthusiastas de Castilho, e Parocho admiravel, cujo nome entre os seus parochianos, ainda hoje é lembrado.

Pag. 41, lin. 2 — **Carta a el-Rei D. Pedro V.**

Declinando com todo o respeito a honra tão espontanea que lhe concedêra el-Rei, da nomeação de Lente da cadeira de Literatura moderna, especialmente portugueza, advogou Castilho mais uma vez a ideia de uma traducção completa do *Corpus auctorum latinorum*. O bondoso Soberano, occupado n'outros assumptos, não poude dar a mínima attenção ao alvitre.

Pag. 42, lin. 30

... Versate diu quid ferre recusent,
quid valeant humeri.....

São de Horacio essas sentenciosas palavras. Meditae, ou experimentae longamente, antes de vos abalançardes á execução de qualquer empreza, o pezo que os vossos

hombros recúsam, e aquelle com que elles podem.

Pag. 52, lin. 2--**José Maria Latino Coelho.**

Este instruidissimo homem, cujas faculdades intellectuaes abrangiam todas as materias, foi sempre um dos mais incondicionados admiradores de Castilho. Como este o conhecia a fundo, atreveu-se (aliás sem resultado) a recommendal-o a el-Rei D. Pedro.

NOTAS DO VOLUME III

Pag. 5, linha 19

Outro poeta. Antonio do Cabedo.

Antonio Justino Simões de Cabedo, a quem Castilho chama n'este logar seu optimo e inalteravel amigo, era um bom, e um dos exemplares mais caracteristicos da infelicidade; essa infelicidade cruel e constante começou-lhe no berço.

Nasceu em Lisboa, na freguezia de S. Julião, de um commerciante de appellido Simões, e de uma das senhoras da Casa dos Cabedos, Barões e Viscondes do Zambujal; alliança desegualissima, que indignou a familia da noiva, e fez que a expungissem dos registos genealogicos. Não commentamos o facto; repetimos (por ora sem provas) o que ouvimos a pessoa fidedigna; se o commentassemos, teriamos que addusir boas atenuantes ao procedimento dos Cabedos, gente nobre, antiga, vincular, e educada com os preconceitos da classe.

Uma inducção para fazer crer ser verdadeira esta versão que apresentamos, é o seguinte: em pequenino era de vez em quando levado Antonio, quasi em segrêdo, ao palacio Zambujal, na rua dos Cardaes de Jesus, onde o velho Barão, já talvez meio condoido

da posição falsa do sobrinho, o admittia e o acariciava.

Isto ouvimos ao proprio Antonio Justino; mas nem sabemos o nome de sua mãe, nem do pae mais que o appellido.

Cabedo, um dos mais dedicados seguidores de Castilho, e seu devotado amigo, falleceu na vespera de Natal de 1862 n'uma pequena casa da rua do Sol do Rato.

Pag. 9, lin. 4—**O Archivo pittoresco.**

D'este interessantissimo semanario foi redactor alguns annos Silva Tullio.

Pag. 17, lin. 18—**A Escola Normal.**

Funccionava então em Marvilla n'um palacio que ainda lá está, e pertencia á Casa de Abrantes.

Pag. 21 lin. 16—**Marianno Ghira.**

Era então Commissario dos estudos no Districto de Lisboa.

Pag. 22, lin. 19—**Luiz Filippe Leite.**

Director da Escola Normal, e muita vez mencionado nas obras de Castilho.

Pag. 22, lin. 23—**Francisco Vieira da Silva.**

Talentoso homem, que, tendo começado em operario typographico, se elevou pelo seu merecimento, e convivia com os homens de Letras mais nomeados.

Pag. 22, linha 26—**Mendes Leal.**

A este notavel poeta, erudito, e estadista, consagrou Castilho sempre muito sincera consideração.

Pag. 66, lin. 5 e seg.—**Critica literaria.**

Esses paragraphos, que desencadearam uma guerra selvagem, não conteem em si mesmos a minima offensa para as pessoas (então uns estudantes muito novos) a quem se allude. Pelo contrario: deveria lisonjeal os ver que o velho mestre os mencionava, e desejava chamal-os a si. Não o entenderam d'esse modo. Como toda essa tempestade n'um copo de agua se acalmou, não percamos tempo narrando a. Os odios esfriaram, os annos fizeram o seu officio de acalmadores, e cada um, dos velhos e dos novos, ficou sendo o que Deus tinha determinado que fosse; nem mais, nem menos.

Pag. 123, lin. 23—**Musas do drama.**

Na inauguração do monumento de Camões quizeram alguns que subisse á scena o drama castiliano, mas não se realisou a ideia. Na inauguração do monumento a Bocage subiu á scena a comedia de Mendes Leal: *Primeiros amores de Bocage.*

Pag. 123, lin. 28—**Alvares de Azevedo.**

Grande, indiscutivel, pujante, engenho poetico do Brazil, bem cedo mallogrado para a gloria das Letras.

———

INDICE DOS CAPITULOS

Pag.

XXXVII—Carta a Manuel Roussado acerca do poema comico «Roberto» parodia do «D. Jayme» de Thomaz Ribeiro..... 5

XXXVIII—Escola Casal Ribeiro. Carta ao redactor do semanario lisbonense «Archivo Pittoresco»..... 10

XXXIX—N'um album de pessoa desconhecida, enviado a Castilho para que o inaugurasse..... 27

XL—Carta ao livreiro Antonio Maria Pereira (pae) editor do «Poema da Mocidade» de Manuel Pinheiro Chagas..... 29

XLI—Carta ao dramaturgo Ernesto Biester acerca do seu drama «Os operarios», precedida de uma introducção de Eduardo Coelho no «Diario de Noticias» de 18 de Outubro de 1865..... 103

XLII—Carta ao Conselheiro José da Silva Mendes Leal enviando-lhe o manuscrito do romancinho «Miragens da Felicidade» por Eugenio de Castilho..... 109

XLIII—A D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.. 113

XLIV—Carta de Castilho á Camara Municipal de Setubal..... 115

XLV—Carta da Camara Municipal de Setubal a Castilho..... 131

XLVI—Resposta de Castilho á carta antecedente..... 135

XLVII—Carta a Thomaz Ribeiro depois de ouvir ler o prologo escrito por este ao poe-

Pag.

ma de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho «Uma primavera de mulher»..... 139
XLVIII—Carta ao eminente pianista Arthur Napoleão..... 141
XLIX—Carta a Arthur Napoleão..... 143
L—Carta ao notavel compositor portuguez Sá Noronha..... 145
LI—Carta ao periodico lisbonense «Diario de Noticias»..... 147
LII—Quesitos mandados por uma senhora estrangeira a Castilho e por elle respondidos no album da mesma..... 149
LIII—Carta a J. G. Gomes Coelho (Julio Diniz) acerca do seu romance «Uma familia Ingleza» 153
LIV—Do valor e aproveitamento do tempo (Carta de Séneca, o philosopho, ao seu discipulo Lucilio)..... 159
LV—Na inauguração do monumento de Bocage em Setubal, no dia 21 de Dezembro de 1871 66.º anniversario do fallecimento do Poeta 163
LVI—A Sua majestade Imperial o senhor D. Pedro II do Brazil. Homenagem da Imprensa Nacional de Lisboa..... 165
Notas dos Editores..... 169

INDICE ALPHABETICO

DAS

NOVAS TELAS LITERARIAS

N. B.—O numero romano indica o Tomo; o algarismo arabigo, a pagina.

A

Abbade Castro. Menciona-se..... II, 22
Aboim (João de) Lamenta-se a morte d'esse mavioso poeta..... ..... II, 113
Albuquerque (D. Maria Amalia de) Mãe de Thomaz Ribeiro..... II, 121
Alegrias por uma christanzinha nova II, 29 III, 180
Alliança entre o escritor e o editor. E' necesario fazel-a e consolidal-a..... I, 112
Almeida Garrett. Sobre o seu romance *O Arco de Sant'Anna* fez o musico portuguez Sá Noronha uma opera, em que se cantavam versos de Castilho..... II, 97
Acompanhou Castilho o funeral d'esse eminente confrade..... II, 101
Lamenta-se a morte de tão illustre literato II, 113
Alorna. Vide *Marqueza de Alorna.*
Alvares de Azevedo. Menciona-se esse talentoso poeta brazileiro..... III, 123
Outra vez..... ..... III, 187
Amelia (Sua Majestade a Imperatriz D.) Visitas suas ás escolas primarias pelo Methodo Castilho..... I, 126
Amorim. Vide *Gomes de Amorim.*
Anacreonte. Traducção de versos seus.... II, 13
Mensão d'esse poeta..... ... II, 35, 36
Outra mensão..... III, 31

Andersen. Poeta dinamarquez. Menciona-se o quanto lhe agradou Setubal..... III, 126
Andrade Corvo (João de) Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30
Menciona-se..... III, 182
Antonia (Sua Alteza a senhora Infanta D.) (Carta de Castilho) á *Revista contemporânea*..... II, 103
Archivo pittoresco. Referencia a essa publicação..... III, 186
Ariosto. Cita-se o seu *Orlando*..... I, 20
Empregou a oitava rima..... II, 144
Aristóteles. Allude-se de passagem ao seu famoso livro *Da Poetica*..... II, 139
Assentiz. Vide *Morgado de Assentiz*.
Associação promotora da educação popular. Mantinha uma escola na rua do Sol..... II, 37
Assumpção Rasteiro (Joaquim Pedro da). Signatario de uma carta da Camara de Setubal a Castilho..... III, 133
Attico. Vide *Pomponio Attico*.
Avellino. Vide *Cardoso Avellino*.
Ayres de Gouveia (Antonio). (Depois Bispo de Bethsaida, e hoje Arcebispo de Chalcedonia). Já em 1854 figurava como poeta e literato entre os estudantes de Coimbra..... II, 127
Azevedo. Vide *Alvares de Azevedo*.

B

Baéna. Vide *Visconde de Sanches de Baêna*.
Balsemão. Vide *Viscondessa de Balsemão*.
Balzac, Theophrasto, e La Bruyère, não conheceram melhor os caractéres humanos do que Julio Diniz..... III, 154
Baptista (Antonio Maria). Menção d'este excellente caracter..... III, 184
Baptista (Joaquim Maria), irmão do antecedente, e Vogal do Conselho de Instrucção da Associação Promotora da educação..... II, 38
Menção..... III, 184

Barão de Humboldt Saudava com respeito os *Lusiadas* do nosso Camões..... II, 150
Barata (Antonio Francisco). Teve a bondade de copiar para esta edição uma carta inedita de Castilho, que existia na Bibliotheca de Evora..... ..... I, 38
Barbosa. Vide *Soares Barbosa (Vilhena Barbosa)*.
Baroneza de Staël. Uma opinião d'essa grande mulher..... III, 40
Barreto. Vide *Franco Barreto.*
Barreto Feyo (José Victorino). Traductor de Virgilio..... III, 48
Barthèlemy. Publicou, juntamente com Méry, varias obras..... I, 56
Bello. Reconhece-se, quando vibra certa corda no nosso interior intellectual ... II, 139
Béranger. Não deixou successor ..... II, 111
Biblia. Cita-se uma sentença dos Evangelhos ..... III, 24
Biester (Ernesto). A esse dramaturgo dirige Castilho uma carta ácerca do seu drama *Os Operarios*..... III, 103
Bingre (Francisco Joaquim). Lamenta-se a sua morte..... ..... II, 113
Bocage. Seu rapido elogio como traductor III, 48
Aniquilou e dispersou a Arcadia..... III, 120
Foi a muitos respeitos um Messias nas Letras do seu tempo.. ..... III, 120
Castilho não o conheceu já, mas ouviu em criança elogios calorosos d'elle.... III, 126
Na inauguração do seu monumento em Setubal compoz Castilho um soneto.. III, 163
Bocage e Camões. Pontos de contacto entre esses dois grandes poetas..... ... III, 119
Boileau. Allude-se de passagem á sua *Arte poetica*..... II, 139
Citam-se, traduzidos em portuguez, dois versos seus..... II, 142
Cita se um verso d'elle..... III, 154
Botelho. Vide *Xavier Botelho*
Braamcamp (Anselmo José). Allusão elogiosa a esse Ministro do Reino em 1864 III, 24
Brado de aqui d'el-Rei, em favor da escola primaria ..... I, 125

Braga (Alexandre). Já em 1854 figurava como poeta entre os estudantes de Coimbra..... II, 127
Emmudeceu cedo de mais para a Poesia II, 132
Braga (Theophilo). Foi criticado por Pinheiro Chagas; a boa critica, porém, é sempre vantajosa ao criticado..... III, 66
Deixava-se na sua mocidade levar tanto nos raptos da alta philosophia transcendente, que já Castilho o não enxergava..... III, 68
Bulhão Pato (Raymundo de). Assiste a uma reunião litteraria no jardim de Castilho..... III, 62
Byron. Não deixou successor..... II, 111

C

Cabedo. Vide *Simões de Cabedo*.
Caldeira (Carlos José). Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30
Autor dos bellos relatorios sobre a escola Casal Ribeiro..... III, 9
Menciona-se..... III, 11
Leu na sessão solemne da escola Casal Ribeiro o relatorio dos trabalhos.. ..... III, 22
Nova menção d'esse prestimoso cidadão.. III, 182
Caldeira (Vide *Correia Caldeira*).
Camara Coutinho (D Gastão Fausto da) Lamenta-se a sua morte..... II, 113
Grande admirador de Bocage..... III, 126
Camara Municipal de Setubal. A essa corporação dirige Castilho uma carta..... III, 115
Ella responde com outra..... III, 131
Camões. Allude-se ás incongruencias d'esse grande poeta nos *Lusiadas*..... I, 18
Considerações sobre o sitio mais proprio para a collocação das suas cinzas... II, 5 e seg.
Os seus restos acharam se em 1836; era essa a firme convicção de Castilho... II, 8
A sua tarefa gloriosa foi solemnisar os altos feitos dos Portuguezes..... II, 114
Cita-se um verso seu..... II, 129
Por duas valiosas prendas cahiu em graça

a Thomaz Ribeiro: por ser grande patriota, e por falar portuguez optimo... II, 130
Cultivou tão bem a Lingua castelhana, que é reputado seu classico pelos eruditos do visinho reino..... II, 130
Empregou nos *Lusiadas* a estancia, ou oitava rima..... II, 144
Todos acatamos esta gloria nacional; mas se ha homem insuspeito de parcialidade nescia contra Luiz de Camões, esse homem é Castilho..... II, 149
Cita-se um verso de Camões..... II, 153
Citam-se varios fragmentos do seu grande poema..... II, 154
O seu merito moral e litterario era o do seculo XVI; o de Thomaz Ribeiro o do seculo XIX..... II, 154
Com o auxilio do latim, do italiano, e do hespanhol, regularisou e fixou a arte de escrever claro e culto em portuguez... III, 119
Foi um Messias literario..... III, 120
Camões e Bocage. Pontos de contacto entre esses dois poetas..... III, 119
Camões, Pombal, e Filinto. Menção..... III, 179
Campoamor--D. Ramon de--Empregou a oitava rima no seu poema *Colon*..... II, 144
Campo elysio, ou cemiterio de honra para illustres mortos..... II, 12
Candido Lusitano. Referencia a elle..... I, 38
Allude-se de passagem á sua *Arte poetica, ou regras da poesia*..... II, 139
Traduziu Virgilio..... III, 48
Contos matutinos. Versos de Gomes de Amorim. Apreciam-se..... II, 33
Cardoso. Vide *Nunes Cardoso*.....
Cardoso Avellino — Antonio — Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30
Menção..... III, 181
Cardoso da Fonseca. Vide *Freire Cardoso da Fonseca*.
Cardoso Vieira de Castro—José--Foi criticado por Pinheiro Chagas. A boa critica, porém, é sempre vantajosa ao criticado..... III, 66, 68
Cartas de Castilho: Ao *Diario de No-*

ticias sobre o funeral de Francisco Vieira da Silva..... III, 147
Ao eminente pianista Arthur Napoleão III, 141
A Faustino Xavier de Novaes..... II, 15
Ao periodico *A Estrella* sobre os *Quadros historicos*..... I, 30
A F. Gomes de Amorim..... II, 33
A Gomes Coelho (Julio Diniz)..... III, 153
A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (em francez)..... I, 35
Ao livreiro Antonio Maria Pereira (pae).. III, 29
Ao periodico bahiano *Correio Mercantil*.. I, 157
Ao periodico fluminense *Correio Mercantil*..... I, 153
Ao periodico fluminense *Diario do Rio*.. II, 5
Aos proprietarios da Typographia Universal..... I, 111
A' *Revolução de Setembro*, depois do funeral d'el-Rei D. Pedro V..... II, 99
A el-Rei D. Fernando ácerca de escolas primarias..... I, 125
A el-Rei D. Pedro V, depois da nomeação de Castilho para Lente do Curso Superior de Letras..... II, 41
A Thomaz Ribeiro..... III, 139
Carta de Viale a Castilho..... I, 128
Carvalho. Vide *Freire de Carvalho—Pinto Rebello de Carvalho — Vaz de Carvalho.*
Casal Ribeiro (José Maria do). Assistiu e orou em 1864, á sessão solemne da sua escola do Beato..... III, 22
Casal Ribeiro (D. Maria Henriqueta). Menciona-se essa boa senhora..... II, 29
Casas notaveis de Lisboa; proposta á Camara Municipal..... II, 21
Cascaes. Vide *Costa Cascaes.*
Castello Branco (Camillo). Rapido elogio d'esse auctor..... III, 33
Foi editado de Antonio Maria Pereira... III, 34
Castello Branco. Vide *Feo de Castello Branco.*
Casti (João Baptista). Empregou a oitava rima em composições suas de fôlego . II, 144
Castilho (Alexandre de). Conheceu em Paris o celebre Méri..... I, 54

Castilho (Antonio Feliciano de). A sua admiração a Machado de Castro inspirou-lhe em 1816 um soneto..... I, 7
Quiz entrar em 1823 por concurso para o magisterio de latim no Real Estabelecimento do Rocio..... I, 9
Compôz em rapaz uma charada á palavra *Paixão* .... I, 13
Resposta sua ás censuras que fez a Meza do Desembargo do Paço ao poema *Cartas d'Ecco e Narciso* ..... I, 17
Sua replica ás impugnações que fez o jornal *A Estrella* aos *Quadros historicos*.. I, 30
Do seu viver em 1840 acham-se varios pormenores n'uma carta intima a Rivara ..... I, 35 e seg
Motivo por que escreveu em francez a Rivara ..... I, 38
Compõe em nome de sua mulher (que não era poetisa) certos versos em francez..... .... I, 45
Recebe uma honrosa carta de Viale..... I, 128
Assiste em 1858 a um baptisado em Chellas..... ..... II, 30
Foi fundador e presidente da Associação promotora da educação popular ..... II, 38
Era em 1862 um dos raros que perseveravam incançavelmente nas tarefas literarias..... II, 114
Rapido quadro do seu viver eremitico em 1862 ..... II, 115
Caso acontecido com elle sendo estudante, uma vez que vinha com um rancho de amigos desde Santa Comba para Coimbra, Mondego a baixo. ..... II, 124
Em Abril de 1862 foi em peregrinação poetica á Lapa dos poetas em Coimbra .... II, 125
Foi em 1854 a Coimbra..... ..... II, 126
De largos annos, e por mil modos, mostrou sempre a maior admiração a Camões ..... II, 149
O seu poema *Sacrificio a Camões*..... II, 149
O seu estudo historico drama *Camões* .. II, 149
Nas notas do seu *Camões* pugnou para

que se levantasse estatua ao grande Epico, para que se lhe enthesoirassem as cinzas, para que se inaugurasse com ellas um cemiterio de honra..... II, 149
Na epistola a Sendim refere-se com subido enthusiasmo a Camões..... II, 150
Doeu-lhe ver que punham a bella estatua do Poeta n'uma praça prosaica e longe do mar..... II, 150
Concorreu com orgulhosa satisfação ao lançamento da primeira pedra do monumento ..... II, 150
Offerece a sua penna de oiro para que El-Rei assignasse o auto da inauguração do monumento..... II, 150
Alguns dos seus exforços e alvitres para o derramamento da instrucção popular..... ..... III, 13 e seg.
Dirige uma carta á Camara Municipal de Setubal a respeito de Bocage..... III, 115
Outra ..... III, 135
Commentarios seus a umas paginas de Seneca o philosopho..... III, 161
Soneto á inauguração do monumento de Bocage em Setubal ..... III, 163
Versos a S. M. o Imperador do Brazil em nome da Imprensa Nacional..... III, 165
A sua ancia de trabalhar manifestou se nos requerimentos á Directoria dos estudos..... III, 169
Foi denodado preconisador da orthographia sonica..... III, 178
Castilho (D. Emilia Augusta de). Lamenta-se a prematura morte d'essa talentosa sobrinha de Castilho..... II, 113
Castilho (Eugenio de). Autor de um romance *Miragens da felicidade*, apresentado a Mendes Leal pelo pae do auctor III, 109
Castro. Vide *Cardoso Vieira de Castro — Machado de Castro—Pereira de Castro.*
Castro e Sousa (Antonio Damaso de). — (Abbade Castro) — Menciona-se.... II, 22
Censuras ao poema *Cartas d'Ecco*..... III, 171
Cerebros pueris. São cêra molle, em que o bom e o mau se imprimem com egual

facilidade ..... II, 148
Chagas. Vide *Pinheiro Chagas*.
Charada ..... I, 13
Chôro cança, mas o riso ainda mais depressa III, 5
Cicero. Menciona-se..... I, 139
Coelho (Eduardo). Como redactor do *Diario de Noticias*, escreve um prefacio a uma carta de Castilho ..... III, 103
Coelho. Vide *Gomes Coelho – Latino Coelho — Ribeiro Ferreira Coelho*.
Coelho de Magalhães (José Estevam). Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30
Aprecia-se em dois traços esse notavel orador ..... III, 181
Commentadores fanaticos. Desfiguram e prejudicam os autores que analysam.. II, 141
Companhia editora. Como Castilho a devaneava ..... III, 37 e seg.
Conde de Linhares. Menciona-se..... II, 38
Conde do Sabugal. Lamenta-se a sua morte ..... II, 113
Condessa de Oeynhausen e Alorna, D. Henriqueta. Menciona-se..... II, 38
Confusão que modernamente se dava nas Letras ..... III, 30
Conversação preambular ao poema *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro..... II, 107 e seg.
Convivencia dos literatos entre si. Seria muito para desejar ..... III, 41 e seg.
Cordeiro. Vide *Rodrigues Cordeiro*.
Correa Caldeira (Luiz). Lamenta-se a morte d'esse fogoso e mallogrado poeta.. II, 113
Correa Garção (Pedro Antonio). Cita-se III, 112
Outra vez .... III, 121
Córtes. Aldeia junto a Leiria, onde tinha casa Rodrigues Cordeiro. Ahi esteve Castilho em 854 de visita .... II, 118
Corvo. Vide *Andrade Corvo*.
Costa (D. Antonio da). Verberou em termos energicos certa caricatura scenica III, 177
Costa (Leonel da). Traductor de Virgilio III, 48
Costa Cascaes (Joaquim da). Menciona-se II, 22
Costa e Silva (José Maria da). Lamenta-se a morte d'esse poeta e notavel biographo..... II, 113

Costa de Sousa Lobo (Antonio Maria da). Seu rapido elogio como Lente do Curso Superior de Letras ..... III, 58
Coutinho (Carlos Ramiro). Depois barão de Barcellinhos, e visconde de Ouguella. Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30
Menciona-se.. ... . III, 181
Coutinho Vide *Camara Coutinho.*
Critica litteraria..... III, 187
Critico de bem Quanto é util e prestante áquelles que critica..... III, 67
Cunha. Vide *Nolasco da Cunha — Pereira da Cunha.*
Cunha e Menezes (Carlos da). Assiste a uma festa em Chellas..... ..... II, 30
Menciona-se de novo..... III, 182
Cunha Rivara (Joaquim Heliodoro da). Carta de Castilho a elle em francez... I, 35
Quatro dados para a sua biographia..... III, 173
Curso Superior de Letras. Gosou desde a sua instauração a ventura de ter bons professores..... ..... III, 58
Cursos primarios dominicaes. Deveriam generalisar-se..... ... . III, 14
Curvo Semmedo (Belchior Torres de Sequeira) Lamenta-se a sua morte... .. II, 113
Grande admirador de Bocage..... III, 120

D

Delille Cita-se um verso seu..... III, 162
Deus (João de). Já em 1854 figurava como poeta entre os estudantes de Coimbra. II, 126
Directoria geral dos estudos. Dois requerimentos de Castilho a esse tribunal .. I, 9, 11
Dom Jayme, poema de T. Ribeiro. Como ha de classificar se? em que genero literario?..... ..... II, 137 e seg.
Duque de Palmella (D. Pedro de Sousa Holstein). Lamenta-se a morte d'esse grande estadista e diplomata, excellente cultor das Musas..... II, 113
Duque de Palmella (Antonio de Sampaio e Pina). Protesta-se contra a demoli-

ção barbara que fez da melhor parte de certo predio historico..... ..... III, 172
Nova allusão a esse vandalismo excusado. III, 183
Durão. Vide *Santa Rita Durão.*

E

Edição. E' a ponte entre o mundo dos que pensam e o mundo dos que lêem ..... III, 36
Editor. Differença entre o meramente mercantil e o literario..... III, 34
Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos). Traductor da *Lyrica* de Horacio..... III, 48
Embrexados (Quinta dos). Troca-se-lhe o nome..... II, 31
Encyclopedia portugueza. Proposta de Castilho á Academia..... II, 25
Volta-se ao mesmo assumpto..... III, 179
Ensino elementar e gratuito. Falta enorme que faz entre os progressos modernos..... II, 109
Ensino. Sem bons mestres, para nada serve. III, 16
Ermitães. São palreiros de seu natural, como as árvores e os passarinhos..... III, 29
Escola Casal Ribeiro. Carta de Castilho ao *Archivo pittoresco*..... III, 9
Em Março de 1864 celebrou sessão solemne ..... III, 9
Quadro rapido da sua fundação .... III, 18
Rapida descripção de uma sua distribuição de premios ..... III, 21
Escola Normal Primaria de Lisboa. Elogio a ella, então situada em Marvilla.. III, 17
Menciona-se..... III, 186
Escola Primaria. Um brado de aqui d'el-Rei em seu favor..... I, 125
Escolas. Sem bom ensino para nada prestam ..... III, 16
Escôlha dos livros para uso das escolas secundarias e primarias; é importante e difficillima . ..... II, 148
Espronceda. Não deixou successor..... II, 111
Estacio. Cita-se .... I, 20

Estancia, ou oitava rima. Tinha posse velha, mas não ha motivo para se conservar exclusivamente nos poemas longos II, 144
Estatua, de um poeta não é muda .. .... III, 119
Estatua equestre d'el-Rei D. José. Allude Castilho a ella n'um soneto..... I, 7
Estephania (Sua Magestade a Rainha D.). Acompanha el Rei seu marido n'uma visita a certa escola primaria. II, 37 e seg.
Estrella (A). Este jornal lisbonense impugnou uns pontos dos *Quadros historicos* de Castilho ..... I, 25 e seg.
Estrophes cantadas na opera *O arco de Sant'Anna*..... II, 97

F

Familia ingleza (Uma). Carta de Castilho a respeito d'esse romance..... III, 153
Farça indecente, reprovada por A. F. de Castilho, como censor do Conservatorio Real em 1840..... I, 39
Faria (Eduardo de). Menciona-se ..... III, 177
Federação (A). Allusão a esse periodico lisbonense de 1864..... III, 22
Felicidade pela agricultura. Allusão a esse livro de Castilho..... ..... III, 14
Felicidade pela instrucção. Allusão e esse livro de Castilho..... III, 13
Feo de Castello Branco (D. Maria da Piedade). Allude-se a essa sympathica senhora..... III, 170
Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvea (Padre José) Lamenta se a morte d'esse bom poeta horaciano..... II, 113
Fernando II (El-Rei D.) A elle escreve Castilho sobre escolas primarias..... I, 125
Ferraz. Vide *Silva Ferraz*.
Ferreira (D.or Antonio). Citam-se versos d'esse quinhentista..... II, 132
Ferreira Vide *Ribeiro Ferreira*.
Ferreira dos Santos Silva (João) filho do Barão de Santos. Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30

Feyo. Vide *Barreto Feyo.*
Filinto Elysio. Considerações sobre o sitio da sua sepultura..... II, 5 e seg.
Traduziu a *Lyrica* de Horacio .... III, 48
Filinto, Camões, e Pombal..... III, 179
Fonseca (Antonio Manuel da) Academico das Bellas Artes, illustrador do 3.º *Quadro historico* de Castilho..... I, 25
Fonseca (Pedro da) Allusão aos seus *Elementos de poetica* tirados de Aristoteles II, 139
Fonseca. Vide *Freire Cardoso da Fonseca —Sergio da Fonseca.*
Fonseca Magalhães (Rodrigo da). Acompanhou Castilho o funeral d'esse notavel estadista..... ..... II, 101
Menção de um longo officio que lhe dirigiu Castilho..... III, 14
Forteguerra (Nicoláu) Empregou a oitava rima em poemas seus..... II, 144
Fortuna. Reprehende-se-lhe injustamente o ser madrasta para com os grandes homens..... ..... III, 120
Franco. Vide *Soares Franco.*
Franco Barreto (João) Empregou a oitava rima na sua *Eneida portugueza*..... II, 144
Traduziu Virgilio..... III, 48
Freire (P^e^ **Francisco José**). Vide *Candido Lusitano.*
Freire Cardoso da Fonseca (José) Lamenta-se a sua morte ..... II, 113
Freire de Carvalho (Francisco). Allude-se de passagem ás suas *Lições elementares de poetica e eloquencia* ..... II, 139
Freitas Moniz (Jayme Constantino de) Seu rapido elogio como Lente do Curso Superior de Letras..... III, 58

G

Garção. Vide *Corrêa Garção*
Garcia de Mascarenhas (Braz). Autor do *Viriato tragico.* Era natural de Avô, nas ribas do Alva..... II, 121
Transcrevem-se versos seus em que descreve a sua terra... .... II, 122

Empregou a oitava rima no seu *Viriato*.. II, 144
Garrett. Vide *Almeida Garrett*
Gayo. Vide *Silva Gayo*
Gessner. Cita-se..... I, 22
Ghira (Marianno). Commissario dos estudos em Lisboa..... III, 22
Menciona-se..... III, 186
Goethe. Não deixou successor..... ... II, 111
Gomes de Amorim (Francisco). Carta de Castilho a elle..... II, 33
Menciona-se..... III, 182
Gomes Coelho (Julio Diniz). Escreve lhe Castilho a respeito de um romance... III, 153
Gonçalves. Vogal da Associação de educação popular..... ..... II, 38
Era um luveiro do Rocio..... III, 183
Gouvêa. Vide *Ayres de Gouvêa—Fernandes de Oliveira Leitão Gouvêa*
Grande (José Maria). Doutor e Par do Reino. Lamenta-se a morte d'esse talentoso funccionario, e bom poeta lyrico II, 113
Graziani (Jeronymo). Empregou a oitava rima em poemas..... II, 144
Groot Pombo (José de). Signatario de uma carta da Camara de Setubal a Castilho..... III, 133

H

Harmodio. Menciona-se..... III, 31
Hesiodo. Menciona-se..... I, 18
Holstein. Vide *Duque de Palmella*
Homenagem da Imprensa Nacional de Lisboa ao Imperador do Brazil..... III, 165
Homero. Menciona-se..... I, 18
Outra vez..... I, 20
Horacio. Citações.. ..... . I, 20, 26, 143
II..... 42, 116, 143, 150, 160
III..... 97, 171, 173, 184
Horacio. Allude-se de passagem ao seu tratado *De arte poetica*, ou epistola aos Pisões ..... II, 139
Horacio e Virgilio. Mil vezes traduzidos em portuguez, estão ainda por traduzir... III, 48

Horta. Vide *Ponte Horta.*
Hugo (Victor). Allude-se a elle..... II, 109
Outra vez..... II, 111
A sua influencia em Thomaz Ribeiro chegou tarde..... II, 131
Citam-se versos do grande poeta ..... II, 162
Humboldt. Vide *Barão de Humboldt.*
Hymno do trabalho, versos de Castilho, musica de Moraes Pereira, cantava-se no fim do drama de Biester *Os operarios* ..... III, 108

I

Ideias de critica, do bello, da arte, da natureza, do verdadeiro, e do falso, achamse hoje confundidas ..... III, 30
Imprensa Nacional. Na visita que lhe fez S. M. o Imperador do Brazil foram estampados versos de Castilho..... III, 165
Imprensa portugueza. Em geral não tem até hoje comprehendido a sua propria importancia.. ..... I, 112
Infanta D. Antonia (A senhora)..... II, 103
Instrucção popular. Parece que não a querem em Portugal ..... III, 11

J

Janny (D. Amelia). Ao notavel talento d'esta poetisa de Coimbra allude Castilho. II, 126
Jauregui (D. Juan de). Traductor castelhano do *Aminta* do Tasso ..... I, 23
Jayme (Dom), poema. Será epopeia ? Não é. II, 137
Será poema historico ? certamente que não ..... II, 138
Será tragedia? Não. Drama? tambem não II, 138
Lembra uma vezes Bernardes, outras Camões, outras Hugo, outras Schiller, outras Gessner, outras Francisco de Moraes, outras Gil Blas..... II, 141
A sua linguagem é boa ..... II, 142
O seu estylo é variado ..... II, 143

A sua metrificação é correcta ..... II, 144
E' uma proclamação aos brios patrioticos II, 153
Rapido elenco das bellezas do poema II, 155 e seg.
Deve ser imposta a sua leitura ás escolas primarias ..... II, 157
Transcripção de um trecho..... II, 164
Mereceu uma parodia a Manuel Roussado III, 5
João VI (El-Rei D.) Agraciou com uma gratificação pecuniaria, em 1816, o grande estatuario Machado de Castro..... I, 7
Job. Fala em certos passos como inimigo da Religião..... I, 21
Julien. Vide *Paris* (*Julien de*).

K

Kock (**Paulo de**). Menciona-se..... I, 51

L

La Bruyère, Theophrasto, e Balzac, não conheceram melhor os caractéres humanos, do que Julio Diniz..... III, 154
Lamartine. Não deixou successor..... II, 111
Lami (**Emilio**). Musico portuguez. Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30
Menciona-se outra vez..... III, 181
Lapa dos poetas em Coimbra. Ahi foi em peregrinação saudosa Castilho em abril de 1862..... II, 125
A esse lindissimo sitio deveriam os poetas celebrar romaria annual..... II, 127
Lapides commemorativas. Proposta á Camara..... II, 21
Latino Coelho (**José Maria**). Castilho indigita esse notavel homem a el-Rei D. Pedro V para Lente do Curso Superior de Letras..... II, 52
Menciona-se..... III, 185
Leitão. Vide *Lima Leitão.*
Leitão de Gouvêa. Vide *Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvêa.*
Leite (**Luis Filippe**) Traductor de Saint-Germain Le Duc. ..... I, 132 e seg.

Orou na sessão solemne da Escola Casal Ribeiro em 1864..... III, 22
Menciona-se outra vez..... III, 186
Leitura Será inutil, em quanto não houver para o povo obras boas..... ..... I, 111
Lemos (João de). Deixou-se de poetar este grande artista da palavra..... II, 132
Leon (José Maria). Actor e poeta Castelhano, com quem Thomaz Ribeiro conviveu em Viseu..... II, 131
Lima (Cesar de). Talentoso actor. Caricaturou cruelmente em scena uma pessoa inoffensiva..... III, 176
Lima Leitão (Dr. Antonio José de). Lamenta-se a morte d'esse sabio medico e poeta..... II, 113
Traductor de Virgilio..... III, 48
Linguagem. A de Julio Diniz podia e devia ser mais portugueza do que é. Conselhos paternaes..... III, 154 e seg.
Linhares. Vide *Conde de Linhares.*
Lino. Menciona-se esse antiquissimo poeta grego..... ..... III, 31
Livrinhos d'oiro. Publicação intentada pela empreza Faria & C.ª..... I, 117
Livros. Momentosissima coisa é a escolha d'elles para as escolas..... II, 148
Lobo. Vide *Costa de Sousa Lobo — Rodrigues Lobo.*
Logares memoraveis. Proposta á Camara Municipal de Lisboa ..... II, 21
Lopes de Mendonça (Antonio Pedro). Rapida menção da subita alienação mental d'esse talentoso homem, fatalmente inhibido de exercer o seu logar no Curso Superior de Lettras..... III, 59
Lucano. Cita-se ..... I, 20
Lusiadas (Os). São o livro mais vulgar na leitura das escolas ..... II, 149
Por esse magnifico poema ha infinita gente enthusiasmada e intolerante, que o não conhece muito nem pouco..... II, 149
Forma com a *Iliada* de Homero, a *Eneida* de Virgilio, e a *Jerusalem* do Tasso um dos quatro monumentos epicos

mais sublimes do mundo..... II, 150
São o brilhante sacrario das inextinguiveis glorias portuguezas..... II, 150
São as horas diurnas e nocturnas de todos os devotos das Musas..... II, 150
Apesar de todo o seu alto merito, são intrusos na escola primaria..... .... II, 150
A sua linguagem foi a melhor do seu tempo; hoje é anachronica, e inintelligivel muita vez para estudantinhos primarios II, 151
Os bons costumes são lesados no poema; circumstancia que basta para o não entregar á escola primaria..... II, 151
Respira este poema um espirito aventureiro e bellicoso, descabido hoje. No tempo de Camões era isso um predicado ..... II, 151
A persuasão moral que se aspira n'este poema, é (antes de mais nada) o amor patrio..... II, 151
A inconciliavel mistura de crenças pagans com a do Christianismo póde perverter os instinctos logicos da mocidade. ... II, 151
As notícias sacras e profanas, historicas e fabulosas, são alludidas tão de leve, que só um erudito as commenta e percebe .... II, 151
A sua versificação era magnifica no seculo XVI; hoje está falha..... II, 152
A grammatica, para ouvidos delicados modernos, é não raro offendida n'este poema II, 152
Nada vai fazer este poema na escola primaria ..... II, 153
Apesar de todos os reparos, é ainda assim este poema maravilhoso..... II, 153

M

Macedo (José Agostinho de). Empregou a oitava rima no seu poema *O Oriente* II, 144
Grande admirador de Bocage, apesar das invectivas reciprocas..... III, 120
Machado (Julio Cesar). Foi editado de Antonio Maria Pereira ..... III, 34

Machado de Castro (Joaquim). A elle dirigiu Castilho em 1816 um soneto..... I, 7
Agraciado em 1816 por El-Rei D. João com uma gratificação pecuniaria..... I, 7
Allusões ao grande escultor ..... III, 169
Madrépora. Beneficente sociedade instituida no Brazil por Portuguezes. Elogia-se III, 20
Allude-se a ella ..... III, 25
Mãe (A) do enjeitado. Drama de Thomaz Ribeiro ..... II, 131
Magalhães. Vide *Coelho de Magalhães — Fonseca Magalhães — Pinto de Magalhães.*
Maldonado. Vide *Pimentel Maldonado.*
Malhão. Vide *Silveira Malhão.*
Manitto. Vide *Rodrigues Manitto.*
Manzoni. Não deixou successor ..... II, 111
Marecos (Ernesto). Já em 1854 brilhava como bom engenho poetico entre os estudantes de Coimbra..... ..... II, 127
Marecos. Vide *Pereira Marecos.*
Maria II (S. M. a Rainha D.). Visitas suas ás escolas primarias pelo methodo Castilho ..... I, 125
Marini (J. B.). Empregou a oitava rima em varias poesias..... II, 144
Marquez de Pombal. Considerações sobre o sitio proprio para a sua sepultura. II, 5 e seg.
Marqueza de Alorna. Lamenta-se a sua morte ..... II, 113
Grande admiradora de Bocage..... III, 126
Mascarenhas (D. Carlos). Menciona-se.. II, 38
Mascarenhas. Vide *Garcia de Mascarenhas.*
Massuelos Pinto (José Nicolau de). Grande admirador de Bocage ..... III, 126
Mello. Vide *Telles de Mello.*
Mendes (Manuel José). Menção ..... III, 183
Mendes (Odorico). Traductor de Virgilio.. III, 48
Mendes. Vide *Silva Mendes—Silva Mendes Leal.*
Mendonça. Vide *Lopes de Mendonça.*
Menezes. Vide *Cunha e Menezes.*
Mery. D'este auctor francez era Castilho muito admirador..... I, 53

Duas traducções de obras d'elle ..... I, 59, II, 53
Como Castilho o apreciava..... I, 56, e seg.
Companheiro e collaborador literario de Barthèlemy ..... I, 56
Mestres. Sem bons methodos de ensino, para nada prestam ..... III, 16
Devem ser bem remunerados..... III, 14
Methodo portuguez de leitura. Apreciação..... III, 23
Metrificação. Considerações geraes... II, 144 e seg.
Meza do Desembargo do Paço. Censuras ao poema *Cartas d'Ecco e Narciso*.. I, 15 e seg.
Mocidade, da mulher. Descripção linda.... I, 47
Modelos gregos e romanos. Devem ser dados á juventude literaria..... III, 45
Mondego (O) e os campos de Coimbra teem por officio namorar e distrahir o laborioso rancho da estudantina..... II, 124
Moniz Vide *Freitas Moniz*.
Monumentos aos grandes homens. Devem ser uteis, e não simplesmente ostentosos..... III, 117
Morgado de Assentiz. Lamenta-se a sua morte ..... II, 113
Grande admirador de Bocage .. .. III, 126
Morte. Idealisa os homens notaveis. Aos vivos pouco apreço damos em geral.... II, 157
Moscho Menciona-se..... III, 31
Mosqueteiros d'Africa (Os). Rapida apreciação d'esse romance de Mendes Leal. III, 109
Mousinho de Quebedo (Vasco). Empregou a oitava rima no seu *Affonso Africano*, e no seu *Triumpho*..... II, 144
Justo seria erguer-lhe em Setubal algum padrão commemorativo..... III, 125
Mundo. Não se apressa, por mais que se impacientem os bons desejos do homem..... III, 11

N

Napoleão (Arthur). A esse eminente musico portuguez dirigiu Castilho duas cartas ..... III, 141, 143

No album do professor Narciso José de Moraes ..... I, 151
No album de D. Maria Peregrina de Sousa I, 149
Noite (Uma) no serralho. Conto de Méry. II, 53
Nolasco (Vicente Pedro). Lamenta-se a sua morte ..... II, 113
Grande admirador de Bocage. .... III, 126
Noronha. Vide *Sá e Noronha.*
Novaes. Vide *Vieira Novaes.*
Novellas venenosas e doentías do ciclo romantico, verberam se..... I, 50
N'um album..... I, 109, I, 121
N'um album de pessoa desconhecida ..... III, 27
Nunes Cardoso. Lamenta-se a morte d'esse poeta, hoje aliás desconhecido ..... II, 113

O

Obras literarias uteis. Meio de as realisar e propagar..... ..... I, 114
Oeynhausen. Vide *Condessa de Oeynhausen.*
Oiteiros poeticos. Agonisavam quando Castilho começou a poetar..... III, 127
Deveriam introduzir-se novamente em Portugal..... III, 127
Oliveira Leitão de Gouvea. Vide *Fernandes de Oliveira.*
Operarios (Os). Drama de Biester.. III, 103 e seg
Operarios. Todos nós o somos n'este mundo III, 107
Paralello entre o braçal e o intellectual.. III, 106
Orpheu. Menciona-se..... III, 31
Orthographia sónica. Exemplo..... I, 123
Foi Castilho o seu mais denodado preconisador..... III, 178
Osorio. Vide *Pinto Osorio.*
Ovidio. Menciona-se..... II, 11

P

Palha (Francisco). Menciona-se..... I, 121
Palmeirim (Luiz Augusto) Assiste a uma festa em Chellas..... II, 30
Feriou a sua Musa..... II, 132

Menciona-se..... III, 181
Palmella. Vide *Duque de Palmella.*
Parada de Gonta. D'ahi era natural Thomaz Ribeiro Descripção poetica d'essa aldeia..... II, 122
Parecer de Castilho ácerca de certa farça. I, 139
Paris (Julien de) Conceituosa regra formulada por esse insigne pedagogista. . III, 10
Allusão..... III, 24
Paródias. Castilho mostra não gostar do genero..... ..... III, 6 e seg.
Passos. Vide *Silva Passos--Soares de Passos.*
Pato. Vide *Bulhão Pato.*
Pedro II (S. M. o Imperador do Brazil D.) Homenagem da Imprensa Nacional a esse grande Principe..... III, 165
Pedro V (S. M. el-Rei D.) Sua visita a uma escola..... II, 37
Nomeia Castilho para Lente do Curso Superior de Letras..... II, 41
Bellas palavras pronunciadas por el-Rei em certo discurso..... II, 41
Palavras de S. M..... II, 48
Depois do seu funeral, a que, por doente, não assistiu Castilho, escreve este uma carta á *Revolução de Setembro*..... II, 99
Rapido retrato moral d'esse Soberano... II, 100
Allusão fugitiva á sua fundação do Curso Superior de Letras..... II, 129
Não attendeu el-Rei a uma justificada proposta de Castilho..... III, 184
Pelletan (Eugenio). Opinava que a poesia metrificada tinha necessariamente de morrer..... II, 107
Rebate-se essa opinião..... II, 158 e seg.
Pereira (Antonio Maria). Carta de Castilho a esse illustrado editor lisbonense sobre o *Poema da mocidade*, de M. P. Chagas..... III, 29
Pereira de Castro (Gabriel). Empregou a oitava rima na sua *Ulysseia*..... II, 144
Pereira da Cunha (Antonio). Emmudeceu cedo para a Poesia..... II, 132
Pereira Marecos (José Frederico) Lamenta-se a sua morte..... II, 113

Pereira Marecos (D. Anna). Grande admiradora de Bocage..... III, 126
Periodico dos pobres, jornal portuense em 1842..... I, 48
Petrarca. Usou a fórma de tercetos..... II, 145
Pigault Lebrun Menciona-se..... I, 51
Pimentel Maldonado (João Vicente). Lamenta-se a sua morte..... II, 113
Grande admirador de Bocage..... III, 126
Pinheiro Chagas (Major Joaquim) Menciona-se..... II, 38
Pinheiro Chagas (Manuel). A respeito do seu *Poema da Mocidade* escreve Castilho uma carta ao editor Pereira..... III, 29
Bem digno era de ser provido no logar de Lente do Curso de Letras, na cadeira de Literatura moderna..... III, 59
Facto que demonstra a sua notavel memoria..... III, 62
Pinto. Vide *Massuelos Pinto.*
Pinto de Magalhães. Assistiu a uma festa em Chellas..... II, 30
Pinto Osorio (Antonio Cyro). Lamenta-se a sua morte..... II, 113
Pinto Rebello de Carvalho (José). Lamenta-se a sua morte..... II, 113
Poesia. Tem decahido na Europa..... II, 111
Poesia maritima. Considerações..... II, 34
Poesia metrificada. Segundo Pelletan, estava predestinada a morrer algum dia.. II, 107
Polemica literaria entre um jornal lisbonense e Castilho acerca dos *Quadros historicos*..... I, 25
Polemicas literarias. Muita vez azedam-se..... III, 172 e seg.
Politica. Tem aniquilado em Portugal a Poesia..... II, 112
Pombal, Camões, Filinto. Menção..... III, 179
Pombal. Vide *Marquez de Pombal.*
Pombo. Vide *Groot Pombo.*
Pompeu. Um dito seu referido na *Pharsalia* de Lucano..... II, 125
Pomponio Attico (Tito). Dedicado amigo de Cicero..... III, 35
Ponte Horta (José Maria da). Assiste a uma

festa em Chellas..... II, 30
Menção..... III, 181
Portuguez. Escrever n'esta Lingua é estar conversando á porta fechada com uns amigos. ..... II, 158
Predios notaveis. Devem ser assignalados III, 172
Prior de Arganil. Foi em 1854, e nos annos seguintes um dedicado apóstolo da instrucção popular..... III, 21
Prologo á traducção do livro *Novo amigo dos meninos* de St. Germain Le Duc I, 132 e seg.
Proposta á Academia sobre uma Encyclopedia..... II, 25
Proposta á Sociedade dos amigos das Letras..... ..... I, 105
Proposta á Camara Municipal de Lisboa.. II, 21
Publicação de obras uteis..... I, 114
Pyramides. As do Egypto não valem uma humilde escola..... III, 117

Q

Quadrio (Francisco Xavier). Allude-se de passagem ao seu livro italiano sobre *Historia e methodo da Poesia*..... II, 139
Quebedo. Vide *Mousinho de Quebedo*.
Quental (Anthero de). Foi criticado por P. Chagas. A boa crítica, porém, só pode ser util ao criticado..... . III, 66
Deixava-se levar tanto nos raptos da alta philosophia transcendente, que já Castilho o não enxergava..... III, 68
Quental (Filippe do) tio paterno do antecedente. Já em 1854 tinha certo vulto literario em Coimbra... .... II, 127
Quesitos de uma senhora estrangeira a Castilho..... III, 149
Quinta dos Embrexados. Troca-se-lhe o nome..... ..... II, 31

R

Racine. Cita-se..... III, 97
Rasteiro. Vide *Assumpção Rasteiro*.

Rebello de Carvalho. Vide *Pinto Rebello de Carvalho.*
Rebello da Silva (Luiz Augusto). Com Biester convidou Castilho em nome do corpo literario a acompanhar o funeral d'el-Rei D. Pedro V..... ..... II, 99
Seu rapido elogio como historiador, e como Lente do Curso de Letras..... III, 58
Exerceu interinamente o logar de Lente de Literatura moderna.... ..... III, 59
Rebocho. Lamenta-se a morte d'esse esperançoso literato, que tão pouco produziu por fallecer novo por 1853, tysico.. II, 113
Requerimentos de Castilho á Real Junta da Directoria geral dos estudos..... I, 9, 11
Ribeiro (João Pedro). Cita-se um seu trecho .. .. I, 31
Ribeiro (Thomaz). Ao seu poema *D. Jayme* escreveu Castilho uma conversação preambular .... II, 107 e seg.
Sua primeira visita a Castilho, apresentado por Cordeiro .... II, 119 e seg.
Seu retrato literario e alguns dados para a sua biographia..... II, 120 e seg.
Já em 1854 tinha fama de poeta entre os estudantes de Coimbra ..... II, 126
Foi desde novo muito apreciador e leitor de Virgilio .... II, 130
Foi alto enthusiasta do grande poeta castelhano D. José Zorrilla..... ... II, 131
Em rapaz escreveu um drama *A mãe do enjeitado*..... II, 131
Formou-se em Direito em 1855..... II, 131
Em Viseu conviveu com um talentoso actor e poeta castelhano, D. José Maria Leon..... ..... II, 131
Foi Administrador de Concelho, Advogado, Deputado em 1862, mas poeta sempre..... .... II, 132
Apesar de serrano da Estrella, era muito dado, affavel, e palaciano..... II, 132
Fragmento do seu poema *D. Jayme*.. .. II, 135
Escreve-lhe Castilho uma carta a respeito do poema de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho..... III, 139

Ribeiro Ferreira (João Emilio). Pae de Thomaz Ribeiro ..... II, 121
Ribeiro Ferreira Coelho (Padre Henrique) Abbade de Santa Maria de Silgueiros, e irmão de Thomaz Ribeiro ..... II, 122
Ribeiro dos Santos (Antonio). Usou muito da mythologia.
Citam se trechos ..... I, 18
Cita-se ..... I, 21
Ricos. Appello a elles para que fundem escolas boas ..... III, 19
Riso. Cança mais depressa que o chôro .... III, 5
Rivara. Vide *Cunha Rivara.*
Roberto, ou a Dominação dos agiotas. Parodia ao *D. Jayme, ou a dominação de Castella* ..... III, 5
Rocha (Padre José da). Prior de Santa Justa, homem douto ..... II, 30
Menciona-se ..... III, 180
Rodrigues Cordeiro (Antonio Xavier). Retrato litterario d'elle, da sua indole amavel, e do seu viver ..... II, 117 e seg.
Apresenta a Castilho o moço Thomaz Ribeiro ..... II, 119
Assiste a uma reunião no jardim de Castilho ..... III, 62
Rodrigues Lobo (Francisco). Empregou a oitava rima no seu poema *O Condestabre* ..... II, 144
Rodrigues Manitto (Antonio). Presidente da Camara de Setubal, signatario de uma carta a Castilho ..... III, 133
Rodrigues Sampaio (Antonio). A este redactor da *Revolução de Setembro* escreve Castilho uma carta ..... II, 99
Rosas da Grecia, versão de Anacreonte... II, 13
Roussado (Manuel). Autor de uma parodia ao *D. Jayme* ..... III, 5
Dirige-lhe Castilho uma carta ..... III, 5
Rythmo. Importancia d'elle na linguagem literaria ..... II, 160 e seg.

S

Sá e Noronha (Francisco de). Musico eminente. Na sua opera *O arco de Sant'Anna* cantaram-se versos de Castilho... II, 97
Dirige-lhe Castilho uma carta offerecendo-lhe um volume de Anacreonte..... III, 145
Sabugal. Vide *Conde do Sabugal.*
Saint-Germain (Le-Duc). Autor de um interessante livro *Le nouvel ami des enfants*..... I, 132 e seg.
Salomão. Apresentou o impio prégando o materialismo..... I, 21
Sampaio. Vide *Rodrigues Sampaio.*
Sanches de Baena (D. Luiz). Allude-se a elle..... III, 170
Sanches de Baena. Vide *Visconde de Sanches de Baena.*
Sand (George). Menciona-se..... I, 51
Santa Rita Durão. Empregou a oitava rima..... II, 144
Santos (Francisco Alberto dos). Signatario de uma honrosa carta a Castilho III, 133
Santos. Vide *Ribeiro dos Santos.*
Santos e Silva (Thomaz Antonio dos). Justo seria commemoral-o com algum padrão em Setubal ..... III, 125
Santos e Silva. Vide *Ferreira dos Santos e Silva.*
Sapho. Traducção de versos seus..... II, 13
Sárrea. Vide *Zuzarte Sarrea.*
Saudade (Quinta da)...... II, 31
Schiller. Não deixou successor..... II, 111
Seabra. Vide *Visconde de Seabra.*
Semana (A). Jornal lisbonense de 1850. Allusão a elle..... III, 19
Sendim. Allude-se a elle..... III, 175
Seneca. Traducção de uma sua carta a Lucilio sobre o aproveitamento do tempo III, 159
Senhora (A) Infanta D. Antonia..... II, 103
Sequeira. Vide *Curvo Semmedo Torres de Sequeira.*
Sergio da Fonseca. Amigo de Castilho... I, 38

Setubalenses. Citam-se alguns, dignos de commemoração publica..... III, 125
Silva (**Innocencio Francisco da**). Menciona-se..... II, 22
Silva. Vide *Costa e Silva.—Ferreira dos S ntos Silva.—Rebello da Silva—Santos e Silva.—Vieira da Silva.*
Silva Ferraz. Já em 1854 era literato entre os estudantes de Coimbra..... ... II, 127
Silva Gayo (**Antonio da**). Já em 1854 figurava como cultor de Letras na estudantina de Coimbra..... II, 127
Silva Mendes (**Martinho da**). Signatario de uma carta da Camara de Setubal a Castilho ..... III, 133
Silva Mendes Leal (**José da**). Menciona-se II, 22
Em 1862 era dos poucos que perseveravam nas tarefas literarias..... II, 114
Orou na sessão solemne da Escola Casal Ribeiro em 1864..... III, 22
Foi editado de A. M. Pereira .... III, 34
Exerceu interinamente o logar de Lente no Curso Superior de Letras ..... III, 59
Assistiu a certa reunião literaria no jardim de Castilho..... III, 62
Escreveu lhe Castilho uma carta apresentando-lhe um romancinho do joven Eugenio de Castilho ..... III, 109
Apreciação rapida do seu romance *Os mosqueteiros de Africa*..... III, 109
Menciona-se ..... III, 187
Representação do seu drama *Primeiros amores de Bocage*..... III, 187
Silva Passos—Manuel da—(**Passos Manuel**). Lamenta-se a morte d'esse talentoso politico, orador, e poeta . ..... II, 113
Silva Tulio (**Antonio da**). Menciona-se.... II, 22
Baptisado de sua filha em Chellas..... II, 29
Foi Secretario da Associação promotora da educação popular ..... II, 38
Assiste a uma reunião no jardim de Castilho ..... III, 62
Menciona-se.. ..... III, 183
Silveira Malhão (**Padre Antonio Raphael da**). Lamenta-se a morte d'esse emi-

nente humanista, prégador e poeta.... II, 113
Simões de Cabedo (Antonio Justino). Foi vogal do conselho de instrucção da Associação da educação popular ..... II, 38
Menção fugitiva do seu fallecimento, que muito affligiu a Castilho..... III, 5
Assiste a uma reunião no jardim de Castilho ..... III, 62
Alguns traços da sua genealogia..... III, 185
Soares Barbosa (Jeronymo). Allude-se de passagem a uma sua traducção de Quintiliano e Horacio, praxistas em Letras. II, 139
Soares Franco (Francisco). Já em 1854 revelava tendencias literarias entre os estudantes de Coimbra. .... II, 127
Soares de Passos (Antonio Augusto). Lamenta-se a sua morte..... II, 113
Já em 1754 figurava como poeta em Coimbra ..... II, 126
Enterrou a Musa sob os autos forenses.. II, 132
Sociedade dos amigos das Letras e Artes em S. Miguel. A ella apresenta Castilho uma nobre proposta..... .. I, 105
Floresceu uma homonyma em 1836 em Lisboa; outra em 1848 em Ponta-Delgada ..... III, 177
Soneto de Castilho ao grande escultor Joaquim Machado de Castro ..... I, 7
Outro na inauguração do monumento de Bocage .. .. III, 103
Soulié (Frederico). Menciona-se ..... I, 51
Sousa (D. Maria Peregrina de). Quatro traços genealogicos..... III, 178
Sousa. Vide *Castro e Sousa.*
Sousa Holstein. Vide *Duque de Palmella.*
Sousa Lobo. Vide *Costa de Sousa Lobo.*
Staël. Vide *Baroneza de Staël.*

T

Talassi. Empregou a oitava rima..... II, 144
Tasso. Cita-se a sua *Jerusalem*..... I, 20
Cita-se o seu poema *Aminta*..... I, 22, 23
Empregou a oitava rima na sua *Jerusalem* II, 144

Tassoni. Empregou a oitava rima na sua *Sechia rapita* ..... II, 144
Tavares (Padre José Jacintho). Prior de Santa Isabel. Foi da Associação de educação popular ..... II, 38
Menção honrosa ..... III, 184
Télepho. A sua lança curava as feridas que fazia ..... III, 44
Telles de Mello (Luiz). Menção d'elle .... III, 170
Tempo. Seu valor e seu aproveitamento .. III, 159
Theatro. Deve ser moralisador ..... III, 105, 175
Theócrito. Menção ..... III, 31
Theophrasto, La Bruyère, e Balzac, não conheceram melhor o coração humano, do que Julio Diniz ..... III, 153
Tirão. Liberto e stenógrapho que auxiliava Cicero ..... III, 35
Tolentino. Menciona-se ..... II, 18
Torres de Sequeira. Vide *Curvo Semmedo Torres de Sequeira.*
Trabalhos escolares. Deviam ter prasos fixos ..... III, 14
Traducções de Mery ..... I, 50, II, 53
Tullio. Vide *Silva Tullio.*
Typographia Universal. Aos seus proprietarios dirige Castilho uma carta ..... I, 111
Onde era essa empreza editora ..... III, 177
Tyrteu. Menciona-se ..... III, 31

V

Valor e aproveitamento do tempo ..... III, 159
Variedade. E' constante na Natureza; indispensavel por conseguinte na Arte ..... II, 145
Vasco Fernandes (o Grão Vasco). Foi de Vizeu, ou do Rio de Loba, suburbio d'essa cidade ..... II, 121
Vasco da Gama. Obra em que trabalhava Mendes Leal em 1866 ..... III, 110
Váz de Carvalho (D. Maria Amalia) A essa talentosa escritora dirige Castilho uma quadra. ..... III, 113
A respeito do seu poema, carta de Castilho a T. Ribeiro ..... III, 139

Venturas de um millionario. Conto de Méry traduzido em portuguez..... I, 59 e seg.
Verdade incrivel. Artigo terrivel sobre certos monstruosos crimes perpetrados no Porto por infames..... I, 47
Verdades sociaes. Não se transformam em factos senão com largo trabalho..... III, 12
Versos francezes de Castilho ácerca de um desenho. .... I, 45
Versos de uma afilhada á sua madrinha... I, 107
Viale (Antonio José). Carta sua a Castilho I, 128
Padrinho de Baptismo da filha de Tullio. II, 30
Referencia elogiosa ao seu *Bosquejo metrico*..... II, 161
Seu rapido elogio como Lente do Curso Superior de Letras..... III, 58
Aprecia-se em duas palavras..... III, 180
Vida (Marco Jeronymo). Allude-se de passagem á sua *Arte poetica*..... II, 139
Vieira de Castro. Vide *Cardoso Vieira de Castro.*
Vieira Novaes (Manuel José). Signatario de uma carta da Camara de Setubal a Castilho..... III, 133
Vieira da Silva (Francisco). Orou na sessão solemne da Escola Casal Ribeiro em 1864..... ..... III, 22
Apreciação d'esse benemérito apóstolo do principio associativo em Portugal..... III, 147
A'cerca do seu funeral escreve Castilho uma carta ao *Diario de Noticias*..... III, 147
Menciona-se..... .... III, 186
Vilhena Barbosa (Ignacio de). Menciona-se..... II, 22
Virgilio. Cita-se. I, 20; II, 116; II, 117; II, 165, 166
Foi muito estimado de Thomaz Ribeiro desde a mocidade..... II, 130
Virgilio e Horacio. Muitas vezes traduzidos em portuguez, estão ainda por traduzir III, 48
Viriato. Natural de Monte Herminio..... II, 121
Visconde de Sanches de Baena. Allusão a um jantar no seu palacio de Bemfica. III, 170
Visconde de Seabra. Traductor eximio das *Satyras* e *Epistolas* de Horacio ... III, 48
Viscondessa de Balsemão, D. Catherina

enganadamente chamada D. Josepha. Lamenta-se a morte d'essa talentosa senhora ..... II, 113
Visita d'El-Rei D. Pedro V. a uma escola II, 37
Voltaire. Cita-se a sua *Henriada* ..... I, 20
Menciona se ..... I, 138

X

Xavier Botelho (Sebastião). Lamenta-se a sua morte... ..... II, 113

Z

Zorrilla (D. José). Este grande poeta castelhano foi muito do enthusiasmo de Thomaz Ribeiro ..... II, 131
Zuzarte Sárrea (D. Maria da Conceição). Mulher de D. Luiz Sanches de Baêna. III, 170

BINDING SECT. JUL 5 1968

PQ
9261
C34N6
1908
v.3

Castilho, Antonio Feliciano de
Novas telas literarias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 13 010 9